



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Reitor: Marcos Ximenes Ponte

Vice-Reitor: Zélia Amador de Deus

Pró-Reitores: Camillo Martins Vianna (PROEX)

Cristovam Wanderley Picanço Diniz (PROESP)

Joaquina Barata Teixeira (PROPLAN)

Marlene Rodrigues Medeiros Freitas (PROEG)

Vera Maria Bandeira Arruda (PROAD)

Secretário Geral da UFPA: Emanuel Gonçalves Matos

Prefeito do Campus: Abílio Augusto Velho da Cruz

CONSELHO EDITORIAL

Presidente: Zélia Amador de Deus

Membros: Anaiza Vergolino Henry, André Luiz A. Mesquita,
Ricardo Ishak, Telma de Carvalho Lobo

Representante da Biblioteca: Maria da Graça C. Ponte de
Souza

Representante da Gráfica: Ivan Cardoso Costa

CENTRO DE LETRAS E ARTES

Diretora: Telma de Carvalho Lobo

Vice-Diretora: Guilhermina Pereira Correa

Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Letras : José
Carlos Chaves da Cunha

Comissão Editorial: Audemaro Goulart, Benedito José Vianna
da Costa Nunes, Christophe Golder, Francisco
Queixalòs, José Carlos Chaves da Cunha, Leopoldina
Araújo, Luis Antonio Marcuschi, Maria do
Perpétuo Socorro Galvão Simões, Paul Rivenc.

Editor Executivo: Alexandre Mota

Capa: Francisco Cavalcante

MOARA

Revista
dos Cursos
de Pós-Grad.
em Letras
UFPA

ESTUDOS DE LÍNGUAS INDÍGENAS

ISSN 0104-0944

Moara - Rev. dos Cursos de Pós-Grad.	Belém n.4	01-190	out/95-mar-96
--------------------------------------	-----------	--------	---------------

EDITORA UNIVERSITÁRIA

Diretor: Ivan Cardoso Costa
Diretor da Divisão de Editoração: Lairson Costa
Diretor de Arte-Final e Fotocomposição: Paulo Camarão
Diretor de Produção: Luiz Carlos Galeno
Montagem : Manoel Gomes de Lima
Fotolito: Walfredo Ávila dos Santos

Periodicidade : Semestral
Endereço : *Cursos de Pós Graduação em Letras*
Centro de Letras e Artes
Campus Universitário do Guamá - R. Augusto
Correa, 1
Guamá - Belém - PA - Brasil
66075-110 Fone: (091) 211-1499; 211-1501

Catálogo: Biblioteca setorial do CLA

MOARA. Revista dos Cursos de Pós-Graduação,
em Letras/UFPA
n. 1 1993
Publicação interrompida de out/93 a set/94
n. 2 1995
n. 3 1995
n. 4 1995
Belém, Universidade Federal do Pará
Semestral
1. Lingüística. 2. Literatura I. Universidade
Federal do Pará. Centro de Letras e Artes
CDU 801

Sumário

Apresentação	
Denny Moore	5-6
A Fonologia Segmental e Aspectos Morfofonológicos da Língua Makurap	
Alzerinda de Oliveira Braga	7-22
Notas sobre a Fonologia segmental do Jo'e	
Ana Suelly Arruda Câmara Cabral	23-46
Algumas evidências lingüísticas de parentesco genético do Jo'e com as línguas Tupí-Guaraní	
Ana Suelly Arruda Câmara Cabral	47-76
Aspectos Morfosintáticos das Relações Genitivas na Língua Kayapó	
Marília Ferreira Borges	77-82
The Interplay of causative and desiderative in Guajajara	
Carl H. Harrison	83-114
Incorporação Nominal em Sikuni	
Francisco Queixalós	115-149
Retenções Lexicais no Dialeto Parkatêjê	
Leopoldina Araújo	151-190

APRESENTAÇÃO

A Região Norte do Brasil tem um número grande de línguas indígenas e um número reduzido de linguistas. Somente o Estado do Pará tem vinte e cinco línguas indígenas, aproximadamente o mesmo número de línguas existentes na Europa Ocidental. Muitas destas línguas tem pouca descrição científica. Há uma grande demanda por parte das agências governamentais, como também pelas próprias comunidades indígenas, para a assessoria de línguas em projetos de educação na língua nativa e na sua documentação e preservação.

Felizmente a Lingüística Indígena está se desenvolvendo na região, principalmente na Universidade Federal do Pará e no Museu Paraense Emílio Goeldi. Os Estudos apresentados neste volume são uma boa amostra dos interessantes trabalhos que estão sendo desenvolvidos na Universidade.

Os Artigos têm diversos assuntos, não somente de Fonologia e de Sintaxe, como também de Lingüística diacrônica. Algumas das línguas (por exemplo, Makurap e Jo'é) são pouco conhecidas cientificamente. Os Artigos são ricos em dados originais e serão de grande interesse para os especialistas em línguas indígenas brasileiras.

Prof. Dr. Denny Moore
(Museu Paraense Emílio Goeldi)

A Fonologia Segmental e Aspectos Morfofonológicos da Língua Makurap (Tupi)¹

Alzerinda de Oliveira Braga
Universidade Federal do Pará

Os Makurap, oriundos da região compreendida entre as cabeceiras (margem esquerda) do rio Branco e o alto rio Colorado no atual estado de Rondônia (Meireles, 1989), vivem hoje em dois postos indígenas: o Posto Indígena Guaporé, onde se encontra a maior parte da população, e o Posto indígena Rio Branco, onde vivem algumas famílias. Levi-Strauss (1948:361) dá a seguinte localização geográfica para os Makurap: ao longo do rio Branco, latitude 13° S., longitude 62° W.

O Posto Indígena Guaporé ou antigo Ricardo Franco, onde desenvolvemos nossa pesquisa, está localizado à margem direita do rio de mesmo nome, no município de Guajará-Mirim, em Rondônia. Ali vivem hoje cerca de trezentas pessoas divididas em nove etnias (Braga, 1992: 14): Ajuru, Arikapô, Aruá, Canoé, Cujubim, Jaboti, Makurap, Massaká e Tupari. Dentre essas nove etnias, seis ainda conservam sua língua nativa: Ajuru, Arikapô, Aruá, Jaboti, Makurap e Tupari, sendo que a língua Arikapô é falada por apenas duas mulheres. As línguas Makurap e Jaboti são as que possuem o maior número de falantes.

A língua Makurap, falada por aproximadamente quarenta pessoas, no P. I. Guaporé, está classificada como pertencendo à família lingüística Tupari do tronco Tupi (Rodrigues, 1958, 1986).

Neste trabalho apresentamos a fonologia segmental e os processos morfofonológicos já tratados em nossa Dissertação de Mestrado defendida em 1992, na Universidade Estadual de Campinas. Contudo, chamamos a atenção para o fato de que a análise que apresentamos aqui difere um pouco daquela feita na Dissertação, principalmente no que concerne ao tratamento dado aos fonemas nasais.

1. QUADRO DOS SONS

Os sons da língua Makurap são todos produzidos com corrente de ar pulmonar egressiva e, com relação à passagem do ar nas cavidades supraglóticas, podem ser colocados numa escala que vai desde a completa obstrução até a passagem livre do ar, o que nos dá a seguinte classificação: sons oclusivos, africados, flepe, tepe, lateral, fricativos, nasais, aproximantes e sons vocálicos.

1.1 SONS CONSONANTAIS

		LABIAL	ALVEOLAR	PALATO-ALVEOLAR	PALATAL	VELAR
OCLUSIVAS	EXPLODIDAS SU SO	p	t			k
		b	d			g
	TRAVADAS	p'	t'		c'	k'
	PRÉ- NASALIZADAS	^m b	ⁿ d			^ŋ g
AFRICADAS	SU SO			tʃ		
				ʃ		
	PRÉ- NASALIZADA			ⁿ tʃ		
FLEPE			ɬ			
TEPE			r			
LATERAL			l			
FRICATIVAS		β		j		
NASAIS		m	n	ɲ		ŋ
APROXIMANTES		w			y	

1.2 SONS VOCÁLICOS

	ANTERIOR		CENTRAL		POSTERIOR	
	não- arred.	arred.	não- arred.	arred.	não- arred.	arred.
ALTA	i	ĩ	i	ĩ	u	ũ
MÉDIA-ALTA	e	ẽ	õ		o	õ
MÉDIA-BAIXA						
BAIXA			a			

2. OS FONEMAS CONSONANTAIS

São onze os fonemas consonantais em Makurap e podem ser subdivididos em duas grandes classes: obstruintes (/p/, /t/, /k/ e /č/) e sonorantes (/m/, /n/, /ɲ/, /ŋ/, /r/, /w/ e /y/).

2.1. OBSTRUINTES

As consoantes obstruintes possuem alofones condicionados pela posição que ocupam na sílaba, subclassificando-se em explodidas, as que ocorrem na posição inicial de sílaba, e não-explodidas, aquelas que ocorrem na coda.

/p/	[p]	[pi'pãm]	'sombra'
	[p']	[kip']..	'árvore, pau'
/t/	[t]	[to'ta]	'gelo, granizo'
	[t']	[pot'kap']	'peixe'

	[k]	[kak ^ˀ]	'mingau'
/k/	[k ^ˀ]	[ko ^ˀ βok ^ˀ]	'marrom'
	[tʃ]	[tʃa'to]	'grande'
/ç/	[c ^ˀ]	[pac ^ˀ]	'derramado'

2.2. SONORANTES

Os fonemas sonorantes são constituídos pelas nasais, pelo tepe e pelas aproximantes.

As nasais labial, alveolar e velar possuem três alofones: uma nasal plena que ocorre diante de vogais orais e de vogais nasais no início da sílaba e depois de vogal nasal na posição de coda [m, n, ŋ]; uma oclusiva pré-nasalizada [^mb, ⁿd, ^ŋg] que ocorre sempre no início de sílaba diante de vogal oral variando livremente com a oclusiva sonora homorgânica [b, d, g]. A nasal palatal possui quatro alofones assim distribuídos: uma africada palato-alveolar [dʒ] que varia livremente com a pré-nasalizada [^pdʒ] em início de sílaba inicial de palavra; uma nasal plena [ɲ] que ocorre em início de sílaba inicial de palavra diante de vogal nasal, em sílaba medial diante de vogal oral e nasal e na posição de coda depois de vogal nasal; e uma aproximante palatal [y] que varia livremente com [ɲ]. A ocorrência dos alofones nasais ou pré-nasalizados diante de vogal oral em sílaba medial é condicionada pelo tipo de sílaba precedente: as variantes pré-nasalizadas são selecionadas sempre que a sílaba antecedente for travada. Em início de enunciado ocorre uma variação, relacionada com a tensão com que se inicia a fala, entre [^mb], [b] e [m], indo, nesta escala, do mais tenso ao menos tenso.

	[m]	[mãŋ]	'duro'
		[tãma'ri]	'jacamin'
		[marɛ'ra]	'tucunaré'
/m/	[^m b]	[arẽm ^m bo]	'macaco preto'
		[^m bare'ra]	'tucunaré''
	[b]	[bare'ra]	'tucunaré'
	[n]	[nã]	'fazer'
		[mãna'rɛ]	'peneira'
/n/	[ⁿ d]	[aõn ^m da]	'macaco preguiça'
		[ⁿ do'a]	'serra'
	[d]	[do'a]	'serra'
	[^p dʒ]	[^p dʒit ^ˀ]	'milho verde'
	[dʒ]	[dʒit ^ˀ]	'milho verde'
		[ɲã]	mãe
	[ɲ]	[tĩɲa'rɛ]	'carapanã'
/ɲ/		[pãɲã'ɲõ]	'jararaca'
		[kãɲ]	'quente'
		[tĩya'rɛ]	'carapanã'
		[pãyãýõ]	'jararaca'
	[y]	[kãy]	'quente'
	[ŋ]	[ŋẽm]	'seio'
/ŋ/ ²	[^ŋ g]	[^ŋ gi'tak ^ˀ]	'noite'
	[g]	[gi'tak ^ˀ]	'noite'

O fonema /r/ apresenta três alofones, a saber: um flepe [ʀ] um tepe [r] e uma lateral [l].

	[ʀ]	[^m ba[ɛ'ra]	'tucunaré'
/r/	[r]	[^m baɛ.'ra]	'tucunaré'
	[l]	[^m bale.'ra]	'tucunaré'

O flepe ocorre com frequência na fala dos velhos variando livremente com o tepe. Já a lateral ocorre na fala dos jovens, cuja língua materna é o português, variando livremente com o tepe. A lateral não é um som característico das línguas Tupi, por isso acreditamos que sua introdução na língua Makurap decorre da extensiva interferência que o português exerce na fala desses jovens.

A variação livre entre a lateral e o tepe ocorre diante de vogais anteriores. Não temos em nossos dados nenhuma ocorrência desse som diante de vogais posteriores ou centrais, não sendo aceito pelos falantes nesses ambientes. Assim, a palavra 'algodão' é pronunciada como [oro'ro], sendo a pronúncia com a lateral, [olo'lo], rejeitada.

O fonema /w/ tem dois alofones que variam livremente entre si em início de sílaba: a fricativa bilabial sonora [β] e a aproximante [w]. Destes dois, apenas a fricativa tem restrição de ocorrência, não ocorrendo em posição de coda.

	[w]	[a'wa]	'papai'
/w/		[aw'tik']	'forte'
	[β]	[a'βa]	'papai'

O fonema /y/ também possui dois alofones que variam livremente na posição inicial de sílaba: a aproximante palatal [y] e a fricativa palatal sonora [j], sendo que somente o alofone [y] ocorre em posição de coda.

	[y]	[pa'yo]	'pato'
/y/		[^ɲ gey'to]	'vento'
	[j]	[pa'jo]	'pato'

2.3 QUADRO DOS FONEMAS CONSONANTAIS

		LABIAL	ALVEOLAR	PALATAL	VELAR
OBSTRUENTES		/p/	/t/	/ç/	/k/
SONORANTES	+ NASAL	/m/	/n/	/ɲ/	/ŋ/
	- NASAL	/w/	/r/	/y/	

3. OS FONEMAS VOCÁLICOS

Em Makurap há cinco fonemas vocálicos orais e cinco fonemas vocálicos nasais com a seguinte classificação: vogal alta anterior - /i/ e /ĩ/; vogal alta central - /i/ e /ĩ/; vogal média anterior - /e/ e /ẽ/; vogal média posterior - /o/ e /õ/; vogal baixa central - /a/ e /ã/.

3.1 ORAIS

Dentre os fonemas vocálicos orais, somente os médios possuem alofones: [e] e [ɛ] para o fonema anterior, [o] e [u] para o posterior. A variação entre [e] e [ɛ] é condicionada pelos sons vizinhos - a média alta ocorre contígua a vogais altas e à palatal [y], enquanto a média baixa ocorre nos demais ambientes. Já entre [o] e [u] há variação livre.

/i/	[i]	[i'rikʷ]	'alegre'
/i/	[i]	[βi'ripʷ]	'vermelho'
/e/	[e]	[^h gey'to]	'vento'
		[^m bue'to]	'derrubar'
	[ɛ]	[βɛ'rɛpʷ]	'gordura, banha'
/o/	[o]	[potʷ'kapʷ]	'peixe'
	[u]	[putʷ'kapʷ]	'peixe'
/a/	[a]	[pa'katʷ]	'bossal'

3.2 NASAIS

Os fonemas vocálicos nasais têm a mesma distribuição dos orais, sendo que a realização fonética dos fonemas nasais médio-anterior e baixo-central é sempre mais alta, respectivamente [ɛ̃] e [ə̃]

/i/	[ĩ]	[a'ĩ]	'podre'
/i/	[ĩ]	[i'ɛ̃]	'pote'
/ē/	[ɛ̃]	[ɛ̃'li]	'rede'
/ō/	[ō]	[tʃɛ̃rō]	'este'
	[ū]	[tʃɛ̃rū]	'este'
/ã/	[ə̃]	[kapĩ'ə̃]	'joelho'

A afirmação de que há vogais intrinsecamente nasais na língua vem do fato de existirem vogais nasais sem condicionamento ambiental, ou seja, sem proximidade com qualquer segmento nasal como nos exemplos acima.

Em nossa análise há duas origens para as vogais nasais. Há aquelas que são intrinsecamente nasais e aquelas que são nasalizadas por estarem contíguas a outros sons nasais. A nasalização em makurap no nível fonológico é regressiva, nasalizando-se toda vogal que precede segmento nasal na mesma sílaba; já em fronteira de morfema, ela é bidirecional. (v. item 5.3)

Ex:

[amɛ̃ŋ'ko]	/ameŋko/	'onça, cachorro'
[kôm]	/kom/	'preto, sujo'
[a'tĩm]	/atim/	'cabelo'

Enquanto a nasalização da vogal que precede um segmento nasal na mesma sílaba é obrigatória, o mesmo não ocorre com a vogal que segue um segmento nasal já que a mesma pode ter uma realização oral como mostram os exemplos abaixo.

Ex:

[ma'yi]	/mayi/	'chicha' ³
[ə̃nu're]	/anore/	'surubim'
[mɛβo'ra]	/mewora/	'panela'

Esses exemplos reforçam nossa análise de que a nasalização no nível fonológico é regressiva, pois se fosse progressiva as vogais que seguem nasal nestas palavras deveriam

ser todas nasalizadas, mas isso não ocorre. Além disso, esse tipo de fenômeno se dá dentro da sílaba, pois no vocábulo [amẽŋ'ko] 'onça/cachorro', cuja divisão silábica é [a.meŋ.ko], a vogal [a], contígua a nasal [m], não se nasaliza por estar em outra sílaba. Como este há outros exemplos:

[^h doro'mã]	/noromã/	'pica-pau'
[ɛ'mãŋ]	/eman/	'semelhante, parecido'

Assim sendo, em [nẽ] 'braço' e [mõ] 'causativo' e em muitos outros vocábulos makurap, apesar da proximidade com a consoante nasal, interpretamos essas vogais como um fonema vocálico nasal e não como uma vogal nasalizada, já que assumimos que a nasalização é regressiva.

3.3 DURAÇÃO

Além da nasalidade, as vogais em makurap se opõe ainda pela duração. Identificamos dois graus de duração vocálica na língua: vogais longas e vogais breves, embora em nossos dados tenhamos poucos exemplos que evidenciam o contraste.

	[pac']	'derramado'
/a/ - /a:/	[pa:t']	posposição que significa 'de dentro de'
	[tʃãŋ]	'doce'
	[tʃã:ŋ]	'frio'
/o/ - /o:/	[i'ro]	'mau, ruim'
	[i'ro:]	'tatu'
/i/ - /i:/	[pĩn]	'arranhado'
	[pĩ:n]	'beija-flor'

3.4. QUADRO DOS FONEMAS VOCÁLICOS

	ANTERIOR	CENTRAL	POSTERIOR
ALTA	/i/ /ĩ/	/i/ /ĩ/	
MÉDIA	/e/ /ẽ/		/o/ /õ/
BAIXA		/a/ /ã/	

4. A ESTRUTURA SILÁBICA

A sílaba em makurap pode ser constituída apenas pelo núcleo expandido opcionalmente por um segmento no início e/ou na coda, não sendo, portanto, permitido o grupo consonantal. Isso nos dá quatro tipos de sílaba: V, VC, CV e CVC. Todos os fonemas consonantais podem ocupar a posição de início e de coda, com exceção de fonema /r/, que não ocorre nesta última posição.

V /o.e/ 'gordo'

VC /on/ 'eu'

CV /ma.re.wo/ 'veado roxo'

CVC /kap/ 'perna'

O acento não é contrastivo; tem função demarcativa recaindo sempre na última sílaba da palavra.

5. PROCESSOS MORFOFONOLÓGICOS

Os processos morfofonológicos mais frequentes na língua Makurap são processos assimilatórios e de enfraquecimento: vozeamento das consoantes surdas, neutralização entre as obstruintes e as sonorantes nasais que têm o mesmo ponto de articulação e a nasalização.

5.1. VOZEAMENTO

As consoantes obstruintes tornam-se vozeadas diante de consoantes sonorantes em fronteira de morfema.

Ex:

ek + ŋap = [ɛg^hgap^h] 'casa branca'
casa+branco

korop + ŋa = [korob^hga] 'vestir'
vestido+ ?

5.2 NEUTRALIZAÇÃO

As consoantes se tornam enfraquecidas em fronteira de morfemas, quando intervocálicas, havendo uma neutralização entre os fonemas como segue abaixo:

[+ labial] → /w/ to'ap + i = toawi [toa'βí] 'espelhinho'
espelho + diminutivo

tom+ om = towom [tō'βōm] 'vazio'
cheio + negação

[+ alveolar] → /r/ čat + i = čari [tʃa'ri] 'cobrinha'
cobra + diminutivo

pin + i = piri [pĩ'rĩ] 'buraquinho'
buraco+diminutivo

[+ velar] → /ŋ/ ek + i = eŋi [e'gi] 'casinha'
casa + diminutivo

5.3 NASALIZAÇÃO

A nasalização no nível morfofonológico é bidirecional. A nasalização progressiva ocorre quando um sufixo se junta a uma raiz que termine por segmento nasal e com ele forme sílaba, sendo, nesse caso, totalmente nasalizado.

Ex:

ŋem + et = [ŋẽ'wẽn] 'seio dela'
seio + det.

ŋũkan + i = [ŋũkã'rĩ] 'tucano pequeno'
tucano + diminutivo

ou quando um prefixo nasal se junte a uma raiz cuja primeira sílaba inicie por vogal, ou seja, a posição inicial de sílaba não é preenchida por segmento consonantal

mõ + akari + nã = [mõ 'ãkarĩ 'nã] 'queimar'
causativo + queimado + fazer

A nasalização regressiva ocorre quando um morfema oral ou que termine por segmento oral se junta a um outro que se inicia por segmento nasal. Nesse caso a sílaba final do morfema, ou ele todo se se tratar de um monossílabo, se nasaliza. A nasalização atinge o núcleo e a coda somente, atravessando esta última independentemente do tipo de segmento que haja nesta posição.

Ex:

kip + me = [kĩm^mbe] 'na árvore'
árvore + locativo

o + mẽpit + et = [õmẽpi'ret] 'meu filho'
1ª pessoa+ filho+ det.

Aqui também a nasalização ocorre no escopo da sílaba, sendo a posição inicial o limite do espalhamento.

Neste trabalho a nossa análise centrou-se basicamente no aspecto segmental, contudo acreditamos que o estudo dos suprasegmentos como tom, a duração e também do ritmo ajudará a explicar melhor fenômenos como, por exemplo, o espalhamento da nasalidade que, no momento, parece-nos estar ligado a estrutura rítmica da língua. Pelo que apresentamos aqui, fica evidente que a fonologia e também a morfofonologia da língua makurap têm na sílaba o seu campo de ação, ou seja, é na sílaba e pela sílaba que se explicam a maioria dos processos que nela ocorrem.

NOTAS

- 1 - Agradecemos aos professores Francisco Queixalós e Ana Suelly Arruda Câmara Cabral pelas críticas e sugestões feitas à versão inicial deste trabalho
- 2 - O som [ŋ] não ocorre diante de vogais orais como as demais nasais. Nesse ambiente ocorrem apenas os alofones [ᵑg] e [g].
- 3 - Bebida fermentada que pode ser feita de banana, de milho, de macaxeira, de cará ou de outros tubérculos. A mais comum, no entanto, é a de macaxeira
- 4 - Em nossa análise anterior tínhamos optado por não postular um fonema /y/ colocando os sons [y] e [j] como alofones do fonema nasal palatal, já que o som [y] aparece em variação livre com [ɲ] e em distribuição complementar com [ʎ], pois nunca ocorre em sílaba inicial de palavra. Contudo, vemos agora que todo fonema nasal nasaliza a vogal que o antecede. Assim, há uma diferença qualitativa entre o [y] que aparece nos dados contíguo à vogal nasal e o [y] da palavra para pato [pa'yo]. Neste último caso o som [y] não tem nada a ver com o fonema nasal, mas nos outros casos sim. Por isso, optamos por postular um fonema aproximante palatal /y/ nesta análise

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRAGA, Alzerinda de Oliveira. *A fonologia segmental e aspectos morfofonológicos da língua Makurap(Tupi)*. Dissertação de Mestrado. IEL-UNICAMP, Campinas, 1992.
- LEVI-STRAUSS, Claude. Tribes of the right bank of the Guaporé River. In: STEWARD, Julian H. *Handbook of South American Indians*, vol. 3, Washington: United States Government Printing Office, 1948.
- MEIRELES, Denise Maldí. *Relatório de Pesquisa de Campo - Survey no P. I. Guaporé*. Fundação Universidade de Brasília; Deptº. de Antropologia - NUPEC, 1989.
- RODRIGUES, Aryan D. Classification of Tupi-Guarani. In: *International Journal of American Linguistics*, 24: 231-234, 1958.
- _____. *Línguas Brasileiras*. São Paulo, Edições Loyola, 1986.

Notas sobre a fonologia segmental do Jo'é¹

Ana Suelly Arruda Câmara Cabral
Universidade Federal do Pará

1. INTRODUÇÃO.

Os dados disponíveis sobre a língua Jo'é [dʒoʔɛ] indicam que esta língua é o mais novo (até então desconhecido) membro da família lingüística Tupi-Guaraní. Os seus falantes são monolíngues e integram uma população de 131 indivíduos que vivem atualmente nas proximidades do médio Cuminapanema, rio situado no norte do Estado do Pará. As evidências existentes apontam o ano de 1987 como o ano do estabelecimento de uma situação de contato (desde então permanente) entre este grupo indígena e não-índios. Os Jo'é foram mostrados pela primeira vez ao mundo no final de 1991, quando diversos jornais e emissoras de televisão nacionais e estrangeiras fizeram com esse povo indígena as suas grandes manchetes. Oito anos se passaram desde o convívio de não-índios (americanos e brasileiros) com os Jo'é, sem que nenhuma informação lingüística tivesse sido revelada (até agora) sobre a sua língua nativa.

Este trabalho apresenta uma análise preliminar da fonologia do Jo'é (seus fonemas, a distribuição dos seus alofones, padrão silábico e algumas de suas restrições fonotáticas), incluindo algumas de suas regras fonológicas. Com este trabalho pretendemos contribuir para o conhecimento (ainda que incipiente) desta nova língua²

2. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE A FONOLOGIA JO'É.

Os dados disponíveis até o presente nos permitem propor inicialmente 25 fonemas para a língua Jo'é. São 13 as consoantes: sete obstruintes /p, t, s, k, k^w, ʔ, h/ e seis não-

obstruintes /m, n, ŋ, r, j, w/. As 12 vogais estão divididas em duas séries: uma oral /i, ε, y, a, u, o/ e outra nasal /ĩ, ê, ã, õ, ã̃, õ̃/.

2.1. CONSOANTES

As consoantes do Jo'é contrastam em cinco pontos de articulação. As oclusivas contrastam nos pontos bilabial, alveolar, velar e glotal. As fricativas nos pontos alveolar e glotal. As nasais nos pontos bilabial, alveolar e velar. Já as aproximantes contrastam nos pontos bilabial e alveo-palatal.

2.1.1 QUADRO FONÊMICO DAS CONSOANTES

	bilabial	alveolar	alveo-palatal	velar	glotal
oclusivas	p	t		k k ^w	ʔ
fricativas		s			h
nasais	m	n		ŋ	
flape		r			
aproximantes	w		j		

Exemplos contendo consoantes encontram-se a seguir:

oclusivas:

/p/ /pire/ 'peixe'	/k/ /kiʔε/ 'mato'
/εapyk/ 'sente você'	/kyky/ 'macaco'
	/apetek/ 'eu dou palmadas'
/t/ /tik/	
'ser pequeno, insignificante'	/ʔ/ /ʔaŋ/ 'aqui, esse'
/jityk/ 'batata doce'	/kyʔỹj / 'pimenta'
/apɔtat/ 'eu quero'	

fricativas

/s/ /sɔwoʔi/ 'larva'	/h/ /hɔy/ 'ser duro, forte'
/εsi/ 'meu nariz'	/ahy/ 'doer, dor'

nasais:

/m/ /mana/ 'ver'	/n/ /nã/ 'castanha do Pará'	/ŋ/ /jɛʔɛŋ/ 'fala de homem e de certos animais'
/aman/ 'chuva'		
/ɔhɛm/ 'ele sai'	/amanã/ 'eu vejo'	
	/tiaram/ 'papo'	

flape:

/ɾ/ /riru/ 'recipiente'

aproximantes:

/w/ /wɾe/ 'madeira'	/j/ /jityk/ 'batata'
/patawa/ 'tipo de cesta usada por homem'	/kujã/ 'fêmea'
	/ɔj/ 'alimentar'

O quadro apresentado em seguida descreve as consoantes fonéticas do Jo'é. As consoantes são rotuladas de acordo com o modo (oclusivas, fricativas, nasais, flapes, aproximantes - semivogais) e ponto de articulação (bilabial, alveolar, pós-

alveolar, alveo-palatal, palatal, velar e glotal), assim como em relação a sua sonoridade (surdas e sonoras). Na produção dos sons bilabiais o membro ativo não é o lábio inferior, mas a parte superior do enfeite labial³.

2.1.2 QUADRO FONÉTICO DAS CONSOANTES

ponto		bilabial	alveolar	pós- alveolar	alveo- palatal	palatal	velar	glotal
modo	surdas	plenas	p	t t'			k k'	ʔ
		palatalizadas		tʃ			kʃ	
oclusivas	sonoras	labializada				c ^w		
		plenas	b	d			g	
	sonoras	pré- nasalizadas	^m b	ⁿ d			^u g	
		palatalizadas	bʃ	dʃ			gʃ	
africadas	surdas				tʃ ⁴			
	sonoras			ɖ	ɖʃ			
fricativas	surdas	plenas	ɸ	s		ʃ		h
	sonoras	palatalizada						hʃ
	sonoras	plenas	β			z		
nasais		m	n	ɳ		ŋ		
flapes	pleno		r					
	palatalizado		rʃ					
aproximantes	orais	w			j			
	nasalizada				j̃			

As consoantes obstruintes do Jo'é — oclusivas e fricativas — são todas surdas e não apresentam complexidade na distribuição de seus alofones. Já as não-obstruintes — nasais, flape e aproximantes — são todas sonoras e, entre elas encontra-se certo grau de complexidade, ainda que menor, na distribuição de alofones. As consoantes do Jo'é, em geral, tendem a palatalizar-se quando precedidas de um vocóide anterior alto /i, j/ e seguidas de /ɛ/ ou /a/. A regra de palatalização de consoantes será discutida na seção (2.1.4.3) deste trabalho.

2.1.3 OBSTRUINTES — OCLUSIVAS, AFRICADAS E FRICATIVAS

As oclusivas, africadas e fricativas, excluídas as variantes palatalizadas, as quais serão discutidas em separado, possuem os seguintes alofones:

/p/ apresenta as variantes livres [p] oclusiva bilabial e [ɸ] fricativa bilabial. Alguns exemplos ilustrativos desta variação são:

/p/ [p] ~ [ɸ] /pehim/ [pehim] ~ [ɸehim] 'um';

 /akapit/ ~ [akapit^ʔ] ~ [akaɸit^ʔ]

 'eu capino.'

A oclusiva glotal /ʔ/ possui um único alofone [ʔ], como mostram os exemplos abaixo:

/ʔ/ [ʔ] /ʔãŋ/ [ʔãŋ] 'aqui, este';

 /tapy^ʔỹj/ [tapy^ʔỹj] 'inimigo.'

A oclusiva alveolar /t/ e a velar /k/ são as únicas obstruintes que ocorrem em final de palavra, antes de silêncio. Nesta posição essas consoantes têm uma realização não-explodida [t^ʔ], [k^ʔ]:

/t, k/ → [t^ʔ, k^ʔ] / __ #

[t, k] / nos demais ambientes (início de sílaba):

/ipɔt/ [ipɔt^ʔ] 'o que está contido nisto';

/ɛapyk/ [ɛapyk^ʔ] ~ [ɛapək^ʔ] 'sente você';

/tajahu/ [taɖzahu] ~ [taɖzaho] 'queixada';

/ateamĩ/ [ateamĩ] 'eu tiro o líquido';

/katu/ [katu] 'ser bom, bonito';

/puku/ [puku] 'comprido.'

As demais obstruintes, a oclusiva labializada /k^w/, assim como as fricativas /s/ alveolar e /h/ glotal, excluídas as suas variantes resultantes da regra de palatalização, apresentam respectivamente os alofones [k^w], [s] e [h]. Alguns exemplos são:

/k^w/ [k^w] /ak^wã/ [ak^wã] 'ponta, saliência';

 /k^wata/ [k^wata] 'tipo de macaco';

 /k^wahɛ/ [k^wahɛ] 'ontem';

/s/ [s]	/suʔu/ [suʔu] ‘morder, picar’; /asa/ ‘perpassar, atravessar’;
/b/ [h]	/ahy/ [ahy] ‘dor, doer’; /sihet/ [sihetʔ] ~ [sihʔetʔ] ‘nome próprio.’

2.1.4 NÃO-OBSTRUINTES: NASAIS, FLAPE E APROXIMANTES:

Das não obstruintes, o flape, excluída a sua manifestação palatalizada, apresenta um único alofone [r]:

/r/ [r]	/tɔrɛ/ [tɔrɛ] ‘tipo de flauta’; /riru/ [riru] ‘recipiente’;
---------	--

Já as nasais /m, n, ŋ/ e as aproximante /w, j/ são entre as consoantes em geral, aquelas que apresentam relativa complexidade na distribuição dos seus alofones, razão pela qual falaremos sobre elas em separado.

2.1.4.1 NASAIS

Os fonemas nasais /m/ bilabial, /n/ alveolar e /ŋ/ velar têm respectivamente, as variantes orais [b], [d] e [g], as variantes pré-nasalizadas [ᵐb], [ᵐd] e [ᵐg] e as variantes nasais [m], [n], e [ŋ]. As variantes orais ocorrem em sílaba medial e as pré-nasalizadas em início de palavra quando se segue na mesma palavra fonológica sílaba acentuada com um núcleo silábico oral.

As variantes nasais ocorrem quando o núcleo silábico contém uma vogal intrinsecamente nasal ou uma consoante nasal em sua margem :

Variantes pré-nasalizadas:

/mɔy/ [ᵐbɔj]	‘cobra’;
/mɛju/ [ᵐbɛɟu]	‘biscoito de mandioca’;
/nyrɛ/ [ᵐdyrɛ]	‘morcego’;

Variantes orais

/maniak/ [ᵐbadiʔakʔ] ~ [ᵐdiʔakʔ]	‘mandioca’;
/maniju/ [ᵐbadiɟu] ~ [ᵐdiɟu]	‘algodão’;
/nimɔ/ [ᵐdibɔ]	‘linha de costurar’;
/kumɛʔɛ/ [kubɛʔɛ]	‘macho’;
/iŋɛ/ [igɛ] ~ [igʲɛ]	‘inga’;

Variantes nasais:

/aman/ [aman]	‘chuva’;
/amõ/ [amõ]	‘outro’;
/ʔaŋ/ [ʔaŋ]	‘isto/este/esta.’

Até o momento foram registradas duas palavras que contrariam a descrição acima. São os casos de /mɔʔɛ/ 'coisa' e /nami/ 'orelha', pronunciadas respectivamente [mɔʔɛ] e [nami]. No momento, não temos uma solução adequada para estes dados, o que deverá surgir com o avanço da nossa pesquisa e análise dos dados lingüísticos do Jo'é.

2.1.4.2 APROXIMANTES

O fonema /w/ possui duas variantes: uma fricativa bilabial [β] e uma aproximante bilabial [w]. A variante [β] varia livremente com [w] antes de vogal anterior baixa /ɛ/:

/w/ [β] ~ [w] / __ /ɛ/

[w]/ nos demais ambientes:

/iwɛwuj/ [iwɛwuj] ~ [iβɛwuj] 'isto é leve

(ou: 'isto flutua');

/ɔwɛwɛ/ [ɔβɛβɛ] ~ [ɔwɛwɛ] 'ele voa';

/mɛwɛ/ [mβɛβɛ] ~ [mɛwɛ] 'devagar.'

/kurawa/ [kurawa] 'curuá';

/wiwa/ [wiwa] 'flecha';

/wyrɛ/ [wyrɛ] ~ [wyr^hɛ] 'bird.'

O fonema /j/ é uma aproximante palatal. São seis as suas variantes, todas com distribuição bem definida:

a) a africada alveo-palatal [ɟʒ] varia livremente com a fricativa palatal [z] em início de sílaba precedendo vogais altas, isto é /i/, /y/ e /u/ ou quando precedida de vogal anterior alta /i/:

/j/ --> [ɟʒ] ~ [z] / (i) __ V([alta])

Exemplos: /ji/ [ɟʒi] ~ [zi] 'eu';
 /akyjy/ [akyɟy] ~ [akyzy] 'eu sinto medo';
 /jityk/ [ɟityk^h] ~ [zityk^h]; / 'batata doce';
 /ɛjuru/ [ɛɟurú] ~ [ɛzurú] 'minha boca';
 /pijɛt/ [piɟɛt^h] ~ [pizɛt^h] 'semelhante.'

b) a variante [ɟʒ] ocorre antes de /a/, /e/ e /ɔ/, exceto quando /j/ é precedido de /i/ (como em a) acima) ou quando /j/ é precedido de /u/ (ver d) abaixo):

/j/ --> [ɟʒ] / __ V [baixa]

Exemplos: /jawat/ [ɟawat^h] 'onça';
 /jɔʔɛ/ [ɟɔʔɛ] 'termo auto-determinativo dos índios localizados no médio Cuminapanema';
 /pajɛ/ [paɟɛ] 'pajé.'

c) os alofones [ñ̃] nasal alveo-palatal e /j/ aproximante palatal nasalizada variam livremente antes de vogal nasal:

/j/ → [ñ̃] ~ [ʝ] / __ V[nasal]

Exemplos: /kujã/ [kuñã] ~ [kuʝã] ‘fêmea’;
/kejã/ [keñã] ~ [keʝã] ‘nome de uma aldeia Jo’é.’

d) O alofone /j/, uma aproximante alveo-palatal oral, ocorre nos demais ambientes (isto é, quando precedida de /u/ e seguida de vogal baixa oral, ou em fim de sílaba medial ou final):

/j/ → /j/ / {u __ V [baixa], __ \$}

Exemplos: /kujɛi/ [kujɛi] ‘tipo de cuia’;
/kujáwa/ [kuyáwa] ‘goiaba’;
/nirãj/ [nirãj] ‘três’;
/ehãj/ [ehãj] ‘meu dente’;
/moj/ [m^bɔj] ‘cobra.’

2.1.4.3 VARIANTES ADICIONAIS DAS CONSOANTES

As consoantes do Jo’é, com exceção de /p/, /ʔ/ e /w/, tendem a palatalizar-se quando precedidas de um vocoide anterior alto /i, j/ e seguidas de /ɛ/ ou /a/. Neste ambiente, a oclusiva /k^w/ e a fricativa /s/ são realizadas respectivamente

como [c^w] e [š] de modo obrigatório. Alguns exemplos são: /jik^wɛ/ [ʤic^wɛ] ‘muitos’; /ɛɛik^wɛ/ [ɛɛic^wɛ] ‘minhas nádegas’; /pisam/ [pišám] ‘beliscar’, /pisa/ [piša] ‘colher.’ Com as demais consoantes, as oclusivas /t/, /k/, a fricativa /h/, as nasais /m, n, ŋ/ e o flape /r/, palatalização se dá pela adição de uma articulação fronto-palatal simultânea à articulação primária de cada consoante. Dentre essas últimas consoantes, a regra de palatalização é obrigatória apenas para /k/:

/t/ [t^j] ~ [t]: /ite/ [it^jɛ] ~ [ite] ‘pedra’;

/k/ [k^j] /ikato/ [ik^jatu] ‘isto é bom’; /unikaŋ/ [unik^jaŋ];

/h/ [h^j] /kihe/ [kih^jɛ] ~ [kihe] ‘rede’; /iham/ [ih^jam] ~ [ih^jam] ‘fio disto/dele/dela’;

/m/ /ajme/ [ajb^je] ~ [ajbe] ‘afiado’;

/n/ /pine/ [pid^jɛ] ~ [pide] ‘anzol’;

/ŋ/ /iŋe/ [ig^je] ~ [igɛ] ‘ingá’;

/r/ [r^j] /pire/ [pir^jɛ] ~ [pire] ‘peixe’; /nire/ [n^adir^jɛ] ~ [n^adirɛ] ‘depois, em seguida.’

2.2 VOGAIS

Quadro fonêmico das vogais:

	anterior		central		posterior	
	oral	nasal	oral	nasal	oral	nasal
alta	i	ĩ	y	ỹ	u	ũ
baixa	ɛ	ẽ	a	ã	ɔ	õ

Exemplos contendo vogais:

/i/ /kirahi/ 'branco (não índio)'	/ĩ/ /kutahĩ/ 'moça nova, solteira'
/ɛ/ /kihe/ 'rede'	/h/ /hẽ/ 'partícula afirmativa'
/y/ /kurahy/ 'sol'	/ỹ/ /ky? ỹj/ 'pimenta'
/a/ /kamuha/ 'espécie de tiara'	/ã/ /ekane?ã/ 'eu estou cansado/a'
/u/ /ɔmuhu/ 'ele guarda, esconde'	/ũ/ /ɛpekũ/ 'minha língua'
/ɔ/ /ɔhɔ/ 'ele vai'	/õ/ /amõ/ 'outro'

O quadro fonético das vogais apresentado em seguida rotula as vogais fonéticas de acordo com a posição da parte mais alta da língua em sentido horizontal (anterior, central e posterior) e em sentido vertical (alta, média, baixa fechada e baixa aberta). O quadro diferencia também as vogais produzidas com abaixamento ou não do palato mole (oral/nasal):

Quadro fonético das vogais:

	anterior		central		posterior		
	oral	nasal	oral	nasal	oral	nasal	
alta	i	ĩ	y	ỹ	u	ũ	
média	e		ə		o		
baixa	fechada	ɛ	ẽ			ɔ	õ
	aberta			a	ã		

Distribuição alofônica dos fonemas vocálicos segmentais:

A vogal anterior alta oral /i/ tem um único alofone /i/:

- /i/ [i] /pire/ [pire] ~ [pir^hɛ] 'peixe';
 /tatitu/ [tatitu] 'nome próprio';
 /tik/ [tik^h] 'pequeno, insignificante';
 /pahi/ [pahi] 'nome próprio.'

A vogal anterior baixa /ɛ/ tem duas variantes: uma baixa fechada [ɛ] e uma média [e]. A variante média [e] ocorre quando /ɛ/ é seguido de /j/ ou precedido de /i/ ou /j/:

/ɛ/ → [e]/ (j,i)__(j)

Exemplos: /ɛpurieɟ/ [ɛpurieɟ] ‘eu estou suado/a’;
/piɛhu/ [pieho] ‘novo.’

A variante [ɛ] ocorre nos demais ambientes.

Exemplos: /pɛhím/ [pɛhím] ~ [ɸɛhím] ‘um’;
/ɛrɛ/ [ɛrɛ] ‘expressão usada em comandos.’

A vogal central alta oral /y/ tem duas variantes livres: [y]
~ [ə]

/y/ [y] ~ [ə] /ɛtymã/ [ɛtymã] ~ [ɛtəmã] ‘minha perna’;
/ɛapyk/ [ɛapyk¹] ~ [ɛapək¹] ‘sente
você.’

A vogal central baixa aberta oral /a/ tem um único alofone [a].

/a/ [a] /tata/ [tata] ‘fogo’;
/tapyj/ [tapyj] ‘teto’;
/awa/ [awa] ‘gente.’

A vogal posterior alta oral /u/ tem dois alofones: [u] alta e [o] média. [o] varia livremente com [u] quando precedido por /h/. [u] ocorre nos demais ambientes:

/u/ [u] ~ [o] // h__

Exemplos: /piɛhu/ [piehu]~[pieho] ‘novo’;
/tajahu/ [taɟahu] ~[taɟaho];
/kapiɾuhu/ [kapiɾuhu] [kapiɾuho] ‘nome
de uma aldeia’;

/[u] nos demais ambientes:

Exemplos: /puku/ [puku] ‘comprido’;
/puʔã/ [puʔã] ‘dedo.’
/mytũ/ [mytũ] ‘mutum’;

A vogal posterior baixa oral /ɔ/ tem apenas o alofone [ɔ]:

/ɔ/ [ɔ] /ajapɔ/ [aɟapɔ] ‘eu faço’;
/ɔwi/ [ɔwi] ‘nome próprio.’

Os fonemas nasais possuem apenas um alofone cada:

/ĩ/ [ĩ] vogal anterior alta nasal: /sĩ/ [sĩ] ‘nariz.’
/ẽ/ [ẽ] vogal anterior baixa nasal: /ɛʔẽ/ [ɛʔẽ] ‘ser doce’, /nowẽ/
[nowẽ] ‘de novo.’
/ỹ/ [ỹ] vogal central alta nasal: /tapyʔ ỹj/ [tapyʔ ỹj] ‘inimigo’,

/ũ/ [ũ] vogal posterior alta arredonda nasal: /mytũ/ [mytũ] ‘mutum’, /ɛpekũ/ [ɛpekũ] ‘minha língua.’

/ʃ/ [ʃ] vogal posterior baixa nasal: /ɔman ʃ/ ‘ele morreu’, /amʃ/ [amʃ] ‘outro.’

/ã/ [ã] vogal central baixa: /ɛkaneʔã/ [ɛkaneʔã] ‘eu estou cansado/a’, /ɛpuruʔã/ [ɛpuruʔã] ‘meu umbigo.’

2.4 ACENTO.

O acento em Jo'ê é previsível. Raízes verbais, nominais e partículas têm a última sílaba acentuada: /piré/ [piré] ‘peixe’, /aesé k/ [aesék] ‘eu vejo’, /tená/ [tená] ‘apenas.’

2.5. PADRÕES SILÁBICOS.

Os dados analisados até o presente constituem evidências para postularmos a fórmula geral (C)V(C) para os possíveis padrões silábicos do Jo'ê. Alguns exemplos são:

V	iji	‘eu (forma independente)’
CV	ātã	‘ser forte’ (padrão silábico predominante)
VC	ajme	‘afiado’
CVC	aman	‘chuva’

Sequências de duas vogais são poucas. Neste trabalho elas foram consideradas como pertencentes a distintas sílabas porque assim elas são articuladas e percebidas em fala normal: /tiami/ [tiami] ‘tirar o líquido, exprimer’; /piɛhu/ [piehu] ~ [pieho] ‘novo.’ Em sequências de vogal e semivogal (Vj), o

segundo elemento tem valor consonantal: /pɔj/ ‘alimentar’, /ehāj/ ‘meu dente.’ Poucos são os casos de Vj em sílaba medial, como em /ajme/ ‘afiado.’ /j/ é a única consoante a ocorrer em final de sílabas médias. Em sílaba final foram encontradas as seguintes consoantes: /t/, /k/, /n/, /m/, /ŋ/ e /j/.

3. ALGUMAS REGRAS FONOLÓGICAS DO JO'Ê

a) **Eliminação de sequências de consoantes.** Em Jo'ê, sequências de consoantes criadas em junção de morfemas envolvendo dois temas tendem a ser eliminadas com a queda da primeira consoante:

$$C \rightarrow \emptyset / _ = C$$

re-jut=ɔtar (2-vir=futuro) → rejupɔtat → [rejuɔtat¹] ‘você vem/virá’

a-esak=tenã (1-ver=somente) → [aesatɛnã] ‘eu só estou vendo’

b) **Enfraquecimento de oclusivas.** As oclusivas /p/, /t/ e /k/ são enfraquecidas em posição final de morfema quando em contato com vogal inicial do morfema seguinte:

$$t, k \rightarrow r, g / _ + V$$

n-ɔ-kit-i (Neg-3-dormir-Neg) → [nɔkiri] ‘ele não dorme’

ɔ-kyt-awi ‘3-chover-já’ → [ɔkyrawi] ‘já chove’

jararak.uhu (jararaka.grande) → [jararaguhú] ‘jararaca grande’

tik.i (pequeno.atenuativo) → [tigi] ‘pequeninho’

A oclusiva /p/ tende a enfraquecer-se (ou seja $p \rightarrow \phi$) em sílaba inicial do segundo membro de um composto, quando o morfema precedente termina em fonema oral:

a-ʔu=pɔtat (1-comer-futuro) → [aʔuϕɔtat¹] ‘eu vou comer’

a-jiut=pɔtat (1-voltar=futuro) → [aʒiuϕɔtat¹] ‘eu vou voltar’

c) **Nasalização de consoantes surdas**. Em Jo’é, as consoantes oclusivas tendem a manifestar-se prenasalizadas em junção de morfema envolvendo dois temas quando em contato com fonema nasal do morfema precedente:

p, t, k → ^mb, ⁿd, ^ŋg / N = __ (onde N é um fonema nasal)

kujã=puku (mulher=comprida) → [kujã^mbuku] ‘moça’

nã=tik (castanha do pará=pequena) [naⁿdik¹]

kujã=katu → (mulher=bonita, bondosa) [kuñã^ŋgatu] ‘mulher bonita, bondosa.’

d) **Formação de ditongos**. Sequências de vogais criadas pela adição de certos prefixos ou sufixos a um tema verbal resulta em um ditongo quando a primeira vogal é baixa e a segunda anterior alta:

V (baixa) V (anterior alta) → Vj

n-a-kuha-i (Neg-1-saber-Neg) → [nakuhaj] ‘eu não sei’

a-inu (1-escutar (algo)) → [ajdu] ‘eu (o) escuto’

o-inu (3-escutar (algo)) → [ojdu] ‘ele o escuta’

e) **Assimilação vocálica**. Em Jo’é, as vogais posteriores /u/ e /o/ são afetadas respectivamente pela altura de /ε/ e /u/ quando estes encontram-se no início do morfema seguinte. Assim, /u/ tende a ser pronunciado [ɔ] e /o/ tende a ser pronunciado [u]. Alguns exemplos são:

o-ʔu (3-comer) --> [uʔu] ‘ele come’

pɔrɔ=suʔu (ObjGen=comer) --> [pɔrusuʔu] ‘morder gente’

i-katu-ʔε (3-ser bom-enfático) --> [ik¹atɔʔε] ‘isto é bom mesmo!’

4. CONCLUSÃO

Neste trabalho apresentamos uma descrição inicial dos fonemas da língua Jo’é, seus alofones, padrão silábico, algumas restrições fonotáticas e alguns dos processos fonológicos produtivos nessa língua. Pontos pendentes como o status fonêmico de [č], assim como a necessidade de uma análise mais minuciosa dos fonemas vocálicos e dos fonemas consonantais nasais são algumas das muitas questões que devem ser melhor pesquisadas e trabalhadas. No que diz respeito às regras fonológicas, a nossa descrição é apenas parcial. Uma maior familiaridade com a língua Jo’é⁵ nos permitirá avançar na busca de respostas satisfatórias para esses e outros pontos de relevância para o conhecimento de sua fonologia.

NOTAS

- 1- A primeira etapa do projeto de documentação e descrição da língua Jo'é (junho/julho de 1992) contou com o apoio da FUNAI, do CNPq e do Center for Latin American Studies (órgão financiador da viagem de campo).
Agradeço aos Jo'é pela fundamental atuação como consultantes durante todo o período no qual a nossa pesquisa de campo se desenvolveu. Nesse sentido, agradecimentos especiais vão para Tamirí, Apin, Turú (T), Jirusí, Kirisiwét, Senža'it, Kurú, A'y, Pahí, Tatito, Jawara e Owí.
Agradeço a Aryon Dall'Igna Rodrigues, Rute Montserrat, Francisco Queixalós, Risoleta Julião e Alzerinda Braga, pelas observações, recomendações e sugestões dadas por meio de comunicações pessoais.
Raimunda, enfermeira da FUNAI na área indígena do Cuminapanema, prestou importante colaboração logística durante a primeira etapa de nossa pesquisa.
- 2 - Na realidade, missionários das novas Tribos entraram na área habitada pelos Jo'é em 1972, fixando-se nas proximidades das aldeias destes últimos a partir de 1987. Lá, esses missionários criaram uma pequena comunidade e deram início às ações necessárias para a obtenção dos seus objetivos religiosos : a tradução da bíblia e a conversão dos nativos. A ação missionária foi interrompida em 1991 com a retirada dos agentes religiosos da área Jo'é, mediante intervenção oficial liderada pelo sertanista Sidney Ponsuelo. Informações sobre estes assuntos encontram-se nos relatórios de campo da antropóloga Dominique Gallois. Sugiro ainda os relatórios trimestrais da Coordenadoria de Índios Isolados da FUNAI como relevantes fontes de informação sobre o povo Jo'é.
- 3 - O enfeite labial usado pelos Jo'é consiste em um tubo cilíndrico possuindo dimensões variadas de acordo com a idade dos seus usuários. Crianças entre sete e oito anos usam enfeites labiais medindo entre três a quatro centímetros de comprimento e entre meio a um centímetro de diâmetro. Adolescentes, na faixa de quatorze e quinze anos, já usam enfeites labiais medindo até onze centímetros de comprimento e três centímetros de diâmetro na sua parte mais larga e dois na sua parte mais estreita. Chegamos a encontrar, jogados pelo mato, alguns enfeites labiais com até seis centímetros de diâmetro. À medida em que a pele do orifício por onde passa o enfeite vai se tornando mais flácida devido ao peso daquele, os Jo'é os vão substituindo por exemplares cada vez mais largos e conseqüentemente mais pesados.

- 4 - Ainda não está claro o status fonêmico de [č]. Os exemplos são poucos: [tasičja] 'mulher idosa' e [daičej] 'não tem.'
- 5 - A exata tradução de parte dos dados transcritos não pôde ser levada a termo. Os Jo'é são monolíngües e na área do Cuminapanema não havia, entre os não-índios, ninguém que fosse proficiente na língua Jo'é. O significado de alguns dados puderam ser inferidos pelo contexto e/ou através da comparação com dados de outras línguas da família Tupi-Guaraní dos quais dispunhamos em campo. Contudo, optamos por não usá-los até que tenhamos certeza do que eles realmente significam.

Algumas evidências lingüísticas de parentesco genético do Jo'é com as línguas Tupí-Guaraní.

Ana Suelly Arruda Câmara Cabral
Universidade Federal do Pará

Neste estudo¹ apresentamos algumas evidências lingüísticas que apontam para o parentesco genético do Jo'é com as línguas da família Tupí-Guaraní, o que, no momento, constitui apenas uma hipótese a ser melhor desenvolvida posteriormente. As primeiras evidências são lexicais e fonológicas. A parte 1 deste trabalho traz uma comparação inicial de cento e um morfemas do Jo'é com morfemas reconstruídos para o Proto-Tupí-Guaraní (Rodrigues, 1958, 1968, 1980, 1984-1985; Lemle, 1971; Jensen 1984, 1995 (a ser publicado)). Os resultados desta comparação revelam que as formas do primeiro são deriváveis das formas do segundo, através de correspondências fonológicas regulares.

Considerando estas (entre outras) evidências lingüísticas disponíveis no momento, lançamos mão do modelo de diversificação da família Tupí-Guaraní proposto por Rodrigues (1984 - 1985) para tentativamente associar o Jo'é a um específico subconjunto de línguas dessa família.

Na parte 2 deste estudo informamos sobre alguns padrões estruturais da morfologia e sintaxe-morfossintaxe do Jo'é, cujas similaridades com as línguas TG aumentam as suspeitas de que um futuro trabalho comparativo do Jo'é com essas línguas, neste caso baseado em um número maior de dados, virá apenas confirmar o seu parentesco genético com a família lingüística em questão.

I. EVIDÊNCIAS LEXICAIS E FONOLÓGICAS³Inventário de Fonemas: PTG - Jo'é⁴

PTG	Consoantes.	p t k m n ŋ β r ĉ c ? w j
Jo'é		p t k k ^w m n ŋ r s h ? w j
PTG	Vogais	i e y a o u i ĩ ē ÿ ā õ ü
Jo'é		i e y a o u i ĩ ē ÿ ā õ ü

As correspondências lexicais e fonológicas são apresentadas a seguir. Os fonemas do PTG vêm à esquerda, seguidos dos correspondentes reflexos em Jo'é. Exemplos ilustrativos das corespondências vêm à direita. A numeração dos exemplos correspondem à numeração encontrada na lista de morfemas:

*p : p *puti?a, pusi?a 'peito' (77); *pira, pira 'peixe' (78); 1; 4; 6; 11; 18; 22; 31; 33; 43; 45; 50; 53; 63; 65; 72; 76; 77; 78; 79; 83; 85; 87; 90; 92; 96; 100.

*t>s/ __i, ĩ *tĩ si 'nariz' (62); *puti?a, pusi?a 'peito' (77); 14; 24; 32.

*t : t *ata, ata 'andar' (3); *tata, tata 'fogo' (44); *mytũ, mytũ 'mutum' (61); 3; 4; 14; 17; 39; 44; 45; 48; 61; 63; 75; 80; 83; 93.

*k : k *ker, kit 'dormir' (36); *apekũ, pekũ 'língua' (50); *mani?ok, mani?ak 'mandioka' (55); *kujã, kujã 'mulher' (60); 10; 17; 20; 23; 32; 36; 50; 55; 57; 58; 60; 76;; 82; 86; 94.

*? : ? *y?u, y?u 'beber' (12); *?ar, ?at 'cair' (21); *a?e, a?e 'ele, aquele' (37); *puti?a, pusi?a 'peito' (77); 4; 21; 29; 30; 41; 46; 55; 58; 59; 66; 72; 92; 101.

b > Ø __ # *enub, inu 'ouvir' (71); *akub, aku 'ser/estar quente' (82); *kuwaab, kuha 'saber' (86); 1; 10; 73; 74; 82.

*b > w/ ⁵ *ybak, iwak 'céu' (23); *aba, awa 'pessoa, quem?' (81); 13; 16; 23; 24; 52; 81; 91; 93; 98.

*c > Ø / _____
(- acento) *pycacu, pieho 'novo' (65); * cykyje, kyji 'temer' (88).

*c > h *pysyk, pyhik 'pegar' (76); 49; 65.

*č > Ø / i __ e	*iče, iji 'eu' (40).
*č > s / # __ u, o	*ču?u, su?u 'morder' (59).
*č > h	*uču, uhu, hu 'grande' (47; *jačy, jahy 'lua' (51); *sy, hy 'mãe' (54); *eča, ehe 'olho' (67); 28; 39; 59.
*m : m	*moj, moj 'cobra' (27); *amõ, amõ 'outro' (70); 2; 9; 18; 26; 29; 45; 48; 55; 61; 66; 69; 80.
*n : n	*aman, aman 'chuva' (26); *nami, nami 'orelha' (69); 11; 18; 25; 41; 55; 56; 63; 69; 71; 85; 99; 101.
*ŋ : ŋ	*ybaŋ, ywaŋ 'nuvem' (24); *akaŋ, akaŋ 'cabeça' (20); 14; 43; 96.
*r > t / __ #	*jopwar, jok ^w at 'amarrar' (6); *ker, kit 'dormir' (36; 4; 19; 21; 35; 64; 79; 83; 97.
*r : r	*juru, juru 'boca' (15); 8; 15; 33; 38; 46; 52; 78; 79; 89; 95; 96.

*w > u / # k __ a CV(C)V (C)	*kwaracy, kurahy 'sol' (89); *kwatiar, kusiwet 'desenhar' (35).
*w : w	*wya, wyre 'ave' (8); *jawar, jawara 'onça' (68); 84; 95; 101.
*j : j	*jywa, jywa 'braço' (13); 15; 16; 27; 34; 39; 41; 42; 51; 57; 60; 68; 84; 88; 90.
*pj > s	*epjak, esak 'ver' (94).
*pw > k ^w	*jopwar, jok ^w at 'amarrar' (6) ⁶
*a > e / C (obstruinte) __ #	*juka, juke 'matar' (57); *ka?a, ki?e (58); *upi?a, pi?e 'ovo' (72); eča, ehe 'olho' (67); 8; 10; 35; 52; 72; 75; 78.
/ i __	*pycacu, piehu 'novo' (65).
*a > o / m __ ?e	*ma?e, mo?e 'coisa, que' (29).
*a : a	1; 2; 3; 4; 6; 9; 13; 17; 18; 19; 20; 21; 23; 24; 26; 29; 37; 39; 41; 43; 44; 48; 50; 51; 55; 56; 66; 68; 69; 70; 74; 77; 81; 82; 83; 84; 87; 89; 94; 96; 100.

i#p__e	*pysasu, piehu 'novo' (65).
*y:y	*y, y 'àgua' (5); *wira, wyre 'ave' (8); 12; 13; 23; 24; 32; 39; 45; 46; 51; 54; 61; 63; 76; 80; 85; 87; 88; 89; 91; 93; 95.
*e>i/#i(j)	*iče, iji 'eu' (40); *cykyje, kyji 'temer' (90).
/__nu#	*enub, inu 'ouvir' (71).
/k__t#	*ker, kit 'dormir' (36).
*e>j/#a	*aemee, ajme 'afiado' (2).
*e:e	*pepo, pepo 'asa' (7); *bebuj, wewuj 'boiar' (6); 2; 25; 29; 37; 38; 42; 48; 50; 64; 79; 80; 89; 92; 94; 98; 99; 100; 101.
*i:i	*tapi?r, tapi?it 'anta' (4); *tiņ, siņ 'branco' (14); 24; 32; 33; 35; 40; 42; 55; 62; 69; 72; 75; 77; 78; 79; 85; 92; 96.
*o>a/?__k	*mani?ok, mani?ak 'mandioca' (55).
*o:o	*pepo, pepo 'asa' (7); *ore, ore 'ele e eu' (38); 6; 27; 38; 43; 46; 49; 53; 77; 88; 95.

*u:u	*nupā, nupā 'bater' (11); *y?u, y?u 'beber' (12); 15; 16; 17; 25; 30; 31; 32; 407; 57; 58; 61; 63; 65; 71; 73; 81; 83; 85; 89; 92; 97.
ã:ã	*nupā, nupā 'bater' (11); *kujā, kujā 'mulher' (60); 34; 80.
ẽ:ẽ	ma?ẽ, ma?ẽ 'olhar' (66).
*ĩ>i	*kýtĩ, kysi 'cortar' 32
*ĩ:ĩ	*tĩ, sĩ 'nariz' (62); 92; 100.
õ:õ	*amõj, amõj (9); *manõ, manõ 'morrer' (56); *amõ, amõ 'outro' 70.
ũ:ũ	*apekũ, pekũ 'língua' (50); *mytũ, mytũ 'mutum' (61).
*V ₁ V ₁ >V	*aemee, ajme 'afiado' (2); *kuwaab, kuha 'saber' (86).
*V>∅/# CVCV	*apekũ, pekũ 'língua' (50); *ybyra, wyre 'pau' (52); *upi?e, pi?e 'ovo' (72); *ybytu, wyto 'vento' (93);

Pares de morfemas: proto-Tupí-Guaraní-Jo'é. A organização dos dados segue a ordem alfabética das glosas:

1. *pab : pa	'acabar	27. *moj : moj	'cobra
2. *aemeē : ayme	'afiado	28. *čam : ham	'corda
3. *ata : ata	'andar	29. *ma?e : mo?e	'coisa, que?'
4. *tapi?ir : tapi?it	'anta	30. *?u : ?u	'comer
5. *y : y	'água	31. *uku : puku	'comprido
6. *jopwar : jok?at	'amarrar	32. *kytī : kysi	'cortar
7. *pepo : pepo	'asa	33. *rupi : rupi	'com
8. *wyrā : wyre	'ave	34. *āj : āj	'dente
9. *amōj : amōj	'avô	35. *kwatīar : kusiwet	'desenhar
10. *kab : ke	'banha	36. *ker : kit	'dormir
11. *nupā : nupā	'bater	37. *a?e : a?e	'ele
12. *y?u : y?u	'beber	38. *ore : ore	'ele e eu
13. *jyba : jywa	'braço	39. *jačytata : jahytata	'estrela
14. *tiŋ : siŋ	'branco	40. *(i)če : (i)ji	'eu
15. *juru : juru	'boca	41. *jane : jane	'eu e você
16. *bebuj : wewuj	'boiar	42. *je?eŋ : je?eŋ	'fala de gente, ave de animais'
17. *katu : katu	'bom	43. *apo : japo	'fazer
18. *panam : panam	'borbolcta	44. *lata : tata	'fogo
19. *kwar : k?at	'buraco	45. *petym : petym	'fumo
20. *akaŋ : akaŋ	'cabeça	46. *ro?y : ro?y	'frio
21. *?ar : ?at	'cair	47. *uču : uhu, hu	'grande
22. *pe : pe	'caminho	48. *etam : etam	'habilitação
23. *ybak : ywak	'céu	49. *oco : ho	'ir
24. *ybatīŋ : ywasīŋ	'céu	50. *apekū : pekū	'língua
25. *etun : etun	'cheirar	51. *jačy : jahy	'lua
26. *aman : aman	'chuva	52. *ybyra : wyre	'madeira

53. *po : po	'mão	77. *poti?a : posi?a	'peito
54. *čy : hy	'mãe	78. *pira : pire	'peixe
55. *mani?ok : mani?ak	'mandioca	79. *pirwer : piset	'pele retirada do corpo'
56. *manō : manō	'morrer	80. *etymā : etymā	'perna
57. *juka : juke	'matar	81. *aba : awa	'pessoa
58. *ka?a : ka?e	'mato	82. *akub : aku	'quente
59. *ču?u : su?u	'morder	83. *potar : potat	'querer
60. *kujā : kujā	'mulher	84. *uwaj : uwaj	'rabo
61. *mytū : mytū	'mutum	85. *pin : pin	'raspar
62. *tī : sī	'nariz	86. *kuwaab : kuha	'saber'
63. *pytun : pytun	'noite	87. *apyk : apyk	'sentar
64. *er : et	'nome	88. *kwaracy : kurahy	'sol
65. *pycacu : piehu	'novo	89. *peju : peju	'soprar
66. *ma?ē : ma?ē	'olhar	90. *cykyje : kyji	'temer
67. *eča : ehc	'olho	91. *yby : ywy	'terra
68. *javar : jawara	'onça	92. *ojepe?i : pehi	'um
69. *nami : nami	'orelha	93. *ybytu : wytu	'vento
70. *amō : amō	'outro	94. *epjak : esak esek	'ver
71. *cnub : enu	'ouvir	95. *owy : owy	'verde
72. *upi?a : pi?e	'ovo	96. *piranŋ : piranŋ	'vermelho
73. *ub : u	'pai	97. *ur : ut	'vir
74. *kwab : k?a	'passar	98. *bebe : wewe	'voar
75. *ita : ite	'pedra	99. *(e)ne : (e)ne	'vocês
76. *pycyk : pyhyk	'pegar	100. *pei : pei	'vocês
		101. *wc?cn : wc?cn	'vomitar

As principais mudanças fonológicas ocorridas no Jo'é em relação ao proto-Tupí-Guaraní são:

- a) queda de *b final (*b > Ø __ # e fusão de *b inicial e medial com *w (*b, *w > w);
- b) enfraquecimento de *č e *c para h ou Ø com algumas instâncias de s provenientes de *č;
- c) mudança de *pj em s;
- d) mudança de *t em s antes de i (*t > s /__i);
- e) mudança de *pw em k^w;
- f) mudança de *r final para t;
- g) mudança de várias instâncias de *a para e;
- h) queda de *V inicial em palavras trissilábicas;
- i) coalescência de vogais idênticas.

A maioria das mudanças ocorridas no Jo'é se correlaciona com mudanças fonológicas ocorridas no processo de desenvolvimento histórico das línguas que integram a família Tupí-Guaraní. Rodrigues (1984-1985) usa exatamente propriedades fonológicas como estas entre os seus critérios seletivos na divisão das línguas TG em distintos subgrupos. Um resumo dos critérios usados por Rodrigues nesse seu trabalho, encontra-se no quadro abaixo:

*C #	conservação (com ou sem modificação), perda parcial, ou perda total.
*č	č, c, h ou Ø em palavras como čy 'mãe', čok 'larva', čuʔu 'morder, waču, uču 'grande', ubičab 'grande, importante, chefe', čam 'corda', eča 'olho, čoʔo 'animal de caça'.
*c	c, s, h ou Ø em palavras como *co 'ir', četa 'são muitos', ocenub 'ele o ouve', pycacu 'novo', posaŋ 'remédio', pycyk 'pegar'.
*pw	pw, kw, k, hw ou Ø, φw, φ
*pj	pj, č, c ou s
*j	j (ou equivalentes alveo-palatais: č, čʒ, z, ñ) em palavras como: jačy 'lua', jaku 'jaku', jy 'machado', juru 'boca', ajuru 'papagaio', jaʔě 'panela de barro'.

Uma comparação das mudanças fonológicas ocorridas no Jo'é em relação às formas reconstruídas para o proto-Tupí-Guaraní com os resultados obtidos por Rodrigues (1984-1985) leva à associação do Jo'é às línguas do subconjunto VIII, onde se encontram o Wayampí, Wayampípukú, Emerillon, Amanayé, Anambé, Turiwára, Guajá e Urubú. Abaixo resumimos os resultados aos quais chegou Rodrigues na sua divisão interna da

família TG. Adicionamos o Jo'é ao lado do subconjunto VIII para ressaltar as suas afinidades com os membros desse subconjunto específico:

	PTG	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	Jo'é
a)	*C#	∅	∅	C#	C#	C#	C#	C#	C# (perda parcial)	C# (perda parcial)
b)	*č	č, c ou s	c ou s	c ou s	h	h ou ∅	h	h ou ∅	h ou ∅	h ou ∅
c)	*c	c, h ou ∅	c ou s	c ou s	h	h ou ∅	h	h ou ∅	h ou ∅	h ou ∅
d)	*pw	kw ou k	kw ou k	pw	kw	ϕ	kw, ϕw ou ϕ	hw ou h	kw	k ^w
e)	*pj	č ou š	pj	pj	č ou c	s	pj	c	s	s
f)	*j	j	j	j	č, c, s ou z	č	j	j	j	j

As divergências entre o Jo'é e as línguas do subconjunto I, II, III, IV, V, VI, e VII são as seguintes:

Subconjuntos	Pontos divergentes
I	a), b), c), d) e e) = 5
II	a), b), c), d) e e) = 5
III	a), b), c) e e) = 4
IV	a), b), c), e) e f) = 5
V	a), d) e f) = 3
VI	a), b), c), d) e e) = 4
VII	a), d) e e) = 3

No que diz respeito às afinidades do Jo'é com as línguas do subconjunto VIII, salientamos que essa língua manteve as consoantes em posição final, com exceção da fricativa bilabial *b e, que alguns de seus s são reflexos de *č. Na realidade, Rodrigues inclui no subconjunto VIII línguas que apresentam diferentes graus de eliminação de consoantes finais. De acordo com Rodrigues (1984-1985:47) "o Wayampí perdeu todas as consoantes finais, ao passo que o Wayampipukú conservou regularmente a consoante r e perdeu as demais; já o Urubú perdeu em regra só a bilabial b e a velar ŋ."

Em relação às instâncias de s < *č encontradas em Jo'é, não se trata de algo exclusivo desta língua. Jensen (1989:23) observa que o Wayampí apresenta igualmente algumas instâncias de s que são reflexos de PTG *č:

PTG	Wayampí	Jo'é	
*čuʔu	suʔu	suʔu	'morder'
aça	asa	asa	'passar, atravessar'

Um fato que deve ser mencionado aqui e que é mais um dado a favor das afinidades do Jo'é com o Wayampí, é que estas duas línguas parecem ser as únicas línguas da família a possuírem a mesma forma para 'esposa' (Rodrigues, comunicação pessoal). Em Jo'é esposa é *erekoat*, como em *Wajampíkũ erekoar*, onde *er* - 'causativo comitativo', *eko* 'estar' e *ar/at* - 'agentivo', o que significa literalmente 'a que faz alguém ficar consigo.'

Finalmente observamos que tanto o Jo'é como o Wayampí possuem um prefixo de primeira pessoa inclusiva *si-*, usado com verbos transitivos. Jensen (a ser publicado) observa que nem todas as línguas descendentes do PTG usam o prefixo de primeira pessoa *ja-* com verbos transitivos. Segundo Jensen, cinco línguas usam um prefixo distinto que poderia ser reconstruído como **ti-*. Jensen (1987) propõe que este prefixo teria sido derivado da combinação de **ja-* com outros dois morfemas: **t* 'finalidade' + *ja* '1 incl. A' + *i* - 3 p. Jensen (a ser publicado) salienta que as cinco línguas onde o prefixo ocorre, *Parintintin* (*ti-*), *Tapirapé* (*či-*), *Kayabí*, *Guajajara* e *Wayampí* (*si-*) são línguas onde o paciente não mais coocorre com os prefixos agentes., o que é também uma característica do Jo'é.

Se considerarmos o fato de que além das evidências lingüísticas aqui apresentadas existe também a proximidade geográfica do Jo'é em relação aos falantes das línguas incluídas no subconjunto VIII, essencialmente os Wayampí, torna-se mais claro pensar na possibilidade de proximidade do relacionamento genético dos Jo'é com as línguas deste subconjunto específico.

Alguns grupos Wayampí encontravam-se ainda no século XVII no baixo curso do rio Xingu, conforme informações contidas nas crônicas jesuíticas do baixo Amazonas, como por exemplo nas crônicas de Bettendorff ([1910] 1990:115-116). Possivelmente os Jo'é passaram pelo baixo Xingu, assim como fizeram os seus parentes Wayampí em algum momento do seu processo migratório.

Enquanto alguns grupos Wayampí subiram em direção ao norte pelo rio Jari (Rodrigues 1984 - 1985: 47), os Jo'é provavelmente tomaram o rumo do rio Parú e, depois a oeste, na direção do Cuminapanema, onde tentaram evitar contato com os *kirahi* (os 'brancos') até os anos 80 deste século.

2. EVIDÊNCIAS GRAMATICAIS

Nesta parte do trabalho⁷ apresentamos algumas evidências que aumentam as suspeitas de que o Jo'é se desenvolveu a partir do proto-Tupí-Guaraní. Isto porque esta língua se correlaciona com as línguas típicas da família TG no que diz respeito a relevantes padrões estruturais (morfologia, sintaxe-morfossintaxe) com morfemas cognatos. Enfatizaremos aqui 5 relevantes propriedades gramaticais encontradas no Jo'é, as quais são compartilhadas por várias línguas da família TG: 1) ordem de palavras; 2) afixos flexionais; 3) afixos derivacionais; 4) incorporação; e 5) reduplicação.

2.1. ORDEM DE PALAVRAS

Os dados coletados até agora mostram que as orações transitivas independentes do Jo'é apresentam padrões dos tipos :

SOV, SVO E OVS, comuns a várias línguas TG (Tupinambá, Guarani Antigo, entre outras):

kuruminĩ moy o-su?u
menino cobra 3-morder
'a cobra mordeu o menino'

moy o-su?u kurumini
cobra 3-morder menino
'a cobra mordeu o menino'

moy kunumini=su?u
cobra menino= morder
'a cobra mordeu o menino'

Orações intransitivas e estativas são do tipo SV ou VS

ji a-ha
1 1-ir
'eu vou'

a-ha ji
1-ir 1
'eu vou'

Ji e-kane?ã
1 1-cansado
'eu estou cansado'

e-kane?ã ji
1-cansado 1
'eu estou cansado'

Jo'é tem posposições, genitivo precede nominal, especificadores precedem nominais, o que é típico nas línguas TG (c.f. Rodrigues 1981, Harrison, 1986, Kakumasu, 1986, Jensen (a ser publicado), entre outros):

patawa	pupe	pahi	rupa
tipo de cesta	dentro	Pahi	casa
'dentro da cesta'		'casa de Pahi'	
pehi kume?e o-hem	amō	tori	
um homem 3-sair	outro	lanterna	
'um homem saiu'		'outra lanterna'	

Palavras interrogativas vêm em primeiro lugar, como em muitas línguas da família TG (Tupinambá, Guarani Antigo, Guajajara, Wayampí, Kayabí, entre muitas outras):

mo?é te awin
que Q aquilo
'o que é aquilo?'

mo?é te ?ãŋ
que Q isto
'o que é isto?'

mi te re-ho
 onde Q 2-ir
 'para onde você vai?'

Em Jo'é como na maioria das línguas Tupí-Guaraní o verbo volitivo segue o verbo principal contribuindo neste caso com um significado de futuro. Exemplos do Jo'é são:

a ha=potat
 1 ir=futuro
 'eu irei'

ere-jiut=potat
 2-voltar=futuro
 'você voltará'

2.2. PREFIXOS FLEXIONAIS

Jo'é possui prefixos marcadores de sujeito comuns aos verbos transitivos e intransitivos de orações independentes, exceto os da primeira pessoa inclusiva, que são dois: um usado com verbos transitivos e outro com verbos intransitivos. Os prefixos marcadores de sujeito são: a- '1sg', (e)ere- '2sg', si- '1incl.(v.tr.)', ja- (ou sa-) '1incl.(v.intr.)', oro- '1 exclusiva', pe- '2pl.' e o- '3'.

Verbos transitivo:

a-kit	'eu durmo'
ere-kit	'você dorme'
ja-kit	'nós incl. dormimos'
oro-kit	'nós excl. dormimos'
pe-kit	'vocês dormem'
o-kit	'ele(s)/ela(s)/ isto dorme(m)'

Verbo intransitivo:

a-juke	'eu mato (isto)'
ere-juke	'você mata (isto)'
si-juke	'nós incl. matamos (isto)'
oro-juke	'nós exclusivo matamos (isto)'
pe-juke	'vocês matam isto'
o-juke	'ele(s)/ela(s)/istomata(m) (isto)'

Em Jo'é, a negação de predicados verbais de orações independentes no modo indicativo é similar a de muitas línguas da família TG (Tupinambá, Guaraní Antigo, Guajajara, Wayampí, Kamayurá, Tapirapé, Língua Geral, entre muitas outras). Esses tipos de predicados são negados por meio da partícula *n(a)+* e do sufixo flexional *-i*. Alguns exemplos são:

n+ **a-kuha-i**
Neg+ 1-saber-Neg

‘eu não sei (isto)’

n+ **o- ket** **-i**
Neg 3-dormir Neg

‘ele não dorme’

Como nas línguas Tupí-Guaraní, Jo'é possui um conjunto de morfemas gramaticais que encontram correspondências nas línguas TG e que têm sido chamados de ‘prefixos relacionais’ (Rodrigues 1981, 1984-1985, 1990; Seki (1990)). Como colocado por Rodrigues (1981, 1990:7) estes prefixos marcam ‘a contiguidade ou não-contiguidade de um genitivo antes de um nome, de um sujeito antes de um verbo descritivo, de um objeto antes de um verbo transitivo, ou de um nome antes de uma posposição. No Jo'é esses prefixos marcam essas relações de contiguidade, exceto a de um objeto antes de um verbo transitivo.

Em Jo'é, como em muitas línguas da família TG as raízes verbais, nominais e as posposições podem ser divididas em duas classes lexicais de acordo com a sua ocorrência com os alomorfes das marcas de contiguidade e não-contiguidade.

Rodrigues (1990:8) chama essas classes de Classe A e Classe B. A distribuição dos alomorfes desses marcadores apresentado por Rodrigues (1990:8) é reproduzida abaixo:

	CLASSE A	CLASSE B
Contiguidade	r-	∅
Não-contiguidade	s-, t-	i-

Exemplos do Jo'é são:

Classe A

owi r-u	e-r-eme	e-r-ehe	t-ehe	pahi h-et	ji
Owi Rel-pai	1-Rel-lábio	1-Rel-olho	Rel-olho	Pahi Rel-nome 1	
‘o pai de Owi’	‘meu lábio’	‘meu olho’	‘olho’	‘meu nome é Pahi’	

Classe B

ne	hy	muhu	memyt	i-hy	o-ji-kihe Rel-
2	mãe	Muhu	filha	mãe	3-Reflx.-morrer
'minha mãe'		'filha de Muhu'		'a mãe dele morreu'	

2 3 PREFIXOS DERIVACIONAIS

Uma rápida inspeção de alguns dos morfemas derivacionais do Jo'é. nos mostra que os mesmos encontram correlatos nas línguas TG (Tupinambá, Guaraní Antigo, Urubú, Parintintin, Guajajara, Kayabí, entre outras):

.uhu, .hu 'intensivo'

aman.uhu	kuru.hu
chuva.intensivo	sapo.intensivo
'chuva pesada'	'sapo grande'
jararak.uhu	posi.hu
jararaca.intensivo	fezes.intensivo
'jararaka grande'	'diarréia'

.i 'atenuativo'

tik.i
pouco.atenuativo
'pouquinho'

.wet, .et 'passado nominal'

mytũ	r-a.wet	pir.et
mutum	Rel-pena.passado nominal	pele.passado nominal
'pena de mutum (arrancada da pele)'		'piret'
		taper.et
		aldeia.passado nominal
		'capoeira'

Afijos que modificam a valência verbal

Jo'é possui o prefixo **mo.** 'causativo' e **er.** 'causativo comitativo.' O primeiro forma verbos transitivos de verbos intransitivos, estativos, de nomes e de algumas partículas. O segundo forma verbos transitivos de intransitivos. Ambos os

prefixos são comumente encontrados nas línguas da família Tupí-Guaraní. Alguns exemplos do Jo'ê são:

mo.eta	mo.ahy	mo.hem	mo.aku
Caus.muitos	Caus.dor	Caus.sair	Caus.ser quente
'contar	'fazer dor'	'chegar'	'esquentar'

jirusi	r-er.eko-at	er.ut
jirusi	Rel-CausCom.estar-Agen	CauCom.vir
'a esposa (a que faz (alguém) estar consigo) de Jirusí '		'trazer consigo'

2.4 INCORPORAÇÃO

Como nas língua TG, Jo'ê incorpora objetos entre os prefixos marcadores de pessoa e o tema verbal:

ere-moy=kyji

2-cobra=temer 'você teme cobra'

a-kihe=japo

1-rede=fazer 'eu faço rede'

kuru o-ho pire-apoj

kuru 3-ir peixe-alimentar 'Kuru foi pescar'

Um tipo de incorporação comum a várias línguas da família TG é a incorporação de objetos genéricos. Exemplos do Jo'ê são:

poro-su?u

Obj.Gen-morder

'morder gente'

poro-?u

Obj.Gen-morder

'comer gente'

2.5 REDUPLICAÇÃO

Reduplicação monossilábica e dissilábica de temas verbais são usadas com valor aspectual por várias línguas da família TG (cf. Jensen, em fase de publicação). Exemplos do Jo' é são:

<p>o-po-por</p> <p>3-pular-pular</p> <p>'ele pulou uma vez atrás da outra'</p>

kume?e	kã	o-pi-o-pik	tajahu	ta	juke
homem	pl.	3-furar-3-furar	queixada	finalidade	matar
'os homens furaram (lançaram flechas) várias vezes para matar queixadas'					

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho tentamos mostrar similaridades lexicais e fonológicas do Jo' é com as línguas da família TG. Os resultados da comparação de 101 morfemas do Jo' é com morfemas reconstruídos para a proto-língua apontam para o fato de que as formas do primeiro são derivadas das formas da segunda através de correspondências fonológicas regulares. Mostramos ainda que

relevantes padrões estruturais da morfologia-morfossintaxe do Jo' é se correlaciona com padrões estruturais encontrados nas línguas desta família lingüística. Estas similaridades juntas formam um conjunto significativo de evidências lingüísticas que podem servir de base para se pensar na hipótese de parentesco genético do Jo' é com as línguas TG.

Aqui nossas pretensões não ultrapassam tais limites. Isto porque a documentação da língua Jo' é ainda se encontra em fase inicial. Acreditamos com Kaufman (1990) que para se desenvolver uma hipótese de relacionamento genético são necessários, entre outros pré-requisitos, que os dados a serem comparados '...sejam analisados fonologicamente de modo a revelar padrões regulares de alternância nos sistemas flexionais e derivacionais...O material lexical da língua deve ser completamente analisado morfológicamente... Itens lexicais devem ser não só separados de seus afixos, como também devem ser conhecidos os padrões derivacionais da língua, tantos os produtivos, quanto os padrões que são representados em apenas poucos lexemas' (Kaufman, 1990:17).

Por outro lado, as evidências ora disponíveis constituem fortes indícios de que o relacionamento genético do Jo' é com as línguas TG será definitivamente confirmado quando os seus dados, então mais completos, forem testados à luz do Método Comparativo.

NOTAS

- 1 - Agradeço aos professores Aryon Dall'Igna Rodrigues e Francisco Queixalós pelas relevantes sugestões dadas durante a elaboração deste estudo. A responsabilidade é toda minha pelas falhas aqui encontradas.
- 2 - Os itens lexicais do Jo' é coletados até agora (900 aproximadamente) nos permitem dizer que as mudanças fonológicas básicas do Proto-Tupí-Guaraní para o Jo' é estão exemplificadas pelas mudanças observáveis a partir da comparação dos presentes dados.

- 3 - Neste trabalho adotamos o inventário de fonemas do PTG conforme Rodrigues (1984-1985). As vogais baixas do Jo'é /e/ anterior e /o/ posterior (ver páginas 37-39) são representadas respectivamente por /e/ e /o/.
- 4 - Note-se que Jo'é mantém [b] < * /b/ como variante livre de /w/ ocorrendo antes de /e/.
- 5 - A forma ak^wã 'ponta' < * apwã 'ponta' é outro exemplo ilustrativo desta mudança.
- 6 - Os símbolos usados nesta parte do trabalho correspondem a: Agen = agentivo; Neg = negação; Rel = relacional; 1 = primeira pessoa; 2 = segunda pessoa; 3 = terceira pessoa; Reflx = reflexivo; Caus = causativo; CausCom + causativo comitativo; ObjGen = objeto genérico; PL = plural; . = derivação; - = flexão; : = reduplicação; e = igual a composição.
- 7 - Harisson (1986: 408) observa a ausência da ordem OSV e OVS em duzentas páginas de textos gravados na língua Guajajara. Harisson salienta que dados obtidos durante as eliciações comprovam a ausência destas ordens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- HARRISON, Carl. 1986. Verb prominence, verb initialness, ergativity and typological disharmony in Guajajara. In *Handbook of Amazonian languages*, Vol. 1. Desmond C. Derbyshire and K. Pullum (ed.), 407-439. Berlin: Mouton de Gruyter.
- JENSEN, C. 1989. *O Desenvolvimento Histórico da Língua Wayampi*. Editora da UNICAMP.
- _____. 1987. 'Object-prefix incorporation in proto-Tupí-Guaraní verbs.' *Language Sciences* 9, 1, 45-55.
- _____. 1995. Comparative Tupí-Guaraní Morphology. A ser publicado no *Handbook of Amazonian Languages, Vol. 4*. Desmond C. Derbyshire e Geoffrey and K. Pullum (Editores) Berlin: Mouton de Gruyter.
- KAKUMASU, James. 1986. Urubú-Kaapór. *Handbook of Amazonian languages. Vol. 1*. Derbyshire C. Geoffrey and K. Pullum (Editores), 326-403. Berlin: Mouton de Gruyter.
- KAUFMAN, Terrence. 1990. Language history in South America: What we know and how to know more. In *Amazonian Linguistics: Studies in Lowland South American Languages*, Doris L. Payne (ed.), 13-67. Austin: University of Texas Press.
- LEMLE, Miriam. 1971. Internal Classification of the Tupí-Guaraní linguistic family. In *Tupí Studies I*. David-Samuel (ed.), 107-129. Norman, Oklahoma: Summer Institute of Linguistic.
- RODRIGUES, Aryon D. 1953. Morfologia do verbo Tupi. *Letras* 1:121-52. Curitiba. (Tupinambá).
- _____. 1958. Classification of Tupí-Guaraní. *International Journal of American Linguistics* 24:231-4.

- _____. 1966. Classificação da língua dos Cinta-Larga. *Revista de Antropologia* 14:27-30.
- _____. 1980. Tupí-Guaraní e Mundurukú: evidências lexicais e fonológicas de parentesco genético. *Anais do Seminário do GEL* 3:194:209.
- _____. 1984-1985. Relações Internas na Família Lingüística Tupí-Guaraní. *Revista de Antropologia* XXVII/XXVIII: 33-53.
- _____. 1990. *Grammatical affinities among Tupí, Caribe and Macro-Gê*. (MS).

Aspectos Morfossintáticos das Relações Genitivas na Língua Kayapó

Marília Ferreira Borges
Universidade Federal do Pará

1. INTRODUÇÃO

A língua Kayapó, da família lingüística Jê, pertencente ao tronco Macro-Jê, é falada pelos Mebengôkren, que vivem no sul do estado do Pará e no norte do estado de Mato Grosso, no Parque Indígena do Xingu.

O objetivo deste trabalho é apresentar evidências para a existência de prefixos relacionais em Kayapó, com base na análise feita por Rodrigues (1990) com dados de línguas Tupí, Karib e Macro-Jê. A análise proposta por ele mostra uma comparação de ocorrências de prefixos relacionais entre os nomes e seus respectivos possuidores. Rodrigues apresenta evidências diacrônicas para a existência de um grupo de morfemas chamados de “relacionais”, os quais “marcariam a contigüidade ou a não-contigüidade de um genitivo antes de um nome, um sujeito antes de um verbo descritivo, um objeto direto antes de um verbo transitivo ou de um nome antes de uma preposição.”

Desta forma, estamos chamando a relação que envolve um nome e um possuidor de *relação genitiva*, tendo por apoio o que Matisoff (1970) define por *genitivização*: “A genitivização é um mecanismo simplificado empregado por todas as línguas para a subordinação entre nomes e outros nomes, sem especificar necessariamente a natureza precisa da relação semântica entre eles.” [tradução minha]

2. RELAÇÕES GENITIVAS EM KAYAPÓ

Está-se chamando de relação genitiva de dependência na língua Kayapó àquela construção sintática que consiste de uma subordinação de elementos, em que o segundo elemento é o núcleo possuído e o primeiro é o possuidor e em que ainda se tem o possuidor subordinado ao possuído. Uma relação genitiva de dependência envolverá necessariamente um morfema que marcará tal relação.

Optou-se em referir-se a este tipo de relação como genitiva de dependência principalmente porque esta ocorre com os nomes dependentes que semanticamente não expressam posse no sentido estrito da palavra: as relações de parentesco ou das partes do corpo com o sujeito não são de “posse”. Neste sentido, acolhemos o que afirma Queixalós (1993) sobre este tipo de relação: “a relação que tenho com minha canoa é de uma natureza bem diferente da relação que tenho com minha mão. Estas duas são diferentes da relação que tenho com meu pai.” [tradução minha]

Também Câmara Jr. (1979) faz alusão à “subordinação de um nome a outro nome, por meio da desinência de genitivo no latim.”

Os nomes independentes são todos aqueles que não se enquadram entre os nomes dependentes.

2.1. QUANDO O NÚCLEO POSSUIDOR É UM PRONOME OU UM NOME E O POSSUÍDO UM NOME DEPENDENTE.

Os nomes dependentes formam construções genitivas de posse peculiares, diferentes das relações com nomes independentes.

Quando o núcleo possuidor é um pronome ou um nome e o possuído um nome dependente teremos as seguintes possibilidades de acordo com a forma do nome dependente:

Ex.: i 0-pa ‘meu braço’
1s REL-braço

0 y-aikwa ‘minha boca’
1s REL-boca

i ñ-õto ‘minha língua’
1s REL- língua

i n-ikra ‘minha mão’
1s REL-mão

i j-ua ‘meu dente’
1s REL-dente

Os prefixos relacionais são os elementos “ligadores” entre os pronomes e os nomes dependentes que podem ser observados nos exemplos acima, conforme o seu condicionamento. Assim temos a seguinte distribuição: {0-} ocorre diante das consoantes; {y-} ocorre diante das vogais, realizando-se como {y-} diante das vogais orais e {ñ-} diante das vogais nasais; {n-} ocorre diante de vogal alta anterior /i/ e {j-} diante de vogal alta posterior /u/.

2.2. QUANDO O NÚCLEO POSSUÍDO É UM NOME INDEPENDENTE

Quando o núcleo possuído é um nome independente somente um prefixo relacional indicando a relação {y-} e um morfema genérico de posse {õ}, que está categorizado como nome. Este morfema genérico de posse é citado em Wiesemann (1986).

Ex.: i y-õ kikre ‘minha casa’
1s REL- POSS casa

memi y-õ kikre 'casa do homem'
 homem REL-POSS casa

A terceira pessoa em Kayapó pragmaticamente realiza-se como zero {0}. Assim, nesta pessoa temos somente a ocorrência do nome genérico de posse, o que comprova o caráter de prefixo relacional do {y-}.

Ex.: õ kikre 'casa dele'
 POSS casa

Nas relações genitivas com nomes independentes tem-se a possibilidade de apagamento do núcleo possuído quando o contexto geral é claro. Desta forma, evita-se a repetição de um nome mencionado anteriormente, em uma outra parte do discurso.

Ex.: may meõ y õ-rop akuno 'de quem eram os cachorros perdidos?'
 de quem GEN cachorro perder

Kayere y-õ '(eram) do Kayere'

Verificou-se que o nome genérico de posse,õ, apresenta as seguintes características: (1) combina-se com uma única categoria de base (nomes ou itens lexicais em lugar de nome, como demonstrativos e adjetivos); (2) não permite reordenações estilísticas, pois sua locação é fixa; (3) como em japonês, língua de ordem sentencial S O V tal qual o Kayapó, cuja partícula marcadora de genitivo é no, o nome genérico de posse õ em Kayapó nunca é omitido em relações genitivas envolvendo nomes independentes; (4) o nome genérico de posse forma uma conexão com a palavra precedente devendo por isto serem considerados pertencentes ao mesmo sintagma.

3. CONCLUSÕES

Conforme dissemos no início deste trabalho, a proposta principal do mesmo é a de fornecer subsídios que comprovem a análise feita por Rodrigues (1990) para línguas Tupí, Karib e Macro-Jê. Assim, cremos que esta análise além de fornecer fatos para ampliar a descrição da língua Kayapó, vem também reforçar a análise proposta por Rodrigues por apresentar mais evidências sobre a ocorrência de prefixos relacionais em uma língua indígena Macro-Jê. Estes prefixos podem sugerir um provável relacionamento genético entre tais línguas.

De acordo com os dados de outras línguas, aparentadas do Kayapó, citadas por Rodrigues (1990), constata-se que há provas em Kayapó do fenômeno morfossintático abordado por ele naquelas línguas. É bem provável que já tenham ocorrido algumas modificações em decorrência do distanciamento no tempo. Entretanto, como vimos, em Kayapó, foram preservadas provas desta ocorrência, verificada não somente em línguas do tronco Macro-Jê, mas em línguas de outros troncos e de outras famílias.

Para finalizar, gostaria de ressaltar que trabalhos desta natureza oferecem a possibilidade de se reconstruir diacronicamente todo um passado perdido das línguas indígenas brasileiras, além de contribuir em direção a uma possibilidade de entendimento acerca de como tais línguas se ramificaram.

BIBLIOGRAFIA

- CÂMARA Jr. J. Mattoso. 1979. *Princípios de Linguística Geral*. Como introdução aos Estudos Superiores da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Livraria Padrão Editora Ltda.
- MATISOFF, James A. 1973. *The Grammar of Lahu*. Berkeley: University of California Press.
- QUEIXALÓS, Francisco. 1993. *Grammaire Sikuani*. Manuscrit. ORSTOM/CNRS.
- RODRIGUES, Aryon D. 1990. Comments on Greenberg's *Language in the Americas from a South American Angle*. Manuscrito. Universidade de Brasília.
- WIESEMANN, U. (ed.) 1986. *The Pronominal Systems of Some Jê and Macro-Jê Languages*. IN: Ursula Wieseemann (eds). *Pronominal Systems*. Tübingen: Gunter Naar Verlag.

The Interplay of Causative and Desiderative in Guajajara*

Carl H. Harrison
Universidade Federal do Pará

1 INTRODUCTION

The purpose of this paper is to give a data-oriented presentation of the interaction of two interesting structures involving COMP in Guajajara. Causative (CAUS) and Equi-subject clause reorganization (EQUI) as well as the antipassive (ANTI) that obligatorily occurs in DESIDERATIVE - EQUI, are identifiable morpho - syntactically distinct structures. COMP is defined as the presence of a semantic clause functioning as a nominal in a matrix clause.

he wants COMP[he go]. = He wants to go.
he caused COMP[it happen]. = He caused it to happen.
COMP[he happy] is good. = It's good that he's happy.

2 TRANSITIVE CLAUSES

A transitive clause has two core nominals, one carrying the Subject(S) and the other carrying the Direct Object (O) relation or function. Intransitives have only S. Though the same sets of prefixes occur in both, the transitive verb paradigm is quite different from the Intransitive Verb paradigm.

2.1 EXAMPLES OF TRANSITIVE ¹

(DPU = Distant Past Unattested)

w- esak zekaipo ma'e -putyr o- ho
 3S-see DPU thing -flower 3- go
 She went to see some kind of flower.

u- haw zekaipo i- hy amo wàràrà -putyr o- ho
 3- break DPU 3- mother some guaruma -flower 3- go
 His mother went and broke off some guaruma flowers.

u- mur zekaipo i- hy i- zupe
 3- give DPU 3- mother 3- to
 His mother gave it to him.

2.2 EXAMPLES OF INTRANSITIVE

n- u- ze'eg -kwaw i- memyr i- zupe
 NEG- 3- speak -NEG 3- child 3- to
 Her child did not speak to her.

o- ho -e i- hy 0- iko kury
 3- go -W/O.DESTIN 3- mother 3- be now
 His mother wandered on. (He was in her womb.)

u- hem zekaipo o- ho mykur -reku -haw -pe kury
 3- arrive DPU 3- go possum -live -place -at now
 She arrived now at Possum's place.

3 CONSTITUENT STRUCTURE OF INDEPENDENT VERBAL CLAUSES

A predicate with S or with S and O is the CORE. The CORE plus AUX and Indirect Object (IO) is the NUCLEUS. These distinctions, though not normal in syntactic analysis, are useful for describing certain phenomena in G. CORE nominals are unmarked (no case marking or postpositions). IO is always marked with some allomorph of the ostposition PE "to". Peripheral (ADJUNCT) elements such as time, place, or manner cannot come between elements of the nucleus. Thus a normal transitive clause might consist of these elements: (T = time; L= locative/place)

T nucleus	[core[V S O]	IO] L
T		V		S	O	
pyhewe		w- exak-putar	0	ne- r- emi-	apo	-kwer
tomorrow		3- see- FUT	0	2S-R- NOMZR-	make/do-past	

L		CL CL
ne- r- eko -haw	=pe	a'e nehe
2S- R- live- place	=at	he FUT

'Tomorrow (someone known from the context) will see what you have made/done at your living place.'

A fuller discussion of the typological traits of Guajajara is found in Harrison 1986.

G tends toward VSO as the preferred order when both S and O are present.²

Certain generalizations can be made about independent clauses. Under certain discourse- pragmatic conditions one or more clause level constituents may be unrepresented. G would be classified as a PRO-drop language. There are a

number of verbless clause types that do not concern us here. After the surface order of clause elements has been determined, one or more of a series of clitics may occur after the first element, whatever it may be. (RP = RECENT PAST)

	CL		CL	CL
karu	-mehe	rakwez	o- ho	taw -pe a'e ri'i
afternoon-during	RP	3- go	town -to	3- yest.or.earlier

Yesterday afternoon he went to town.

There is another clitic, kwez, that occurs after the core but before the IO. There are also seven orders of clause-final clitics (see Harrison(1986) and Bendor-Samuel(1972)). Some appear in this sentence. (MTM = man-to-man).

	CL		CL	CL	CL	CL	CL
u- mur	temetarer	kwez	ihe- we	a'e wà	kury, ty	wà	
3- gave	money	IMMED.PST	1S- to	3	PL	now	, M.T.M

PL
They gave me money just now, guys.

4 AGREEMENT PREFIX SYSTEM

There are two main sets of prefixes, one agreeing with the nominative and the other, when on a verb, with the absolutive.

		independent	dependent
transitive	O outranks	1////ABS////	5////ABS////
	S outranks	2 NOM	6////ABS////
intransitive	active	3 NOM	7////ABS////
	stative	4////ABS////	8////ABS////

BASE FORMS FOR THE PREFIXES

	1S	2S	3S	1PI	1PE	2P	3P
NOM:	a	ere	u	si/za	uru	pe	u
ABS:	he	ne	i	zane	ure	pe	i/wa

In this (to Tupinologists) well known typological feature, creeping "accusativity" (Harrison 1986) occurs where the S outranks the O in independent transitive verbs and where the intransitive independent verb is of the active volitional type. 1 > 2 > 3 is the normal ranking of persons in the hierarchy of topicality. Agreement in transitive independent is always with the ranking nominal. If that nominal is the subject, the agreement is marked with the prefix set agrees with NOMinative. If the ranking nominal is O, the prefix set that agrees with ABSolutive is chosen. Active independent triggers NOM and stative independent triggers ABS agreement. (See section 4 for further discussion.) Many details are beyond the scope of this paper.

NOM -agreement

a- ker(INTR)	1S.NOM-sleep	I sleep
a- esak(TR)	1S.NOM-see	I see him/her/them
w-esak	3. NOM- see	he sees him/her/them

ABS-agreement³

he- r- urywete(INTR)	1S.ABS- R- happy	I am happy
he- r- esak	1S.ABS- R- see	he/she/they see me
hesakmehe		
0- h- esak -mehe	3S.ABS- R- see	-when when someone sees him/her/them

1.1 COMP-TAKING PREDICATES

In order to better prepare for the presentation of causative and desiderative- equi- antipassive, we give a quick description of various COMP-like phenomena. There are the following basic types:

1.1.1 COMP-taking predicates that form a lexical union with the COMPverb.

pyhewe a- ha -PUTAR ko -pe nehe
tomorrow 1S- go -FUT field-to FUT
I'll go to the field tomorrow.

PUTAR is derived from the lexical verb meaning 'want'.

a- putar ne- ho -aw -am
1S- want 2S- go -ACT.NOMZ -FUT.NOM
I want your future going. = I want you to go.

a- esak -KAR he- po i- zupe
1S- see -CAUSE 1S- hand 3S- to
I caused him to see my hand. = I showed him my hand.

KAR is possibly derived from an old lexical verb meaning 'seek', 'make', or 'cause'. Such causatives and the desiderative that follows are the subjects of this paper.

he- ho -WER zepe ne- r- upi
1S- go -WANT W/O.SUCCESS 2S- R- with
I wanted to go with you.

My impression is that WER has had a long history as a suffix. However, the following seems to be an innovation in G: the formation of ANTIpassive by the combined use of PURU "INCORPORATED- PEOPLE-OBJECT" to mark the intransitivization of the verb, plus WER used as the

representative of 'WANT' in the verb, plus the postposition R-EHE marking demoted direct object.

1.1.2 COMP-taking auxiliary (AUX) modal verbs that follow the COMPverb and appear to be losing their position of dominance.

a- esak -putar i- ma'eahy -ma'e A- HA ihe nehe
1S- see -FUT DUMMY3-sick -one 1S- GO 1S FUT
I am going over to see the sick person.

u- zewyr 0- wa xe
3- return 3S- COME here
He returned here.

One hypothesis, based on the impression that G is in the process of changing from a SOV to a VSO type of language, is that the AUX verb, which may have been the typologically consistent higher predicate in the earlier construction

s o V AUX

was left stranded when the lexical verb shifted to initial position.

V s o aux

The position to the left of the V can now be occupied by another set of COMP-taking verbs (that will conform to the new type). In such cases the COMP verb is marked in a number of ways (see below). The AUX seems to be relegated to the position of a mere appendage to indicate direction, position, or continuous action.

1.1.3 COMP-taking verbs that take a nominalized or nominal-like COMP. (ECZR = EQUI-COMPLEMENTIZER)

SUBORDINATE CLAUSE

U- ZYPYROG i- apo -Pà
3- begin 3S- make -ECZR
He began to make it.

NOMINALIZATION = O

U- MU- MAW i- apo -HAW
3- CAUSE- FINISH 3S- make -ACT.NOM
He finished doing it.

SUBORD. CL. NOMINALIZATION = OBLIQUE

U- ZE- AGAW i- apo -Pà / i- apo -HAW -REHE
3- REFL- TRY 3S- make -ECZR/ 3S- make -ACT.NOM -
W.RESP.TO
He tried to make/do it.

NOMINALIZATION = O

U- MUME'U i- apo -àW -àm
3- TELL 3S- make -ACT.NOM -FUT
He promised to do it.

NOMINALIZATION = O

A- KWAW i- apo -HAW
1S- KNOW 3S- make -ACT.NOM
I know how to do it.

NOMINALIZATION = O

A- PUTAR ne- ho -AW -er
1S-WANT 2S- go -ACT.NOM -PAST
I wanted your going. I wanted you to go.

1.1.4 Nominalized COMP acting as subject or oblique.

NOMINALIZATION = S

i- katu ZANE- ATA -HAW/ zane-ata-haw i-katu
3- good 1P.INCL- walk -ACT.NOM
Our trip/travel was good.

2 ANTIPASSIVE

Antipassive(ANTI) is a process that in some way demotes the direct object (O) (rather than promoting it, as does passive). I present here by way of explanation of the terminology as I use it, three general types of ANTI (1, 2, and 3). Such demotion seems to be associated with a lower degree of transitivity.

2.1.1 ANTI1 is the SUPPRESSION OF O, often for rhetorical effect, to foreground S or emphasize V.

Speed kills!

This is not to be confused with common zero anaphora as, for instance, in English.

He wants [he go]. He wants 0 tto go

2.1.2 ANTI2 is the INCORPORATION OF GENEREC O (or a representative of O) onto the V (rare in English).

?He deer-hunts a lot in the fall.
He went bass-fishing.
She baby-sits every evening.

2.1.3 ANTI3 is the DEMOTION OF O TO OBLIQUE STATUS (O put "en chomage", in relational grammar terms). This seems to be connected to the LOWERED AFFECTEDNESS of the O.

He shot me. He shot at me.

2.2 ANTI IN GUAJAJARA

Guajajara has types ANTI2 and ANTI3.

2.2.1 ANTI2: INCORPORATION OF GENERIC O (or a representative of O).

uma'ereko
u- MA'E- ero- eko
3- thing- COMMITATIVE- be
He is with things/ has things/ treats things. = He works.

u- PURU- mu'e
3- people- teach
He teaches people.

In each of these examples, a morphological element attaches to the front of the stem to represent the demoted generic object. The resultant verb then conjugates in the intransitive paradigm. Reflexive is also an antipassive looking structure since the reflexive pronoun incorporates to the V. The difference is that the O is both fully affected and specific.

a- ZE- kisi
1S- REFL- cut
I cut myself.

2.2.2 ANTI3: DEMOTION OF O TO OBLIQUE STATUS.

he- PURU- zuka -WER zepe arapuha -REHE.
1S- ANTI.MK- kill -want w/o.success deer - O.CHO.MK.
I wanted to kill a deer.

O.CHO.MK = Object Chomeur Marker, i.e. the post position that marks the demoted Object in the same way that "by" marks the demoted Subject in the English sentence "He was seen BY four policemen". In this case the deer may be definite, one that got away. This particular type of antipassive is used to emphasize the desire (usually frustrated) to affect the O. In ANTI2 with MA'E and PURU the O is definitely affected. In those cases it is LOWERED SPECIFICITY OF REFERENCE that is reflected.

Desiderative with the INTR shows some similarity to that with TR. The agreement on the verb in both cases is done with prefixes from the set that agrees with the absolutive.

Analogous to the English passive making the verb seem like a linking verb plus adjective, antipassive verbs in G seem to become intransitive descriptive verbs as though in the non-volitional class such as big, green, and happy.

a- ha 1S.NOM- go 'I go.'
he- ho -WER 1S.ABS- go -WANT 'I am in the state of
wanting to go.'
he- PURU- esak -WER h- EHE
1S.ABS- ANTI.MK see -WANT 3S- O.CHO.MK
I want to see it.

grammatical relations of nominals from the initial COMP clause are enclosed in parentheses.

	INTR	TR
	----	-----
INITIAL	S (S)	S (S O)
UNION	S O	S IO O

3.1.1 TRANS

ere- esak zawar
 2S- see dog
 You saw the dog.

3.1.2 CAUS(TRANS)

a- esak -KAR zawar ne- WE
 1S- see -CAUSE dog 2S- IO.MK
 I caused you to see the dog. I showed you the dog.

3.1.3 EQUI-ANTI-DESIDERATIVE

DESIDERATIVE is a combination of EQUI and ANTI.

	INTR	TR
	-----	-----
INITIAL	S (S)	S (S O)
EQUI	S	S O
ANTI	S	S O.CHO

(ANTI.MK = MARKER OF ANTIPASSIVE; O.CHO.MK = O-CHOMEUR MARKER)

EQUI.ANTI.DESIDERATIVE (TRANS)

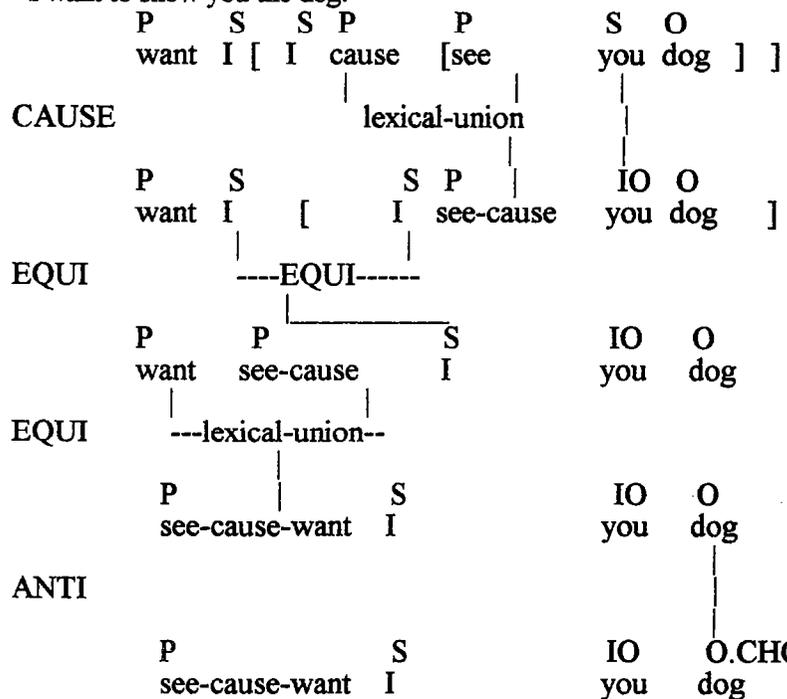
ne- PURU- esak -WER zawar -REHE
 2S- ANTI.MK see -want dog -O.CHO.MK
 You wanted to see the dog.

Sometimes it is revealing to present the application of structures such as CAUS, EQUI, and ANTI as processes. In the following example a simplified stratal diagram traces the progress of each element from the initial stratum to the final. We will separate the two occurrences of EQUI from ANTIPASSIVE (ANTI), though the intermediate strata would never be represented by a spoken sentence in the language. This sentence represents

3.1.4 EQUI.ANTI.DESIDERATIVE - CAUS(TRANS)

he- PURU- esak -KAR -WER zawar -REHE ne- WE
 1S- ANTI.MK- see -CAUSE-WANT dog -O.CHO.MK 2S- IO.MK

I want to make you see the dog.
 I want to show you the dog.



3.2 CAUS WITH INTRANSITIVE

3.2.1 INTR

a- ker
1S- sleep "I slept."

3.2.2 CAUS(INTR)

a- MU- ger he- memyr
1S- CAUSE- sleep 1S- child
I caused/(put) my child to sleep.

3.2.3 EQUI.ANTI.DESIDERATIVE(INTR)

he- ker -WER

1S- sleep -WANT "

I want to sleep."

3.2.4 EQUI.ANTI.DESIDERATIVE - CAUS(INTR)

he- PURU- MU- ger -WER he- memyr -REHE
1S- ANTI.MK- CAUS- sleep -want 1S- child -O.CHO.MK
I wanted to put my child to sleep.

3.3 THE ORDER OF HIGHER PREDICATE REPRESENTATIVES IN THE V

In lexical predicate union with TRANSITIVE lexical predicates in G, the order of occurrence of the morphological representation of the predicates reflects their embedding relationship, the left-most being the most deeply embedded.

[[[lexical] CAUSE] EQUI-ANTI]

Lexical predicate union with an INTRANSITIVE lexical predicate does NOT follow this rule.

[[CAUSE [lexical]] EQUI-ANTI]

It may be that MU and KAR were lexicalized at different typological periods, or MU may simply have been incorporated in the fashion of ERO, 'comitative' the other valence-incrementer (transitivizer). It is possible to visualize a situation where a comitative marking postposition on a nominal is incorporated and the nominal is left standing as the O instead of object of a postposition. Although there is no morphological evidence for this, the forms have strong semantic equivalence.

(a)3-go him-WITH ==> (b)3-WITH-go him
He went with him. ==> He took him.

In form (b), although there is a possibility of dominance of one nominal over another, it is often difficult to determine which is the S and which is the O. They seem interchangeable.

By analogy:

3-go him-CAUSE ==> 3-CAUSE-go him
He sent him.

The equivalent modern G forms are:

oho Inaz-RUPI
U- ho Inaz -R -UPI
3- go Inacio -R -WITH
He went with Inacio.

wERAhA Inaz
U- ERO- ho Inaz
3- COM- go Inacio
He took Inacio.

MU may have shifted to the incorporated position by structural analogy with ERO.

umuapyk Inaz
U- MU- apyk Inaz
3- CAUSE- sit Inacio
He caused Inacio to sit.

4.0 BI-STRATAL SIGNALLING⁴

One point of possible importance to relational grammar is the bi-stratal marking of the O.CHOMEUR nominal. Normal signalling of grammatical relations in a clause is said to be done in three ways.

1. The signal attached to the nominal, sometimes called CASE.

2. The sequential order of the nominals, or Linear Precedence, called here WO (word order) for convenience.

3. The signalling attached to the verb, or AGREEMENT.

Normal marking for G:

1. CASE: no mark on S or O; postposition "PE" on IO; other characteristic postpositions on OBLiques.

2. WO: nucleus[core[V S O] AUX IO] OBL, with OBL possible before the nucleus, allowance for 0-anaphoric representation of nominals, and some freedom of order within the core and among obliques.

3. AGR: with S or O reflecting a sensitivity to surface NOM/ACC versus ERG/ABS, as explained in 0.4.

Another way to think of the choice of prefix set is as a 4-place function. Each core nominal (S,O) has two CASES.

TRANS-S	INTR-S	TRANS-O

NOM	NOM	ACC
ERG	ABS	ABS

The CASE that eventually triggers agreement will be the one that is allowed to dominate through this function. Agreement (fifth column) will either be with the NOMinative(+NOM) or the ABSolute(-NOM). Here is a representation of the decision procedure:

IND	TR	S-HIGH	ACTIVE	NOM
+	+	+		+
+	+	-		-
+	-		+	+
+	-		-	-
-				-

IND = independent (vs. dependent) clause
 TR = transitive (vs. intransitive) clause/verb
 S-HIGH = subject (vs. object) highest ranked
 ACTIVE = active (vs. non-active) intransitive verb
 NOM = nominative (vs. absolutive) dominates and therefore triggers agreement.

Thus, for instance, an INDependent, TRansitive verb with the Object ranking higher than the Subject (second line of chart) allows the ABSolutive case of TRANS-O to be cross-referenced on the verb rather than the NOMinative case of TRANS-S.

In 3.1.4 the O.CHO (dog) occurs before the IO (2S). The CASE mark for O.CHO is a postposition that normally marks obliques "on surface of", "with reference to". However the normal order of

V-S-IO-OBL

for this combination is not followed. The decision to call the structure ANTIPassive is based on the CASE marking of the O.CHO and the clear detransitivization of the verb which takes the valence diminisher "PURU" and the intransitive paradigm in this construction.

To save space I use simplified stratal diagrams. Thus, for instance, English passive "I was seen by John" is represented by

P	S	O
P	S.CHO	S

see	John	I

In 0.2.1, the second sentence would be represented thus:

P	S	O	AUX

broke	mother	flower	going

Sentence 3.2.2 looks like this:

P1	S	[P2	S]	
CAUS	P1-2	S		O

CAUSE-sleep	I			child

The third sentence from 1.1.1 would look thus:

P1	S	[P2	S	O]	
CAUS	P2-1	S		IO	O

see-CAUSE	I		he		hand

In 3.1.4 this sort of diagram was modified for EQUI - ANTI -DESIDERATIVE (short form repeated here).

	P1	S1	[S2	P2	[P3	S3	O]]
CAUS	P1	S1	[S2	P3-2		IO	O]
EQUI	P3-2-1		S1-2			IO	O
ANTI	P		S			IO	O.CHO

	see-cause-want	I				you	dog

It is quite common for languages to have their signalling devices sensitive to the final stratum. This is generally true for English, where the signalling (for pragmatically unmarked clauses) is

- CASE: S: nom on pronouns, O on other nominals
- O: acc on pronouns, O on other nominals
- IO: dat ("to" plus acc on pronouns, "to" on other nominals)
- OBL: various other characteristic prepositions plus acc on pronouns, prepositions on other nominals

AGR: with S

WO: S-V-O-IO etc., (well studied)

the grammatical relations referred to in the rules are final relations. In passive

S P S-CHO
 I was revered BY everyone.
 YOU were revered BY ME.
 HE was revered BY US.

the signals of English are sensitive to final Rgs.

This is also true of IO to O advance except that CASE is sensitive to BOTH INITIAL AND FINAL STRATA.

S O IO
 S O-CHO O

 I book you

S O IO
 I gave the book(acc) to you(dat)

S O O-CHO
 I gave you(acc) the book(acc)

Here both O and O-CHO receive ACC case marking, though AGR and WO seem to be organized around the final stratum. In cases like this, relational grammarians say that the term "ACTING-O" is a useful addition to their toolkit. ACTING-O (ACTING-2 in their terminology) is a nominal that is an O on any stratum. Thus "I gave you the book" has two ACTING-Os, 'book' and 'you'. Some languages organize some grammatical signalling around ACTING-O. In the English IO-to-O construction, CASE marking is sensitive to ACTING-O.

In Guajajara CAUSative:

	transitive comp	intransitive comp
S	[S O]	S [S]
S	IO O	S O

CASE, AGR, and WO all refer to final grammatical relations.

See 3.1.2 for an example of this.

In ANTIpassive this is not the case.

S	O
(O	O-CHO)
S	O-CHO

I will not discuss the second stratum since it does not appear to bear on the ANTI in G. It does seem to be of some importance to relational grammarians for preserving certain universal laws of syntax, and evidence for its existence is given in Davies (1984). The analysis originated, I believe, with Postal (1977).

Of some possible importance for the theory of grammatical relations in universal grammar is the fact that in this particular structure G divides the signalling such that

CASE and AGR are sensitive to final GRs, and
WO is sensitive to initial Grs.

We repeat 3.1.4 here with tags for reference:

P				O-CHO		IO	
he-	puru-	esak-	kar-	-wer	zawar	-rehe	ne -we
IO.MK	1S-	ANTI.MK-	see	-cause-want	dog	-O.CHO.MK	2S -

If G were responding to final GRs for WO, the order would be

P IO O-CHO

Since the order is

P O-CHO IO

analogous to

P O IO

WO seems to be sensitive to the initial stratum, rather than the final. In CAUS it was sensitive to the final O. It does appear that G WO is sensitive to ACTING-O rather than final O.

One way to perceive this is to realize that the clause has been safely detransitivized, therefore there is no possibility of there being an O to usurp any part of the signalling system. Since the O-CHO-hood of the initial O is securely signalled by AGR and CASE, the residual power of the original O-hood is allowed to leak through and hold on to the WO signalling device for O, its occurrence in the core.

In English IO to O advance, AGR is triggered by ACTING-O.

signal system		triggering stratum
case	=	ACTING
agr	=	final
wo	=	final

In English O to S advance (passive) the ordering of non-terms is relaxed.

signal system		triggering stratum
case	=	final
agr	=	final
wo	=	final but non-terms relaxed

In Guajajara CAUSative

signal system		triggering stratum
case	=	final
agr	=	final
wo	=	final

but in Guajajara ANTIpassive

signal system		triggering stratum
case	=	final
agr	=	final
wo	=	ACTING

Although the general idea of broadening the allowable triggering mechanism for a certain signal system is somewhat parallel in the two languages, there is an important difference which may weigh in the final analysis. In English passive, a case (acc) can occur with more than one nominal. It is somehow non-exclusive. In Guajajara antipassive the signal in focus is WO, where each element can have only one ordering relation with each other element. Only one of each pair of elements can be first, or last. WO is more exclusive. This gives us something to think about.

The question of "acting-IO" never seems to come up. Predicates of transference seem to dump all reference to the initial COMP-S that becomes union IO.

a- mono -kar -putar he- pape ne- we nehe
 1S- give -CAUSE -FUT 1S- paper 2S- to FUT
 I'm going to send a letter to you.

If it becomes necessary to mention the person who is going to carry the letter (the COMP-S), it is put in a second clause, i.e.,

he- r- a'yr w- eraha -putar ne- we nehe
 1S- R- son 3- take -FUT 2S- to FUT
 My son will take it to you.

The occurrence of an oblique with the same postposition as O-CHO in ANTI together with O-CHO does not seem to be any more of a problem than S-CHO together with a "by"-locative in English.

Guajajara

he- puru- esak -wer zawar -r -ehe ne- we
 1S-ANTI.MK-see -want dog -R -O.CHO.MK 2S- IO.MK

he- r- emi- mume'u -kwer -r - che.
 1S- R- NOMZR- declare -PAST -R - W.RESP.TO
 I want to show you the dog the way I promised.

English

He was strangled by the stream by a mugger.
 He was strangled by a mugger by the stream.

Case marked Obliques seem to dispense with strong word order precedence as long as they are all safely out to the right of the business end of the clause (not the case with the following):

?By the stream he by the mugger was strangled.
 ?By the mugger he was strangled by the stream.
 ?By the mugger he was by the stream strangled.
 etc.

NOTES

* Guajajara (G) is the most common name given by (neo-) Brazilians to the loosely knit indigenous group of Northeastern Brazil whose members often refer to themselves as Tenetehara. Present guesses as to the total number of Guajararas usually fall between eight and ten thousand.

Rodrigues (1958) classifies Guajajara (Gwazhazhara) as a dialect of Tenetehara, a language of the Tupi-Guarani family, of the Tupi stock.

The orthographic symbols used in examples have approximately the phonetic equivalents expected except where noted here. p, t, k, ' (glottal stop), s (c contiguous to i; dialectal variants s and ts elsewhere), z (semivowel allophone y in syllable final position; dialectal variants z and dj contiguous to i; dialectal variants z, retroflexed z, and d(Temb/e dialect) elsewhere), m, n, g (velar nasal), r (flap), w, h, i, e, a, o, u, y (i through + to i depending on dialect), and à (schwa). kw and gw are used for voiceless labialized velar stop and voiced labialized velar nasal.

Bendor-Samuel (1972) uses c for s. Stress accent occurs generally on the last syllable of major words. The practical orthography uses |a| with grave(`) for /ã/ and |x| for /s/.

1 - In G, what are commonly thought of as three-place predicates are often derived from two place predicates plus causative. Thus a common verb such as give, shows evidence of coming from a verb of motion say, away from the speaker) and causative. (MA = MOTION AWAY FROM SPEAKER)

a - mo - no temetarer i- zupe
1S- CAUS-MA money 3- to
I gave money to him.

2 - a'e =mehe [o-momor zàwàruhu kuzer] i-mono a'e.
then [3-threw jaguar spoon] 3-moving 3.
'Then the jaguar threw the spoon.'

The above sentence was taken from a recorded text. The following variant orders are also permitted:

VOS o-momor kuzer zàwàruhu 'threw jaguar spoon'
SVO zàwàruhu o-momor kuzer 'jaguar threw spoon'
SOV zàwàruhu kuzer o-momor 'jaguar spoon threw'

but not

*OSV kuzer zàwàruhu o-momor
*OVS kuzer o-momor zàwàruhu

A clause like

u-pytywà Zuàw Mari
3-help John Mary

can only mean that John helped Mary (VSO) and not vice-versa (VOS).

The tendencies, then, are for V TO COME EARLY AND FOR S TO PRECEDE O.

3 - The R- "EPENTHETIC" that crops up with vowel-initial verb stems when occurring with ABSolutive-agreement prefixes is the subject of some current discussion. It may be the phonologically realized allomorph of a morpheme that marks inversion, that is, agreement with the O instead of the S. The same set of prefixes also occurs with postpositions and nouns, and, if with the R-class, the R- appears. Since all of the stems with which R- occurs are vowel-initial, there is some motivation for believing that it reflects an old epenthetic process which is no longer operational in the phonology of G. Almost all i-class stems are consonant-initial.

Inverse is also marked by the choice of the ABS-agreement prefixes contrary to Algonquian languages where it is signalled by a separate affix. The R no doubt contributes to the signalling of inverse. Some questions remaining are: What, then, is the function of R on nouns and postpositions? Did R start on verbs and spread? Is it a former epenthetic which is now carrying a signalling load? What is the status of the 0 allomorph of R which presumably occurs with all of the "i-class" verbs? Was there something with "i" verbs that disappeared through sound change?

In G, R has the allomorphs n- after formerly nasalized pe- '2P.ABS' and wa- '3P.ABS', and t- on occasions when the form occurs with no prefix. In forms such as h-upi '3S-with/through', since h- only occurs with the class of stems that take R-, for symmetry I have synchronically analyzed the h- as being a combination of 0- '3' plus h- 'R', though I recognize that others have analyzed *s-, the historical precursor of h- as being a third-person prefix in its own right. Under either analysis, the effect of h- is to mark 3rd person singular or third person.

he-r- upi ne-r-upi 0-h-upi zane-r-upi ure-r-upi pe- n-upi wa-n-upi *
1S-R-with 2S- 3S- 1PINCL- 1PEXCL- 2P- 3P- 0-

he- r-eha nereha heha zanereha urereha peneha waneha teha
1S-R-eye 2S 3S 1PI 1PE 2P 3P 0

he- r- esak neresak hesak-mehe zaneresak
1S-R-see when

ureresak penesak wanesak-mehe ?t-esak-aw
0-appearance?

4 - For the idea of bi(multi)-stratal signalling (though they do not call it exactly that), I am indebted to Perlmutter and Rosen (1984), especially the papers by Perlmutter and Postal, "Impersonal passives and some relational laws"; Marlett, "Personal and impersonal passives in Seri"; and Davies, "Antipassive: Choctaw evidence for a universal characterization".

The volume has papers on "referencing initial grammatical relations" (using data from Achenese, Udi, and Georgian); "referencing the notion 'nominal heading an n-arc'" (using data from Russian, Udi and Choctaw); and "referencing the notion 'acting-2'" (using data from Seri and Welsh)(p.xv). There are some languages where "signalling" (my terminology) must reference three strata. Their treatment of these phenomena seems to simplify our understanding of what are otherwise complex phenomena and I will borrow heavily from them but in no way cast on them any responsibility for misapplication of their ideas.

REFERENCES

- BENDOR-SAMUEL. 1972. D. Hierarchical structures in Guajajara. Norman: Summer Institute of Linguistics, University of Oklahoma.
- HARRISON, Carl H. 1986. Verb prominence, verb initialness, ergativity, and typological disharmony in Guajajara. In Derbyshire,
- DESMOND C. and GEOFFREY Pullum, (Eds.). Handbook of Amazonian languages. Berlin: Mouton de Gruyter.
- PERLMUTTER, David M., and Carol G. Rosen. 1984. Readings in relational grammar, 2. Chicago:University of Chicago Press.
- POSTAL, Paul M. 1977. Antipassive in French. *Linguisticae Investigationes*, I: 2.333 - 374.
- RODRIGUES, A. D., "Classification of Tupi-Guarani," *IJAL* 24:231-34, 1958.

Incorporação Nominal em Sikuani

Francisco Queixalós
Museu Paraense Emílio Goeldi/ORSTOM/CNRS

INTRODUÇÃO

A incorporação do nome no verbo é um fenômeno bastante difundido interlingüisticamente, embora seja utilizado de maneiras diferentes. Várias línguas européias, entre elas algumas que nos são bem familiares, usam esse mecanismo para criar compostos lexicais. A presença desse mecanismo e suas manifestações em Sikuani¹ permitem a retomada de questões como sua função semântica e pragmática, sua incidência na valência do verbo, sua natureza gramatical ou lexical.

Não vou me estender sobre o detalhe morfológico da incorporação, pois não se trata aqui de fazer uma exposição, mesmo que resumida, da morfologia do nome e do verbo (cf. QUEIXALÓS 1994). Digamos, simplesmente, que para um nome incorporado a norma é a perda de todas as suas marcas flexionais, sejam elas indicadoras de caso ou de categorias gramaticais (número, gênero, etc.).

1 FUNÇÕES

A finalidade de todos os tipos de incorporação nominal é construir uma noção complexa, mais compacta, encerrando não só a idéia de um estado ou de uma atividade, mas também a de um participante². Coloca-se, para tanto, em segundo plano da cena descrita um participante nela implicado. Colocar em segundo plano não significa eliminar, por isso a menção ao participante continua a figurar no material enunciado. Ela é como que absorvida pelo verbo: no plano do significante os dois

lexemas estão ligados; no plano do significado o sentido da atividade designada pelo verbo se torna enriquecido, completado, modificado pelo sentido do participante incorporado. A menos que haja cristalizações lexicais, um mesmo verbo jamais incorpora mais de um nome (cf. abaixo, 5).

- (1) **pa-mera-hitsipa-hü-behe**
plural-água-querer-actanteI 1°-dual
 'nós dois estamos com sede'
- (2) **baharaponü baha ø-wüsi-ukutaxuaba-ø huyapihiwa**
este aqui/concluído/actanteII 3°-pescoço-cortar com um só gesto-actanteI 3°/irmãzinha
 'este indivíduo decapitou a irmãzinha'
- (3) **petiriwa baharapakuenia pebi-hawa be-rena ya-kuene-xanepanae-hitsia-ø**
mulher/assim/homem-zona-externa/alativo-nessa-direção/cont.³ -atos,-fatos-ser bom-iminente-actanteI 3°
 'dessa maneira, a mulher vai melhorar sua relação com o homem'

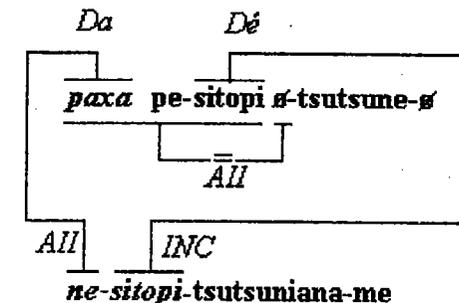
Quando o participante absorvido no verbo é um actante⁴, abre-se a possibilidade de liberar esse lugar para um outro participante, ou de deixar esse lugar referencialmente vazio. Uma construção notável desse último tipo é a incorporação *tética* em que a absorção do participante pelo verbo provoca um predicado impessoal existencial. No exemplo seguinte, 'rio', **mene**, originalmente actante I de 'estar deitado', **boka**, se incorpora. Nenhum referente pode se associar ao índice actancial.

- (4) **Kudaido nakua-tha mene-boka-ø**
Kudaido/território-locativo/rio-estar deitado-actanteI 3°
 'na região de Kudaido o nível das águas está estacionário'

A liberação de um lugar de actante produz a *incorporação redistributiva*, isto é, uma incorporação que causa uma nova distribuição dos participantes nos lugares de actantes. Consideremos os dois exemplos seguintes:

- (5) **paxa pina baha pe-sitopi ø-tsutsu-ne-ø**
seu pai/citativo/concluído/dependência 3°-tutano da tibia/actanteII 3°-sugar-factual-actanteI 3°
 'ela sugou o tutano da tibia do pai dela'
- (6) **ne-sitopi-tsutsu-ni-ena-me**
actanteII 1°-tutano da tibia-sugar-virtual-futuro-actanteI 2°
 'sugue o tutano de minha tibia!'

O primeiro exemplo apresenta um sintagma nominal **paxa** (...) **pe-sitopi**, 'tutano da tibia de seu pai', actante II representado no verbo pelo prefixo /ø/-. O determinado **sitopi**, 'tutano da tibia', encontra-se incorporado no segundo exemplo. O determinante, **paxa**, ponto de referência do nome dependente⁵ de **sitopi**-, aparece então, nesse caso, como actante II, representado no verbo pelo prefixo **ne-** (levando-se em conta a mudança de pessoa). Esquemáticamente:



A incorporação de 'tutano' atrai, por um efeito de tração, o participante 'possuidor' do tutano em direção ao lugar do actante II que ficou liberado.

No exemplo seguinte, será o lugar de actante I que ficará livre por meio da incorporação e, dessa forma, atrairá o 'possuidor'.

- AI
- (8) **mitsi pina baha ebarüto-siohai-s**
gato/citativo/concluído/língua-ser áspero-actante I 3°
'dizem que o gato tem a língua áspera (lit.: o gato é línguo-áspero)'.

O que é áspero, evidentemente, é a língua, e a construção em que 'língua' tem o status de actante I, é correta:

- AI
- (9) **pe-ebarüto siohai-s**
dependência 3°-língua/ser áspero-actante I 3°
'o gato é línguo-áspero'

A incorporação dos nomes dependentes, particularmente os que se referem à parte de um todo, demonstra uma sensibilidade ergativa. O verbo monovalente se orienta em direção ao actante I.

- (10) **kobe-kuerona-hü**
mão-estar-cansado-actante I 1°
'estou com a mão cansada'

A mão é a do participante actante I. O verbo bivalente se orienta em direção ao actante II.

- (11) **s-kobe-tahuita-hü**
actante II 3°-mão-queimar-actante I 1°
'eu queimei a mão dele' ('estou queimando a mão dele')

A mão é a do participante actante II. O reflexivo faz o processo voltar-se sobre o actante I. A mão será então a do participante actante I.

- (12) **na-kobe-tahuita-hü**
reflexivo-mão-queimar-actante I 1°
'eu queimei a mão'

Construções um pouco diferentes lembram o que HAGÈGE (1980) e, posteriormente, MITHUN (1984) identificam como *incorporação classificatória*: o participante está ao mesmo tempo instanciado fora do verbo sob a forma de um nome específico e incorporado sob a forma de um nome genérico. Os específicos são categorizados de acordo com o genérico que lhes faz eco no verbo.

- AII AI AIII
- ┆ ┆ ┆
- (13) **padamukutha s-to-wi-heba-s duhai-wi**
neste pote/actante II 3°-se referindo a-carne-colocar-actante I 3°/peixe-carne
'neste pote eles lhes deixavam carne de peixe (lit.: ...lhes carne-deixavam carne de peixe)'

De fato, ao bloco formado pelo nome incorporado e pelo verbo é que é atribuído o caráter genérico, tanto que a melhor descrição desse tipo de incorporação será: a atividade ou estado

geral *NOME* incorporado + *VERBO* se aplica ao exemplar particular *NOME* externo, graças à conservação do material lexical. Assim, explicam-se melhor casos como

- (14) **ma-pa-muxuyoro-to-behe ne-muxuyoro-yoponaxuabi-ena-me itsa humalikueroname proximal-demonstrativo-orelha-singulativo-dual/actanteII 1°-orelha-torcer -futuro-actanteI 2°/se, quando/tu tens falta de ar 'tu me torcerás as duas orelhas quando tu faltares de ar (lit.: tu me orelha -torcerás estas duas orelhas...).'**

Quando o participante tem o papel de actante II ou III⁶, como nos dois exemplos acima, a instanciação sob forma de sintagma nominal se encontra em uma relação ao bloco predicativo *NOME* incorporado + *VERBO* que não deixa de evocar os denominados *objetos internos* (ou 'cognatos').

Não se pode aqui usar essa designação, pois a mesma relação pode surgir entre um actante I sujeito e seu predicado.

- AI
- (15) **Witsara-mene mene-boka-ø Vichada-rio/rio-estar-deitado-actanteI 3° 'o nível das águas do rio Vichada está estacionário (depois da inundação)'**

(Uma interpretação diferente seria a de BAKER, 1988:145, para quem este sintagma nominal se encontra fora do núcleo⁷ -ele se torna um 'adjunto'. Isso seria obrigatoriamente verdadeiro se a incorporação fosse sempre recessiva⁸. O que não é o caso em Sikuani).

A incorporação classificatória parece ser um reforço da *incorporação anafórica* (HOPPER & THOMPSON 1984), também atestada aqui. Nessa última, um participante foi introduzido anteriormente no discurso com a ajuda de um nome munido de suas determinações. No momento de ser retomado, o nome aparece sob forma incorporada.

- (16) **Wahamatapihinü dopa hane baha ø-tuba-ø. Dopa-tuba-ø, aitahibi baha. nosso irmão mais velho/yopo/assertivo/concluído/(ele o) inala 'Nosso irmão mais velho inalou yopo. Quando ele inalava (yopo) se embriagava.'**

A ocorrência anafórica, encontrando-se privada das determinações que a fixavam a um referente particular, assume muitas vezes um sentido genérico. Isso fica bem claro no exemplo seguinte:

- (17)
- Bahara-pa-hiwisi-kobesi-to-yo, baharaxuaria ø-xuaba-ria-ø baha. Baha kobesi-xuaba-ria-ø
- distal-demonstrativo-ossos humanos-dedo-singulativo-diminutivo/lá dentro/actanteII 3°-jogar-distanciando-se de mim horizontalmente-actanteI 3°/concluído/concluído/ dedo-jogar-distanciando-se de mim horizontalmente actanteI 3°*
'Esse dedinho de esqueleto humano aqui, ele o jogou lá dentro. Ele jogou o dedo (mais exatamente: ele efetuou um jogar-de-dedo).'

Daí, a afinidade com o tipo classificatório que, tal como foi apresentado acima, faz surgir na mesma oração a instanciação específica e a instanciação genérica do mesmo nome, embora não, necessariamente, nessa ordem.

2 ACESSIBILIDADE E VALÊNCIA

A incorporação pode atingir um actante ou um circunstante⁹. Vejamos inicialmente o primeiro caso que chamarei de *incorporação direta*. Todas as posições de actantes são passíveis de incorporação. O actante I:

- (18) **Warawanaewa koto-nasaüina-ø**
 Warawanaewa/ventre-ser azul-actante I 3°
 'o ventre de Warawanaewa estava azul (lit.:
 Warawanaewa estava azul do ventre)'

O actante II:

- (19) **pa-müthü-kua-hü-behe**
 plural-tumba-cavar-actante I 1°-dual
 'nós dois cavamos a cova'

O actante III:

- (20) **tsikirinewüthüyo ø-mi-rahuta-ø**
 filhote de onça/actante II 3°-seio-dar-actante I 3°
 'ela dava o seio à oncinha'¹⁰

Quando a incorporação direta satura a valência, o predicado perde um lugar de actante. Temos, então, uma *incorporação recessiva*. No verbo monovalente a incorporação de actante I produz um predicado impessoal de tipo existencial.

- (21) **we-wahi-ruka-rena-ø**
 ablativo-canto-estar suspenso-se aproximando de mim
 horizontalmente-actante I 3°
 'chegava (até eles) um canto vindo (do espaço)'

- (22) **ya-tomara-napebeta-ø**¹¹
 cont.-aldeia-se deixar ver-actante I 3°
 'havia uma aldeia visível (com pessoas dentro)'

Isso contrasta com a incorporação de actante I que é não-saturante (não satura a valência) - preservando o carácter pessoal do predicado - seja porque a posição do actante I fica disponível para um novo participante:

- (23) **upi-tsewa-me**
 lábio-secar-actante I 2°
 'teus lábios estão secos'

seja porque a incorporação se faz em eco:

- (24) **Witsaramene mene-boka-ø**
 rio Vichada/rio-estar deitado-actante I 3°
 'o nível das águas do rio Vichada está estacionário após a inundação'

Notemos, a propósito desse último exemplo, que uma mesma incorporação formal pode levar a dois resultados bem distintos quanto ao tipo predicativo. *Mene-boka*, no exemplo anterior, conserva a valência, permanece, portanto, pessoal, resultando numa incorporação classificatória. Já no exemplo

seguinte, que ilustra um tipo bem mais frequente, **mene-boka** é recessivo, produzindo uma incorporação tética.

- (25) **Kudaido nakua-tha mene-boka-ø**
Kudaido/território-locativo/rio-estar deitado-actanteI 3°
'na região de Kudaido o nível das águas está estacionário'

Pode-se ter uma construção como esta em que nenhum referente 'rio' tenha sido introduzido anteriormente. É, portanto, difícil de se ver, aí, um caso de não instanciação nominal de sujeito definido.

O actante I incorporado é sempre o de um verbo intransitivo e nunca se refere a um participante potente, menos ainda a um agente (cf. abaixo). Esse baixo grau de saliência explica a afinidade com as construções de frase impessoais.

Em um verbo divalente o actante incorporado é obrigatoriamente de posição II. A incorporação saturante dá um predicado monovalente.

- (26) **Wowai ba-üpura-pahane-ø**
brancos/habitual-caldo -provar-actanteI 3°
'os brancos têm o hábito de provar o caldo'

Isso deve ser comparado com a incorporação de actante II não-saturante, por atração de um novo participante no lugar que ficou disponível.

- (27) **piayainü saya Daladala ne-yahawünü-xane-ø**
monstro/assim/Daladala/actanteII. I°-parente-comer-actanteI 3°
'o monstro Daladala devorou minha parenta'

A incorporação do actante III é possível. O verbo se torna divalente.

- (28) **ne-yahawünü-rahure!**
actanteII I°-fragmento-dá!
'me dá um pedaço!'
- (29) **awiri pexi ø-mi-rahuta-ø**
cachorro/filhos/actanteII 3°-seio-dar-actanteI 3°
'a cadela amamenta os filhotes'

A *incorporação oblíqua* consiste na integração ao verbo de um complemento não presente na valência do predicado. Em vista disso, ela jamais é saturante. O tipo de participação implicada se refere muitas vezes a uma localização espacial ou a um instrumento 'interno' (parte do corpo). Nos exemplos a seguir, têm-se incorporados o lugar, a meta, a origem, e o instrumento, respectivamente:

- (30) **tamoho, ka-tabu-toxiba-tsi!**
cunhado/actanteII 2°-traseiro, base-ter relações sexuais (grosseiro)-actanteI 1°
'eu te enrabo, cunhado!'
- (31) **ø-itaxuto-othotaharaba-ø atsamatabü**
actanteII 3°-olho-jogar furiosamente-actanteI 3°/punhado de terra
'ele lhe joga um punhado de terra no olho!'
- (32) **witohawanü ø-wono-kahuka-ø**
fragmentos de carne/actanteII 3°-dente-extrair com instrumento-actanteI 3°
'eles lhe tiravam pedaços de carne do meio dos dentes'

- (33) **muxu-barüya-nü**
ouvido-estar contente-actante I 1°
'eu estou contente com o que ouvi, (ou seja, eu estou
contente através de meu ouvido)'.

Longe de ser recessiva, a incorporação de alguns desses
participantes periféricos revela-se *incremental*, pois, seu efeito é
aumentar valência. O exemplo

- (34) **relo ka-maxü-xuena-tsi**
relógio/actante II 2°-braço-privar de-actante I 4°
'eu te tiro o relógio do braço'

contém um verbo trivalente **xuena** 'privar alguém de qualquer
coisa, tirar qualquer coisa de alguém'. A construção contém
quatro participantes: actante agente 'eu', actante II
experimentador¹² 'tu', actante III paciente 'relógio', incorporado
origem 'braço'. Nada de incomum aqui: incorpora-se um locativo
a um verbo trivalente cuja valência fica inalterada. Retomemos
agora:

- (35) **s-itaxuto-othotaharaba-ø atsamatabü**
actante II 3°-olho-jogar furiosamente-actante I 3°/
punhado de terra
'ele lhe joga um punhado de terra no olho'

Em uma construção sem incorporação, o verbo
othotaharaba, 'jogar furiosamente', é divalente. Seu actante II se
assemelha a um paciente, que no caso, seria **atsamatabü**
'punhado de terra'. A incorporação do alvo visado pelo jato de
terra, **itaxuto** 'olho', deveria conservar 'punhado de terra' como
actante II, se ficasse neutra quanto a módulo e a valência. Não é
o caso. É o 'proprietário' do olho que vem ocupar o lugar de
actante II, relegando 'punhado de terra' ao lugar de actante III.

Tendo em vista a cena descrita, o resultado é uma cópia perfeita
do exemplo (34) de verbo trivalente **xuena**, com um agente
actante I, um experimentador actante II, um paciente actante III
e um incorporado locativo.

Esclareço que somente os nomes de partes do corpo -
eminentemente propensos à incorporação, como notamos -
parecem sujeitos à incorporação oblíqua de um locativo, o que
leva a um aumento da valência. Diante desses fatos, devemos
distinguir duas sub-espécies da incorporação destinadas a
permitir a entrada de um novo participante na cena da actância:
uma pertencente à incorporação direta porque integra um
complemento presente na valência do predicado - a
incorporação redistributiva que preserva a valência vista acima;
a outra pertencente à incorporação oblíqua porque integra um
complemento não inscrito na valência do predicado - a
incorporação aplicativa, como acabamos de ver, que tem um
efeito incremental.

O processo de incorporação, portanto, pode conservar a
valência, reduzi-la ou aumentá-la. O acesso à incorporação é
aberto aos três actantes - não ao actante I dos transitivos - assim
como a alguns tipos de circunstâncias. O status sintático do nome
incorporado é híbrido: é ao mesmo tempo desprovido de marca
de função - propriedade dos actantes - e de indexação sobre o
predicado - propriedade dos circunstâncias¹³.

Tentaremos fazer agora um balanço dos papéis semânticos
que têm acesso à incorporação. Como complementos não
inscritos na valência parecem só envolver noções relativas à
localização e à relação instrumental interna (partes do corpo).

Os papéis passíveis de se manifestar sob as espécies de
complementos inscritos na valência são basicamente quatro:
agente, experimentador, paciente e causador. O causador e o
agente jamais são incorporados. O experimentador e o paciente
são muitas vezes incorporados com as restrições que se seguem:
é o experimentador dos verbos monovalentes que se incorpora,
não o dos transitivos.

- (36) **Tsawaliwali pina boso-sahina-ø**
 Tsawaliwali/citativo/rabo-faltar-actanteI 3°
 'dizem que Tsawaliwali não tem rabo (lit.: ...rabo-falta)'

É o paciente dos transitivos pessoais - di e trivalentes -, que se incorpora, jamais o dos transitivos impessoais.

- (37) **katsahiniratha na-taxu-tahuita-hü**
 com caldo quente de mandioca/reflexivo-pé-queimar-actanteI 1°
 'eu queimei meu pé com caldo de mandioca'

- (38) **awiri pexi ø-mi-rahuta-ø**
 cachorro/filhos/actanteII 3°-seio-dar-actanteI 3°
 'a cadela amamenta os filhotes'

O posicionamento desses diferentes papéis sobre a gradação de saliência fornece uma boa parte das motivações para haver, ou não, acesso à incorporação, na medida em que essa gradação é dependente de certas propriedades intrínsecas às entidades que representam esses papéis. Vejamos quais são essas motivações.

3 ACESSIBILIDADE E SALIÊNCIA

Várias escalas da gradação de saliência¹⁴ intervêm na capacidade de um nome de se incorporar ao verbo. Seu caráter referencial, ou não, desempenha naturalmente um papel importante. Porém, mais no sentido de uma forte incompatibilidade entre referencialidade e incorporação - as pessoas intralocutivas¹⁵, os pronomes, os nomes próprios jamais se incorporam - do que de uma afinidade obrigatória entre

incorporação e não referencialidade (como pretendem HOPPER e THOMPSON, 1984). Assim, em:

- (39) **na-kobe-tahuita-hü**
 reflexivo-mão-queimar-actanteI 1°
 'eu queimei minha mão'

- (40) **ya-tomara-napebeta-ø**
 cont.-aldeia-se deixar ver-actante I 3°
 'havia uma aldeia visível (com pessoas dentro)'

os incorporados 'mão' e 'aldeia' são, sem sombra de dúvida, referenciais.

Os nomes animados são pouco sujeitos à incorporação. Já os humanos são nitidamente refratários a ela. Pode-se, entretanto, encontrar nomes de semantismo coletivo ou genérico.

- (41) **Ekonaewi raha pa-ka-koxi-nota-ø**
 Ekonaewi/ assertivo/plural-actanteII 2°-filhos-tomar-actanteI 3°
 'os Ekonaewi levaram os filhos de vocês'

Indefinidos:

- (42) **piayainü saya Daladala ne-yahawünü-xane-ø**
 monstro/assim/Daladala/actanteII 1°-parente-comer-actanteI
 'o monstro Daladala devorou uma parenta minha'

Encontram-se também nomes não referenciais, como nas expressões:

- (43) **hiwi-xane** 'comer carne humana'
ser humano-comer
- (44) **hiwi-kaetuata** 'reunir pessoas'
ser humano-reunir
- (45) **tuxu-...-eka** 'cheirar o... (no sentido
odor-...estar sentado de exalar um odor)

Nos três casos, o nome incorporado é necessariamente não referencial. As duas primeiras expressões se referem a atividades ritualizadas, constituindo provavelmente unidades lexicalizadas. Desse ponto de vista, a terceira é menos nítida. O complexo **tuxu-...-eka** esta sem dúvida lexicalizado. A inserção de um nome nesse complexo é, porém, algo altamente produtivo.

- (46) **tuxu-dere-eka-ø**
odor-frasco-estar sentado-actanteI 3°
'ela cheira o perfume'
- (47) **tuxu-dunusi-eka-ø**
odor-abacaxi-estar sentado-actanteI 2°
'ele cheira o abacaxi'

E um nome humano pode, algumas vezes, figurar nesse contexto

- 48) **tuxu-pebi-eka-me**
odor-homem-estar sentado-actanteI 3°
'tu cheiras o macho'

Os nomes não animados são os mais inclinados a se incorporar. Quando se sabe que os nomes dependentes se

referem à entidades desprovidas de existência autônoma, compreende-se facilmente que os não animados dependentes sejam os mais facilmente incorporáveis. As designações das partes do corpo são os que se incorporam com maior facilidade.

- (49) **upi-tsewa-me**
lábio-secar-actanteI 2°
'teus lábios se ressecaram (lit.: tu te ressecas 'ao nível dos' lábios)'
- 50) **Nusalía ø-mata-tae-ma!**
Nusalía-actanteII 3° -cabeça-olhar-injuntivo
'olha a cabeça de Nusalía (lit.: olha Nusalía na cabeça)!'

Há, porém, casos de nome dependente fora da nomenclatura anatômica.

- (51) **ba-liwaisi-hitsipa-boka-hü**
habitual-canto, história-querer-estar deitado-actanteI 1°
'não tem jeito, eu gosto de histórias'

E também de nome não dependente:

- (52) **pa-mera-hitsipa-hü-behe**
plural-água-quebrar-actanteI 1° -dual
'nós dois queremos água'

Os casos mais freqüentes de nomes incorporados não dependentes recaem no tipo de incorporação oblíqua (locativos, instrumentais).

Acabo de examinar as propriedades dos nomes incorporados. Seria interessante, com relação a isso, fazer um levantamento das propriedades dos nomes promovidos à categoria de actante por efeito da incorporação. Lembro que esta

modificação de actância aparece tanto na incorporação redistributiva, que conserva a valência porque um novo participante vem ocupar o lugar de actante liberado pelo nome incorporado, quanto na incorporação aplicativa, que aumenta a valência porque o nome incorporado 1) vem de um complemento oblíquo (portanto, não libera nada) e 2) provoca (sendo a designação de uma parte do corpo) a 'promoção do possuidor', ou seja, sua integração à actância e a criação, portanto, de um novo lugar de actante.

Na gradação de saliência os nomes actancializados se situam exatamente ao contrário dos nomes incorporados, tanto que as incorporações redistributiva e aplicativa parecem ter como principal função permitir o acesso a actância das pessoas intralocutivas, dos humanos, dos animados.

- (53) **kobe-ruka-me**
mão-estar suspenso-actanteI 2°
'tu tens mãos (para trabalhar, caçar...)'

(A postura normal das partes do corpo é 'pendurado'.)

- (54) **Mata-niohai- σ_x raha ponü $_x$, wono-niohai- σ_x raha bo!**
Pemuxupapawitha koibowoho-ruka- σ_x bo!
cabeça-ser branco-actanteI 3°/assertivo-esse aqui/dente-
ser branco-actanteI 3°/assertivo/exclamativo/na parte do
maxilar sob a orelha/boca-estar suspenso-actanteI
3°/exclamativo
'este aqui tem os cabelos brancos, tem os dentes brancos,
tem a boca colocada sob a orelha!'

- (55) **ophaebü mata-huwa- \emptyset**
paca/cabeça-crescer-actanteI 3°
'a cabeça da paca saiu d'água (lit.: a paca cabeça-
emergiu)'

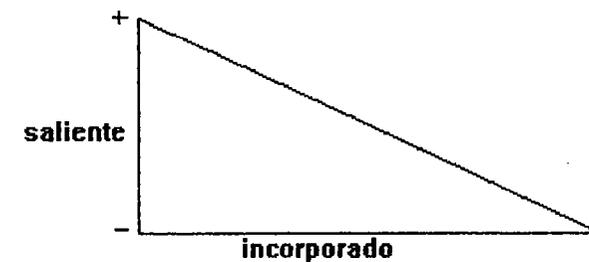
Os exemplos acima são representativos dos tipos de participantes mais comumente actancializados como consequência da incorporação. Entretanto, a promoção de não animados é possível:

- (56) **bitsabi tumaü-ukuukuka- \emptyset**
arco/corda de arco-se quebrar-actanteI 3°
'a corda do arco se quebra' (lit.: o arco se corda-quebra)'

com incorporação de **tumaü**, 'corda de arco', e promoção de **bitsabi**, 'arco', à posição de actante I, ou então

- (57) **\emptyset -ira-huetsi-ena-hü tahabo**
actanteII 3°-terra-varrer-futuro-actanteI 1°/minha casa
'eu varrerei minha casa'

com incorporação de **ira**, 'terra', e promoção de **tahabo**, 'minha casa', à posição de actante II. Notaremos que nos dois casos o participante promovido está, face ao participante incorporado, em uma relação *semântica* do todo com a parte: arco/corda (do arco), casa/terra (na casa) (*formalmente*, **tumaü** 'corda', é um nome dependente, mas **ira** 'terra', é um nome autônomo). Pode-se esquematizar a relação entre saliência e incorporação da seguinte forma:



4 VERBOS INCORPORADORES

Os verbos estritos e os verbóides¹⁶ são as palavras com capacidade de incorporação. A quase totalidade dos exemplos acima contém verbos estritos (os verbóides que ocorrem são: **siohai**, 'ser áspero', **barüya** 'estar contente', **niohai**, 'ser branco'; voltaremos a tratar dos verbóides). Os verbos estritos incorporadores podem ser intransitivos, ou transitivos, di- e trivalentes (cf. acima 2). Os impessoais intransitivos não incorporam, ao contrário dos impessoais transitivos¹⁷:

- (58) **ne-bo-tine-ø**
actanteII 1°-pênis-actanteI 3°
 'meu pênis está coçando'
- (59) **ne-itaxu-sahawa-ø**
actanteII 1°-olho-produzir uma sensação de queimadura-actanteI 3°
 'os meus olhos estão ardendo'

Trata-se, evidentemente, de uma incorporação redistributiva, em que a valência original do verbo é conservada.

No que se refere ao conteúdo semântico intrínseco dos verbos incorporadores, os transitivos são em geral dinâmicos, denotando ações concretas - ou então volitivos como **hitsipa**, 'querer', ou **haita**, 'procurar' (reportar-se aos exemplos acima). Os intransitivos de incorporação direta - incorporação do actante I - são estáticos, denotando estados como '**boka**', 'ser deitado', ou qualidades como 'ser azul' **nasaüna**. Encontra-se, porém, **huwa**, 'crescer', para indicar 'emergir', como já vimos:

- (60) **ophaebü mata-huwa-ø**
paca/ cabeça-crescer-actanteI 3°
 'a cabeça da paca saiu da água'

Alguns casos se referem a verbos dinâmicos, mas não volitivos.

- (61) **bitsabi tumaü-ukuukuka-ø**
arco/corda de arco-se quebrar-actanteI 3°
 'a corda do arco se quebra'
- Os intransitivos de incorporação oblíqua - incorporando um participante não actante - são indiferentes à oposição estático/dinâmico:
- (62) **wüsipalatatsili-narubena-ø pehanawi**
tilintar dos colares de moedas-estar suspenso (plural)-actanteI 3°-jovens mulheres
 'as mulheres estavam lá, no meio do tilintar dos colares de moedas'
- (63) **ya-hera-nahaetaruka-ø**
cont.-canoa-se deslocar-actanteI 3°
 'ele ia de canoa'
- Do ponto de vista do aspecto gramatical, a incorporação sozinha já tende a induzir a idéia de estado ou atividade genérica, característica ou ritual.
- (64) **Munuanü ya-thaübürü-ya-nahaetaruka-ø**
Munuanü/cont.-jangada-zona interna-se deslocar-actanteI 3°
 'Munuanü vai de jangada'
- (65) **Tsawaliwali huma-konina-ø**
Tsawaliwali/costas-estar brilhante-actanteI 3°
 'as costas de Tsawaliwali estão brilhando'
- (66) **penahorobiwi dopa-tuba-ø**
pajés-yopo-inalar-actanteI 3°
 'os pajés inalam yopo'

É possível, entretanto, uma interpretação mais afim à idéia de acontecimento, tanto que muitas vezes se encontra a incorporação acompanhada de uma marca habitual, **ba-**.

- (67) **Hiruhiru ba-na-wünü-phiaba-ø**
Hiruhiru/ habitual-*reflexivo*-nome-gritar (animal) *actanteI* 3°
'os Hiruhiru gritavam o próprio nome'

A seguir, um fragmento cuja primeira parte indica uma atividade geral e, a segunda, um fato particular. Note-se, além da presença do habitual na primeira parte, o jogo na manifestação sintática do paciente inicialmente incorporado, depois livre.

- (68) **Ba-üpüra-pahane-ø, yapütachitsia metha baha. Baha pina pe-üpüra ø-pahane-ø.**
habitual-caldo quente-provar-*actanteII* 3° /para saber/talvez /concluído / concluído /citativo / dependência 3°-caldo/*actanteII* 3°-provar-*actanteI* 3°
'eles têm como hábito provar o caldo para saber, sem dúvida, (o gosto). Diz-se, então, eles provaram o caldo quente'.

Passemos aos verbóides. Existem, três classes lexicais de verbóides:

- a classe de **hai** 'dizer' e seus compostos,
- a classe cujos membros começam fonologicamente por **a-**, e
- uma 3ª classe, desprovida de propriedades fonológicas ou morfológicas que a distingam.

Os verbóides da última classe parecem pouco inclinados a incorporar o nome. A classe dos verbóides em **hai** incorpora da mesma maneira que a dos verbos estritos. Vimos alguns

exemplos anteriormente. Em geral trata-se de incorporações diretas e redistributivas: um participante parte do corpo se incorpora para deixar o lugar de actante I ao participante possuidor desse corpo.

- (69) **petiriwayo tabu-yukuhai-ø**
mulherzinha/nádegas-saltitar-*actanteI* 3°
'a mulherzinha se sobressaltou, fazendo um movimento com as nádegas'

A classe dos verbóides em **a-** é uma verdadeira máquina de incorporar. Esses verbóides denotam, como a maioria dos outros, estados, afeições e qualidades. A sílaba inicial **a**, que faz parte da base lexical, mas não do radical¹⁸, é um morfema derivacional criador de verbóides a partir dos radicais nominais e verbais.

Esta classe se caracteriza pela sua vocação a incorporação *tmética*: o domínio da incorporação situa-se na própria base lexical, entre o **a-** derivacional e o radical. Um exemplo:

verbóide



- (70) **a - humatabü - behe-mü**
derivacional-pensamento-ser mau-*actanteI* 2°
'tu tens má índole (tu és mau-caráter)'

A motivação para incorporar não é diferente do que a dos verbos estritos:

- 1) atração de um participante periférico tipo oblíquo ou
- 2) atração de um participante central com perda de autonomia - tipo direto - com involução da valência para esse último - sub-tipo recessivo - ou

3) integração de um novo participante - sub-tipo redistributivo.

O tipo mais frequente de incorporação é o tipo direto - incorporação de actante - e se refere ao actante I. O efeito sobre a actância pode ser recessivo com o aparecimento de uma predicação tética.

- (71) **a-tsüxü-yai-ø**
derivacional-fumaça-ser formidável-actanteI 3°
'há muita fumaça'
- (72) **a-tahu-yai-ø**
derivacional-calor-ser formidável-actanteI 3°
'está fazendo muito calor'
- (73) **a-namuto-behe-ø**
derivacional-caminho-estar ruim-actanteI 3°
'o caminho esta em mau estado (lit.: há caminho em mau estado)'
- (74) **a-peri-behe-ø**
derivacional-beju-estar ruim-actante I 3°
'os bejus estão estragados (lit.: há beju estragado)'

No tipo direto, quando o incorporado actante I é um nome de parte do corpo (ou semelhante), temos uma incorporação redistributiva: o lugar deixado livre recebe um nome animado (na maioria das vezes humano), indicando o possuidor da parte do corpo.

- (75) **a-wi-hibi-nü**
derivacional-carne-não existe-actanteI 1°
'eu sou magro'

- (76) **Bakatsolowa pexaniawa-ø, a-matana-pia-ø**
Bakatsolowa/mulher bonita-actanteI 3°/derivacional-cabelos-ser longo-actanteI 3°
'Bakatsolowa era uma mulher bonita, ela tinha cabelos longos'
- (77) **a-ura-hibi-ø**
derivacional-respeito-não existir-actanteI 3°
'é uma desavergonhada'

Pode-se ilustrar, a partir dos dois exemplos seguintes, o duplo fenômeno de uma perda de autonomia do nome incorporado concomitantemente com a integração de um novo participante.

- (78) **ta-kobe atane-ø**
dependência 1-mão/estar dolorido-actanteI 3°
'minha mão está doendo'
- (79) **a-kobe-tane-nü**
derivacional-mão-estar dolorido-actanteI 1°
'estou com a mão machucada'
- No primeiro caso, 'mão', ocorre - acompanhada de sua marca de dependência - como sintagma nominal livre sujeito, co-referente com o sufixo de actante I sobre o predicado. O exemplo não é muito 'natural'. No segundo, 'mão', deixando de ser um verdadeiro participante, se incorpora e provoca uma alteração na actância: o interessado 'eu' toma o lugar de actante I e, por consequência, a função de sujeito. Comparemos também:
- (80) **ne-wono abehe-ø**
dependência 2-dente/estar ruim-actanteI 3°
'teus dentes estão ruins'

- (81) **a-wono-behe-mü**
derivacional-dente-estar ruim-actanteI 2°.
 'tu tens dentes ruins'

O exemplo com incorporação se formularia naturalmente por ocasião de um exame da boca, ao passo que o exemplo sem incorporação, mais incomum, se diria observando-se dentes extraídos (em tal situação, segundo o informante, a incorporação não é possível).

Não encontrei incorporação tmética do actante II. O fato, tendo em vista a fraca propensão dos verbóides à transitividade, de maneira alguma, é surpreendente. Ainda voltaremos ao assunto.

As incorporações oblíquas são freqüentes. Parece difícil aqui, ao contrário do que acontece com os verbos estritos, fazer um levantamento dos tipos semânticos dos participantes assim integrados. Vejamos alguns exemplos que ilustram essa diversidade:

- (82) **pa-a-hume-ura-nü**
plural-derivacional-palavra-ser respeitoso-actante I 1°
 'nós somos tímidos para falar'
- (83) **a-kobe-ura-ø**
derivacional-mão-ser respeitoso-actanteI 3°
 'ele tem vergonha de mostrar o que tem nas mãos'
- (84) **a-itaxuto-ura-ø**
derivacional-olho-ser respeitoso-actanteI 3°
 'ela é respeitosa' (significa que ela não sustenta o olhar de maneira afrontosa)

- (85) **a-duhai-yai-mü**
derivacional-peixe-ser formidável-actanteI 2°
 'tu és um bom pescador'
- (86) **a-kobe-sia-nü**
derivacional-mão-estar cru-actanteI 1°
 'estou com as mãos impuras' (após ter tocado em carne crua, por exemplo).

5 LÉXICO OU GRAMÁTICA

Todos os tipos de incorporação, como eu já disse, têm o mesmo objetivo: construir uma noção complexa e compacta, em que o sentido do nome incorporado vem modelar sensivelmente o sentido do verbo. Nessas condições, é compreensível que a incorporação contribua de forma significativa para enriquecer o léxico. As considerações feitas anteriormente, mostram, porém, até que ponto de maneira global o processo é produtivo e regido por mecanismos gramaticais. Em uma língua como essa, a incorporação é um processo gramatical (para o mesmo ponto de vista cf. BAKER, 1988), do qual a lexicogênese tira partido, como de muitos outros processos gramaticais.

A zona de transição entre o dispositivo gramatical e a cristalização lexical não tem solução de continuidade. E se no par

- (87) **wi-xane** 'comer carne'
hiwi-xane 'comer carne humana'

é bem fácil identificar a segunda construção como lexicalizada devido a seu incorporado atipicamente humano (devido também à impregnação simbólica do canibalismo na cultura Sikuaní), um exemplo como

- (88) **humatabü-phaena** 'perder consciência'
pensamento-estar enfraquecido

parece mais delicado de situar.

Em casos privilegiados, a língua marca explicitamente o caminho que levou à lexicalização da combinação NOME+VERBO. Dessa forma, uma parte das incorporações tméticas com **a-hibi**, 'não existir, não haver', cristalizou-se em composto onde o verbóide conservou somente a forma contraída. Pode-se citar

- (89) **a-kuene-bi** 'estar difícil, impossível'
derivacional-atos-não haver

Uma exceção à redução do significante quando ocorre lexicalização é

- (90) **a-ita-hibi** 'estar embriagado'
derivacional-visão-não haver

e talvez - sujeito à verificação -

- (91) **a-hana-hibi** 'estar anêmico'
derivacional-sangue-não haver

O ponto interessante consiste na concorrência semântica que se estabelece entre os pares formados por uma combinação lexicalizada e seu oponente não lexicalizado. Invariavelmente, a incorporação lexicalizada em **a-...-bi** denota uma propriedade inerente, um estado permanente, ao passo que a incorporação gramatical em **a-...hibi** denota uma propriedade contingente, temporária, mais próxima à idéia de acontecimento. Senão, vejamos:

com **bürü**, fio (de um objeto cortante)

- (92) **a-bürü-bi** 'não ser cortante, falando de um objeto não destinado a cortar'

a-bürü-hibi 'não ser cortante, falando de um objeto destinado a cortar.'

com **hume**, 'palavra, som'

- (93) **a-hume-bi** 'estar afônico, não dotado de palavra, sem voz'

a-hume-hibi 'ficar calado' com **wono**, 'dente'

- (94) **a-wono-bi** 'estar desdentado (falando de velhos, do tamanduá)'

a-wono-hibi 'estar desdentado por acidente'

com **hani**, 'fome'

- (95) **a-hani-bi** 'estar anorético'
a-hani-hibi 'estar sem fome'

com **kuene**, 'atos'

- (96) **a-kuene-bi** 'estar difícil, impossível'
a-kuene-hibi 'ser um inútil'

O resultado das lexicalizações são, evidentemente, verbóides, capazes de incorporar um nome segundo o processo tmético. Vejamos, no último exemplo, uma incorporação de actante I:

- (97) **a-humali-kuenebi-ø**
derivacional-respiração-estar difícil-actanteI 3^o
 'ele respira com dificuldade'

Não se pode falar de incorporação recorrente em sincronia, pois as duas incorporações estão defasadas diacronicamente. As etapas seriam:

incorporação regular

- (98) **kuene**
 ↓
a-...-hibi **a-kuene-hibi**

Cristalização lexical (e redução fonológica)

- (99) **a-kuenebi**

incorporação regular

- (100) **humali**
 ↓
a-...-kuenebi **a-humali-kuenebi**

6 CONCLUSÃO

Os fatos Sikuaní mostram que a absorção de um actante pelo verbo (o tipo que qualifico de recessivo) caracteriza somente uma espécie de incorporação nominal. Sem dúvida, esse tipo de incorporação é o que ocorre com mais frequência, tanto em sikuaní quanto nas línguas que incorporam. Porém, o participante absorvido nem sempre é um actante e o processo não leva necessariamente a uma diminuição da valência - pode, inclusive, produzir efeito contrário.

Para concluir, dou uma visão sinótica dos tipos de incorporação encontrados:

a) em relação ao núcleo:

incorporação direta: incorpora um actante

incorporação oblíqua: incorpora um circunstante

b) em relação à valência:

incorporação recessiva: a valência encontra-se diminuída, pois é um actante que se incorpora e o predicado perde o lugar deste actante.

incorporação redistributiva: a valência é preservada, pois é um actante que se incorpora e o lugar de actante que ficou liberado é ocupado por um outro participante.

incorporação incremental: a valência encontra-se aumentada, pois é um circunstante que se incorpora arrastando com ele um participante a quem é atribuído um lugar de actante.

c) em relação à função:

incorporação tética: uma incorporação recessiva em um predicado monovalente provoca um predicado impessoal do tipo existencial;

incorporação anafórica: o nome incorporado é uma maneira leve de retomar um participante já mencionado anteriormente;

incorporação classificatória: mesma situação da incorporação anafórica, porém, a relação semântica entre nome não incorporado e nome incorporado é a de específico a genérico.

A *incorporação aplicativa* equivale a uma incorporação oblíqua de efeito incremental: o circunstante incorporado é um locativo parte do corpo e o novo actante é o 'possuidor' desta parte do corpo. A *incorporação tmética* é um fenômeno idiossincrático do sikvani, em que o nome se encaixa na base lexical do verbo.

NOTAS

- 1 - O Sikvani é uma língua pertencente à família guahibo. É falado na região do médio Orenoco na Colômbia e Venezuela. O conteúdo deste artigo foi objeto de uma apresentação oral na UFPA em 1994.
- 2 - Um *participante* é uma entidade envolvida nas condições de existência que o predicado expressa.
- 3 - *cont.* indica um prefixo verbal referindo a idéia de uma relação, presente no predicado, de continente a conteúdo ou de conteúdo a continente.
- 4 - Um *actante* é um participante necessariamente requisitado pela valência do predicado. Ele se expressa em Sikvani por um índice pessoal afixado ao predicado e, opcionalmente, por um sintagma nominal. O índice do actante I, 'sujeito', é um sufixo. O índice do actante II, 'objeto', é um prefixo.
- 5 - A *dependência* é a relação de 'posse inalienável'. O *ponto de referência* da dependência é o 'possuidor' nesse tipo de relação. Um *nome*

dependente é aquele que, em princípio, deve marcar explicitamente a relação de dependência.

- 6 - O actante III, espécie de 'objeto indireto', é um actante desprovido de expressão indicial.
- 7 - O *núcleo* é a parte da oração constituída pelo predicado e seus actantes.
- 8 - Ou seja, com redução de valência.
- 9 - Um *circunstante* é um participante externo à valência do predicado. Ele é expresso por um nome munido de uma marca de função.
- 10 - Nesta língua os verbos trivalentes tomam por actante II, 'objeto direto', o participante destinatário, e por actante III, 'objeto indireto', o participante transferido.
- 11 - Nota-se, nos exemplos, a conservação do sufixo de actante I. Por razões impossíveis de detalhar aqui os impessoais devem conservar um lugar de actante I, referencialmente vazio (cf. nota 18 e QUEIXALÓS 1994). Mais do que eliminar um lugar de actante, a recessão, nos intransitivos, equivale pois a privar o predicado de qualquer possibilidade de se associar a um actante I referencial.
- 12 - O *experimentador* é um participante desprovido de potência, ao contrário do agente; porém, menos diretamente afetado pela ação que o paciente. O experimentador se manifesta, com mais frequência, como actante I de predicado intransitivo ou actante II de predicado transitivo.
- 13 - Essas duas propriedades definem em Sikvani uma classe de funções nominais que chamo *quasi-actantes*, e da qual fazem parte, além do nome incorporado, o actante III e o agente do passivo.
- 14 - A *gradação de saliência* é um complexo onde se articulam as hierarquias gramaticais de tipo 'animacy' (COMRIE 1981) ou outras (SILVERSTEIN 1976).
- 15 - Primeira e segunda.

- 16- Os *verbóides* são uma sub-classe de verbos desprovida de flexão modal e associada a índices pessoais sufixados ('sujeito') idênticos aos do predicado nominal. Esta sub-classe opõe-se à dos verbos estritos.
- 17- Os *impessoais intransitivos* são os verbos ditos 'meteorológicos'. Eles têm um actante I necessariamente não referencial, exatamente como os *impessoais transitivos*, cujo actante II é um paciente afetado por patologias, anomalias, etc.
- 18- A *base lexical* é a entrada do dicionário, apta a receber a flexão. O *radical* é a parte lexemática da base lexical, distinta dos eventuais morfemas derivacionais.

REFERÊNCIAS

- BAKER, M. (1988) *Incorporation. A Theory of Grammatical Function Changing*, Chicago and London, The University of Chicago Press.
- COMRIE, B. (1981) *Language Universals and Linguistic Typology*, Oxford, Basil Blackwell.
- HAGÈGE, C. (1980) 'On Noun Incorporation in Universal Grammar', *Forum Linguisticum*, 4.3, pp. 241-245.
- HOPPER, P. & THOMPSON, S. (1984) 'The Discourse Basis for Lexical Categories in Universal Grammar', *Language*, 60-4, pp. 703-752.
- MITHUN (1984) 'The evolution of Noun Incorporation', *Language*, 60.4, pp. 847-894.
- QUEIXALÓS, F. (1994) *Grammaire sikuani*, ms., 916 pp.
- SILVERSTEIN, M. (1976) 'Hierarchy of Features and Ergativity', DIXON, R. M. W. (ed.) *Grammatical Categories in Australian Languages*, Canberra, Australian Institute of Aboriginal Studies, pp. 112-1.

Retenções Lexicais no Dialeto Parkatêjê-Timbira

Leopoldina Araújo
Linguísta UFPA

1. INTRODUÇÃO

A lingüística histórico-comparativa, um dos mais antigos ramos do estudo científico das línguas humanas naturais, dominante no século passado, é, ainda neste final de século, um dos mais instigantes. Havendo já sido extensamente comprovada a vinculação genética das línguas euro-asiáticas, é no domínio das línguas americanas e africanas que o estudo comparativo revela hoje seu caráter preciso e precioso. Embora exigindo para sua aplicação consistente dados foneticamente confiáveis, atualmente, com recursos matemáticos e computacionais é possível trabalhar sobre dados obtidos em registros de pessoas alheias à área lingüística, normalizando e equilibrando as distorções, de modo a obter conclusões seguras. (VEGINI, 1995)

Há quase três décadas, Irvine Davis apresentou (ESTUDOS LINGÜÍSTICOS 1. São Paulo, 1966: 20-23), no artigo *Comparative Jê Phonology* uma reconstrução da fonologia do Proto-jê, a partir da comparação de cinco línguas jê, faladas em comunidades geograficamente bem separadas dentro do território brasileiro, a saber, Apinaye e Canela, da família Timbira, no Maranhão; Suya e Xavante, no Mato Grosso e Kaingang, do Paraná.

Apresentamos aqui uma comparação dos itens do proto-jê, tal como reconstruído por Davis, com as formas do parkatêjê, por nós obtidas na comunidade que vive hoje na aldeia da Reserva Indígena Mãe Maria, sudeste do Pará, a Comunidade Indígena Parkatêjê, para evidenciar o grau de retenção lexical no sistema em questão. Em um primeiro trabalho, da década de 80,

comparamos os dados de que dispúnhamos, para registrar as mudanças ocorridas entre a protoforma reconstruída e os itens lexicais, levantando hipóteses a respeito das formas em lacuna, de nossos dados, pois, como ensina Antoine Meillet (apud MANESSY-GUITTON, 1968: 826), “Se uma articulação é conservada em uma palavra, ela é igualmente conservada em todas as palavras da língua em que ela se apresenta nas mesmas condições”. Essa afirmação estabelece que o princípio da regularidade das mudanças fonéticas é inerente às línguas humanas, assim, a par do caráter arbitrário do signo linguístico, ele constitui a base de toda demonstração que visa ao estabelecimento das relações históricas entre sistemas.

Como esperamos demonstrar no decorrer do presente trabalho, em que já trabalhamos com a lista completada do parkatêjê, esses princípios se confirmam, pelos dados do dialeto timbira por nós descrito.

2. METODOLOGIA

Começaremos pela apresentação dos quadros de consoantes e vogais dos dois sistemas, o que nos permite visualizar uma aproximação bem maior entre parkatêjê e proto-jê, do que entre as línguas analisadas por Davis e a protoforma reconstruída. Em seguida, apresentaremos as entradas lexicais do proto-jê e do parkatêjê, seguindo os seguintes critérios:

a) O significado dado por Davis seguirá o número de ordem, no alto, em maiúsculas;

b) As entradas comparadas virão abaixo, numeradas: 1. *proto-jê; 2. parkatêjê, com a correspondência letra a letra, em que, como convencionado, são representados fonemas.

c) Quando houver mais de uma forma, para cada item, no sistema atual, será/ão posto(s) entre parênteses o(s) elemento(s) do termo parkatêjê que extrapolar(em) os da protoforma, nesse caso, não deixaremos espaço entre os símbolos. Como no exemplo em (1) abaixo:

1. (095) PESADO

1. *-t ĩ
2. (hõ) t ĩ (ti)

d) Quando o significado em parkatêjê for diferente daquele dado por Davis, ele será indicado em maiúsculas, na mesma linha da forma em 2. e comentários julgados pertinentes serão oferecidos em nota no final do capítulo, como no exemplo (2) abaixo.

2. (057) MENTIR

1. *n õ *n õ r
2. n õ r (ε) Negação sentencial¹
n õ marcador sentencial de futuro

e) Quando no parkatêjê, além do significado idêntico ao proposto por Davis houver outro significado, relacionado ou não, ele será indicado como no caso em 2., precedido da palavra “também” (v. item 030).

e) Uma forma precedida de hífen, no parkatêjê, é uma base [- completa], a não ser em (045), que apresenta uma variante morfofonológica do adjetivo; uma forma seguida de hífen é um prefixo. Como no exemplo em 3., a seguir e no exemplo (001) acima.

3. (078) PÉ

1. *p a r
2. -p a r

Apresentaremos todos os 112 itens da lista de Davis, com as formas reflexo atestadas no parkatêjê.

3. CONSIDERAÇÕES INICIAIS A RESPEITO DOS DOIS SISTEMAS

Os fonemas estabelecidos para o Proto-jê e para o parkatêjê permitem constatar que em termos sistêmicos pouco houve de mudança. Há onze consoantes nos dois sistemas e quinze vogais no proto-jê face a dezesseis no parkatêjê, conforme se pode ver dos quadros apresentados.

CONSOANTES

Proto-Jê

p t c k

m n ɲ ɳ

w r z

Parkatêjê

p t c k ?

m n

w r j h

Davis afirma (pp 15) não poder definir as características fonéticas iniciais do proto fonema *z, evidenciando que no Canela - timbira como o parkatêjê - ele é refletido como /h/ e como /j/, dependendo do ambiente, além de um reflexo /r/ em final de sílaba, no dado 118. BOCA, não muito confiável, segundo ele. O parkatêjê, porém, coincide com o Canela nesse item: /iarkwa/ "boca" (de Ego).

VOGAIS ORAIS:

Proto-Jê

Anteriores	Centrais	Posteriores	Anteriores	Centrais	Posteriores
i	ɨ	u	i		u u
e	ə	o	e		ɤ o
ɛ		ɔ	ɛ		ʌ ɔ
	a			a	

VOGAIS NASAIS:

PROTO-JÊ

PARKATÊJÊ

Anteriores	Centrais	Posteriores	Anteriores	Centrais	Posteriores
ĩ	ĩ	ũ	ĩ		ũ ũ
ẽ		õ	ẽ		õ
	ã			ã	

Constata-se que, nas consoantes, o foco de mudança é o eixo nasal-palatal. Do jogo que se estabelece entre elas, três desapareceram, /ɲ/, /ɳ/ /z/, mas outras três surgiram, num jogo que reduz as nasais e privilegia a posteriorização. Note-se que da lista de Davis não é possível traçar a origem da oclusiva glotal presente no sistema parkatêjê. Nas vogais orais, igualmente, reforça-se o grupo das posteriores, com a presença de uma série posterior não arredondada, com três membros, em vez das duas centrais - alta e média alta - propostas para o proto-jê. As vogais nasais são idênticas nos dois sistemas, com o acréscimo da posterior alta não-arredondada /ɯ/, no parkatêjê.

Da lista de Davis, como dos dados do parkatêjê, constata-se que a estrutura silábica, canônica é (C)V(C), podendo a margem ascendente ser ocupada por um grupo consoantal cujo segundo membro é uma líquida ou uma aproximante. O travamento da sílaba se dá sempre por apenas uma consoante, que pode ser oclusiva, nasal ou continuante, à exceção dentre estas últimas do /w/, que só ocorre nos dados precedendo a vogal, embora para o parkatêjê eu disponha de dados sincrônicos em que esse último fonema aparece em margem descendente.

4. Lista comparativa dos étimos e reflexos

Nesta seção, passamos à lista comparativa.

(001) TEU

1. *a
2. (h) a

(002) FICAR DE PÉ

1. *c a m
2. c a

(003) QUEIMAR

1. *c ə r *c ə t
2. c e t Queimado

(004) DENTE

1. *c w a
2. -c w a
- w a Objeto pontegudo

(005) MEU

1. *i- *i c-
2. i- e j-

(006) TU

1. *k a
2. k a

(007) SAL

1. *k a - c w a
2. (mpo) c w a (hti) ²

(008) ARRANHAR

1. *k a - k r e *- k r e n
2. k j e n
- (k u) k j e Para fazer arco

(009) VERMELHO

1. *k a - m r e k *m r e
2. k a p r e k

(010) SANGUE

1. *k a m r o
2. k a p r o

(011) ESTRELA

1. *k a ŋ e
2. k a c e r kacere³

(012) PREGUIÇOSO

1. *k à ŋ a
2. k a r a (prəmti)⁴

(013) COBRA

1. *k a ŋ ã
2. k a h ã

(014) QUENTE

1. *k a ŋ r ɔ
2. k a k r ɔ (ti)

(015) ESPÍRITO

1. *k a - r õ
2. k a r õ

(016) CHÚPAR

1. *k a - z o *- z o r
 2. k a h o h o Chupar dedo
 (ku) h o Chupar bacaba

(017) CASCA

1. *k ə
 2. k ʌ

(018) RUGIR, CHAMAR

1. *k ə *k ə

r

2. Não atestado

(019) CÉU

1. *k ə c k w a
 2. k o j k w a⁵

(020) ESQUERDA

1. *k ε *-k ε c
 2. k ε

(021) PEDRA

1. *k ε n
 2. k e n
 k e n i r ε Preguiçoso (que gosta
 de ficar sentado)

(022) CABELO

1. *k ĩ
 2. -k ĩn⁶

(023) CHIFRE

1. *k o
 2. -k o
 (a) k o Borduna

(024) BEBER

1. *-k õ *k õ m
 2. k õ k õ m

(025) VENTO

1. *k o k
 2. k o k (ti)

(026) JOELHO

1. *k õ n
 2. -k o n

(027) FILHO

1. *k r a
 2. -k r a
 k r a (rE) Criança (genérico)⁷

(028) CABEÇA

1. *k r ã *k r ã j
 2. -k r ã

(029) COMER

1. *k r ě *k r ě r
 2. k r ě k r ě r

(030) CASA, TOCA

1. *k r ε
 2. k r ε também Orifício

(046) MEL

1. *m e ɲ
2. p ε n

(047) JACARÉ

- | | |
|-------------|--------|
| 1. *m i | *m i ɲ |
| 2. m i (rɛ) | |
| m i (ti) | |

(048) IR, ANDAR

- | | |
|---------|--------|
| 1. *m õ | *m õ r |
| 2. m õ | m õ r |

(049) CINZAS

- | | | |
|-----------|--------------|--------|
| 1. *m r ɔ | *m r ɔ c | *p r ɔ |
| 2. p r ɔ | (ou seria? → | p r ɔ) |

(050) VER

- | | |
|-------------|------------|
| 1. *-m u | *m ã ɲ |
| 2. (pu) p u | (pu) p u n |

(051) PESCOÇO

1. *m u t
2. -p u t

(052) RABO

1. *m i
2. -((h)a) p u

(053) SOL

1. *m i t
2. p u t

(054) MARIDO

- | | |
|-----------------------|-------------------------------|
| 1. *m z ε n | |
| 2. -p j e n | Marido vivo |
| ^{-m} p [z] e | Marido falecido ¹¹ |

(055) CHUVA

- | | |
|---------|---------------------|
| 1. *n a | |
| 2. t a | Chuva que vem longe |

(056) MÃE

- | | |
|------------|------------------------|
| 1. *n ã | |
| 2. (a) n ã | Mãe (que não a de Ego) |

(057) MENTIR

- | | | |
|---------|-----------|-------------------------------|
| 1. *n õ | *n õ r | |
| 2. n õ | n õ r (ɛ) | Negação sentencial |
| | | Marcador sentencial de futuro |

(058) OLHO

1. *n ɔ
2. -t ɔ

(059) NOVO

1. *n i w
2. ⁿt u w a

(060) MORDER

- | | |
|---------|--------|
| 1. *ɲ a | *ɲ a r |
| 2. c a | c a r |

- (061) CARNE
 1. *ɲ i
 2. h ĩ (r) ~ {-zĩr}
- (062) MÃO
 1. *ɲ i - k r a
 2. -(hõ) k r a
- (063) NARIZ
 1. *ɲ i - ɲ a - k r ε
 2. (ikruut) k r ε Narina (v. 036)
- (064) ALIMENTO
 1. *ɲ õ
 2. -h õ [zõ]
- (065) DORMIR
 1. *ɲ õ t *ɲ õ r
 2. h õ t h õ r
- (066) LÍNGUA
 1. *ɲ õ - t ə
 2. -h õ t ə
- (067) SENTAR
 1. *ɲ i *ɲ i r
 2. h u [zũ] h ũ r [zũr]
- (068) PIOLHO
 1. *ɲ o
 2. -k o

- (069) ÁGUA
 1. *ɲ o *ɲ o c
 2. k o
- (070) SECO
 1. *ɲ r ə
 2. k r ε
- (071) OVO
 1. *ɲ r ε
 2. -nk r ε
- (072) CANTAR
 1. *ɲ r ε *ɲ r ε r
 2. k r ε k r ε r
- (073) PEQUENO
 1. *ɲ r i - r ε
 2. nk r i r ε
- (074) BRAÇO
 1. *p a
 2. -p a
- (075) EU
 1. *p a
 2. p a Sozinho
- (076) ACABAR
 1. *p a *p a r
 2. *p a r Aspecto completo
- (077) PAI
 1. *p ã m
 2. (a) p a m Pai (que não o de Ego)

(094) PEIXE

1. *t ε p
2. t ε p

(095) PESADO

1. *-t ĩ
2. (hõ) t ĩ (ti)

(096) IRMÃO MAIS NOVO

1. *t õ
 2. (a) t õ
- Qualquer irmão

(097) VOAR

1. *t o *t o r
 2. (i) t o (re) Filhote de pássaro
- (a) t o r (ti) Nambu/Inambu

(098) BARRIGA

1. *t u *t u m
2. -t u

(099) CAPIM

1. *t u * t u n
2. (a) t u (ti)

(100) MORRER

1. *t i *t i k *t i r
2. t ʊ k t ʊ r

(101) PRETO

1. *t i k
2. t ʊ k

(102) GORDURA

1. *t w ə m
2. t w ʊ m

(103) BRANCO

1. *z a - k a
2. j a k a (rɛ) ¹³

(104) EXPLODIR

1. *z a k o *z a k o r
2. Não atestado

(105) ASA

1. *z a - r a
2. h a r a

(106) RAIZ

1. *z a - r e
2. -h a r ɛ

(107) CONTAR

1. *z a - r e *-r e n
2. h a r e h a r e n

(108) BOCA

1. *z a z - k w a
2. -h a r k w a

(109) OSSO

1. *z i
2. -h i

Transformou-se em /^mp/ em ##_

(042) *m a -^m p a, -p a

(045) *m ε c ^m p ε j, -p ε j

Note-se que para (042) encontramos a segunda forma apenas quando o possuidor é expresso pelo prefixo *i-*.

+ _____
(043) * -m a, m a r k a^m p a, ka^m p a r

A raiz do verbo no parkatêjê é *mpa*. Não podemos ainda explicar o morfema *ka-*. Levando em conta nossa hipótese de estar a língua passando de isolante a aglutinante, poderíamos pensar na possibilidade de ser este o morfema {kΛ} “pele”, referindo-se ao pavilhão externo da orelha (numa formulação loc/instr + V). A palavra “orelha” é *iapak*, “ouvido” é *iapakakrε*. Em ambas, portanto, recupera-se a raiz reconstruída **ma*, no reflexo *pa*

/w/, que só ocorre no proto-jê precedido de consoante mantêm-se sempre na passagem para o parkatêjê.

Portanto, em C _____

(04) *c w a w a, -c w a

(041) *k w i r k w u r

(102) *t w u ə m t w u m

(108) *z a z- k w a -a r k w a

Note-se que no exemplo (04) há duas variantes, uma que perdeu a consoante inicial e é usada no sentido de objeto ponteagudo e outra que indica o elemento do corpo humano, portanto é usada necessariamente com indicação do possuidor.

Na forma parkatêjê para (07) vemos que o radical *cwa*, provavelmente homônimo, permaneceu inalterado. Aparecem ainda o sufixo de tamanho *-ti* e o prefixo de indefinição ^m*po-*.

5.1.1.2 - ALVEOLARES

As consoantes alveolares do proto-jê são /t, n, r/. Elas não tiveram o mesmo comportamento na passagem para o parkatêjê, como vemos a seguir :

/t/ manteve-se em todos os contextos:

em # # _

(093) *t ε -t ε

(098) *t u, t u m -t u;

(102) *t w ə m t w u m

em _ # #

(036) *k u k r i t k u k r u t

(051) *m u t -p u t

(079) *p a t p ə t ə r ε

Note-se que em ((079), à palavra atual no parkatêjê foi acrescido o sufixo *-rε*¹⁶, o que provoca o surgimento diacrônico de uma vogal homorgânica à do radical, que pode ser idêntica a ela, como neste exemplo, processo produtivo ainda hoje em parkatêjê.

em V\$ _____

(066) * ō t o -ō t o;

em + _____

(095) *t ī h ō t ī t i

Quanto a (095), note-se que no parkatêjê atual, *-ti* é sufixo de tamanho (cf. nota 16) *tī*, portanto, deve ser o radical.

/n/ manteve-se em # # _____

(056) *n ã a n ã

Houve aí mudança de contexto porque no parkatêjê *anã* é o termo empregado para a mãe de outro que não ego, assim, parece-nos ter incorporado o prefixo de posse *a-* (teu);

manteve-se ainda em ___##

- (020) *kɛn ken
 (026) *kõn kon
 (054) *mzɛn pien; mpje

Transformou-se em /ʳt/

- (059) *niw ⁿtuwa, -tuwa
 /r/ manteve-se em todos os contextos na passagem do proto-jê ao parkatêjê.
 (087) *rã -rã
 (089) *rop rop
 (09) *ka-mrek kaprek
 (027) *kra -kra
 (029) *krẽ krẽkrẽr
 (036) *kukrit kukrit
 (083) *prõ -prõ
 (015) *karõ karõ
 (105) *za-ra hara, jara;
 (081) *pĩ, pĩr pĩr
 (057) *nõ, nõr nõr

5.1.1.3 - PALATAIS

As consoantes palatais do proto-jê são /c, ɲ, z/. Destas, apenas /c/ se manteve em alguns contextos. As outras duas sofreram modificações, que explicitaremos em 5.2.1.

/c/ manteve-se em ##___

- (02) *ca, cam ca
 (03) *ca, cat cet
 (04) *cwa wa, cwa;
 + ___
 (085) *pi-ci, pi-cit pɯcitiɾɛ
 (07) *ka-cwa mpocwahti
 V__V
 (110) *zici hici

5.1.1.4 - VELARES

As consoantes velares do proto-jê são /k, ŋ/. Delas, apenas /k/ se manteve em todos os contextos onde aparece.

em ##___

- (06) *ka ka
 (23) *ko ko
 (41) *kwir kwɯr

em + ___

- (062) *ɲĩ-kra hõkra; -zõkra
 (108) *zaz-kwa -arkwa

A raiz da palavra deve ser kra no parkatêjê; hõ- é um indicador de posse,¹⁷

em ___##

- (09) *ka-mrek kaprek

5.1.2 - VOGAIS

Os dados permitem-nos comprovar a manutenção de todas as vogais do proto-jê, na passagem para o parkatêjê, nos mais diferentes contextos. Vejamos a seguir cada grupo estabelecido a partir da distribuição na cavidade bucal: anteriores, centrais, posteriores. As vogais nasais são interpretadas fonemicamente como unidades, distintas de suas contrapartes orais.

5.1.2.1 - ANTERIORES

As vogais anteriores do proto-jê são /ɛ, e, ẽ, i, ã/. Todas elas se mantiveram no sistema, nos contextos que veremos a seguir.

/ε/ manteve-se em ___##	
(030) *kre	krε
(070) *ŋrε	nkrε
em C___	
(045) *mεc	m pεj, -pεj
(094) *tεp	tεp

/e/ manteve-se em ___##	
(11) *kape	kacer
em CC___C	
(09) *ka-mrek	kaprek

/ē/ manteve-se em C___	
(029) *krē, krēr	krē, krēr
(092) *tē, tēm	tē, tēm.

/i/ manteve-se em ##___+	
(05) *i-	i-
(073) *ŋri-rε	nkrirε
em ___##	
(109) *zi	-hi;
em _/\$	
(110) *zici	hici

/ĩ/ manteve-se em ___##	
(080) *pĩ	pĩ
(095) *-tĩ	hōtĩti
e em C___	
(067) *pĩ, pĩr	zĩ, zĩn.

Em (095), a raiz deve ser -tĩ no parkatêjê -ti é sufixo de tamanho, hō- é prefixo cujo significado ainda desconheço ou talvez é um elemento já incorporado à raiz. De qualquer forma foi transformado o contexto de ocorrência de /ĩ/.

5.1.2.2- CENTRAIS

As vogais centrais do proto-jê são /a, ā, ə, i/. Delas, mantiveram-se em alguns contextos, na passagem para o parkatêjê, apenas /a/ e /ā/.

em ##___	
(01) *a	a-, ha-;
em ___##	
(02) *ca, cam	ca
(04) *cwa	wa, -cwa;
em ___+	
(07) *ka-cwa	mpəcwahti
(09) *ka-mro	kapro;
em C___C	
(060) *ɲa, ɲar	ca, car.
/ā/ manteve-se em ___##	
(028) *krā	krā
(087) *rā	-rā;

5.1.2.3 - POSTERIORES

As vogais posteriores do proto-jê são /ɔ, o, õ, u, ũ/. Elas todas estão ainda no sistema parkatêjê, como vemos a seguir.

/ɔ/ manteve-se em C___	
(014) *kaɲrɔ	kakrɔti
(082) *pɔ	pɔ
(058) *nɔ	-tɔ

Em (014) houve mudança do contexto, no parkatêjê, pelo acréscimo do sufixo -ti;

(089) *rɔp	rɔp.
------------	------

/o/ manteve-se em C__

(010) *k a - m r o	k a p r o
(023) *k o	-k o
(111) *z o, z o c	-h o,
(025) k o k	k o k t i.

/õ/ manteve-se em C__

(015) *k a r õ	k a r õ
(024) *-k õ	t o k õ, k õ m;
(057) *n õ, n õ r	n õ r ε;
em /\$	
(066) *j ã - t o	h õ t o.

/u/ manteve-se em C__

(038) *k u p u	k u p u
(036) *k u k r i t	k u k r i t
(051) *m u t	p u t
(098) *t u, t u m	-t u
(050) *m u, m u n	p u, p u n

5.2 - MODIFICAÇÕES OCORRIDAS

Apesar de os sistemas vocálico e consonantal terem se mantido praticamente iguais do proto-jê para o parkatêjê, houve bastante movimento entre os fonemas. Em geral, porém, as mudanças só esvaziaram parcialmente o campo de alguns fonemas e alargaram um pouco o campo de outros. Dentre as consoantes, duas se perderam por completo, uma outra apenas perdeu seu caráter distintivo, permanecendo na língua parkatêjê como alofone de dois outros fonemas. Nas vogais estabelece-se, no parkatêjê, novo contraste pelo acréscimo da correspondente oral de uma central nasal existente no proto-jê.

Veremos a seguir as mudanças que pudemos constatar entre consoantes e vogais.

5.2.1 - NAS CONSOANTES

Nos fonemas consonantais, o foco de mudança é o eixo nasal-palatal. Do jogo que se estabelece entre elas e as demais no sistema, resulta o desaparecimento das duas mais recuadas e o surgimento de dois fonemas em parkatêjê. É o que nos mostram os quadros 2 e 3.

p	t	c	k		p	t	c	k	?
m	n	j	ŋ		m	n			
w	r	z			w	r	j	h	

Quadro 2- eixo nasal
palatal em proto-jê

Quadro 3 - resultado das
modificações no sistema parkatêjê

Reconhecemos neste jogo das consoantes um fenômeno de queda, um surgimento, um desdobramento e cinco casos de mudança de traços, conforme apresentamos a seguir:

Apócope de /ŋ, c / temos um único exemplo de apócope do /n/. E ela se dá no contexto de [+nas]__, sendo que aparece para o proto-jê também a forma apocopada

(047) *m ã, m ã ŋ	m ã r ε, m ã t i
-------------------	------------------

A apócope de /c/ se dá também em palavras que apresentam a forma apocopada no proto-jê.

(069) *ŋ o, ŋ o c	k o
(111) *z o, z o c	-h o

O caso único de apócope de /m/ que constatamos parece dever-se a uma lacuna em nossos dados do parkatêjê. Ele se dá em uma forma verbal e visto que há um outro caso de /m/ em final de verbo passando a /n/ no parkatêjê, acreditamos que esta

seja a realidade diacrônica. Confrontem-se os exemplos (092) e (02) abaixo. Dizemos que a lacuna está no dado parkatêjê para (02).

(092) *t ê, t êm t ê t ên
(02) *c a, c a m c a

Paragoge de /r, h/ temos um único exemplo de /r/ final.

(011) *k a η e k a c e r.

E só um eventual desenvolvimento de /h/ no final de uma raiz proto-jê, que no parkatêjê passa a limite de morfema.

(07) *k a - c w a m p o c w a h t i

Desdobramento de /η/

A nasal velar do parkatêjê desdobra-se, como vimos ocorrer com /m,n/, em um grupo de *nasal silábica mais obstruinte* [nk]. tratamos este caso diversamente do desdobramento de /m/ e /n/ porque apesar de a obstruinte ser velar como a consoante nasal que lhe deu origem, a nasal silábica que a acompanha é claramente alveolar. Vemos assim que enquanto /m/ e /n/ se mantiveram com um alofone silábico, /η/ desapareceu por completo do sistema. São exemplos do desdobramento dessa nasal, todos em ## ___ r:

(071) *η r ε n k r ε
(073) *η r i - r ε n k r i r e

Desnasalização (com ensurdecimento)

A mudança de [+nas] > [-nas] se dá concomitantemente com [+son] > [-son], nas consoantes cujas homorgâmicas compartilham com elas o traço [-relaxamento retardado] = m > p; n > t; η > k. os contextos são semelhantes algumas vezes mas

a natureza restrita do corpus estudado não permite generalizações, por isso vamos ver cada caso isoladamente.

m > p em [##] ___ r

(09) *k a - m r e k k a p r e k
(10) *k a - m r o k a p r o

em ## ___ V

(050) *m ã, m ã η p u, p u n
(053) *m i t p ɨ t

em ## ___ Z

(054) *m z ε n p j e n

n > t em ## ___ V

(055) *n a t a
(058) *n ɔ -t ɔ

η > k em ## ___ V

(068) *η o -k o
(069) *η o, η o c k o

Coronalização

Entendemos sob este título a passagem de consoante [+nasal, -coronal] a uma [+coronal] que pode ser [±nasal]. São dois os casos que assim rotulamos: m > n; η > c. Ainda aqui explicitamos cada um separadamente.

m > n em V ___ ##

(092) *t ê, t êm t ê, t ên

Pode ser que esta mudança fonológica tenha implicações morfológicas já que essa nasal final - do que pudemos perceber

- é morfema de passado em um certo grupo de verbos, no gavião.

ɲ > c em \$/

(011) *k a ɲ e k a c e r

em ## ____

(060) *ɲ a, ɲ a r c a, c a r

Desconsonantização

Entendemos sob este título a passagem de uma consoante [+nasal] a um glide aspirado, / h /. São dois os casos que assim rotulamos: ɲ > h; ŋ > h.

ɲ > h em ## ____ ^V +nas

(061) *ɲ ĩ h ĩ r, -z ĩ r

(065) ɲ õ t h õ t;

ŋ > h em V ____ ^V +nas

(013) *k a ŋ ã k a h ã

(065) *ŋ õ r h õ r

Sonantização

Entendemos sob este título a passagem de uma consoante palatal [-nasal] a um glide. São três os casos que assim rotulamos: z > j; z > h; c > j.

z > j em ## ____

(033) *k r i z k r u j t i

(035) *k u k o z k o k o j;

em C ____

(054) *m z e n p j e n

em ## ____

(103) *z a - k a j a k a

(105) *z a - r a j a r a

(106) *z a - r e -j a r e

(107) *z a r e, -r e n j a r e, j a r e n

(108) *z a z - k w a -j a r k w a

z > h Esta sonantização implica também a mudança do traço [+alto] para [-alto], concomitantemente. Ela se dá em:

\$/

(039) *k u - z õ, -z õ n k o h õ, k o h õ r

(040) *k u - z ï k u h u

(110) *z i c i h i c i

(111) *z o, z o c -h o.

c > j /\$

(019) *k o c k w a k o j k w a

Rotacismo

Encontramos no corpus examinado três casos de passagem de um fonema - no caso, dois nasais e um oral - para /r/.

ɲ > r \$/

(012) *k a ɲ a k a r a p r a m t i

A palavra parkatêjê tem dois sufixos: -pram, que gosta de; -ti, aumentativo.

ɲ > r em ## ____ , numa forma verbal.

(039) *k u - z õ ɲ k o h õ r

z > r em \$/

(108) *z a z - k w a a r k w a

5.2.2 - NAS VOGAIS

Nos fonemas vocálicos é impossível estabelecer um foco de mudança ou um movimento preciso do tipo grande “rotação vocálica”. Houve movimentação geral, em todos os sentidos e temos a manutenção de todos os fonemas do proto-jê, o surgimento de um novo fonema oral e a substituição de um fonema nasal por outro, o que permitiu completa simetria no sistema das vogais nasais.

Retomamos aqui os quadros de vogais do proto-Jê e do parkatêjê, apresentando lado a lado vogais orais e nasais.

i	ĩ	ɨ	ũ	u	ũ	i	ĩ	ɨ	ũ	u	ũ
e	ẽ	ə	o	õ	e	ẽ	ɣ	o	õ		
ɛ	a	ã	ɔ	ɛ		ʌ	ɔ				

Quadro 4 - vogais do
proto-jê

Quadro 5 - vogais do
parkatêjê

Os fenômenos de mudança que se deram entre as vogais são de ordem variada. Não procuramos aqui as causas de cada alteração. Limitamo-nos à apresentação dos fenômenos e seus contextos de ocorrência. São eles: paragoge, anteriorização, posteriorização, abaixamento, alteamento, desnasalização.

Paragoge de /ɛ/

Temos apenas um caso de surgimento do fonema em posição final, em /r/ ____.

(057) *n õ, n õ r n õ r ɛ

Neste caso especificamos a consoante precedente pelo fato de nos parecer que há motivação morfológica para esse aparecimento de /ɛ/: analogia com o sufixo -rɛ. Ocorre o mesmo processo em kacer que é alternativamente dito [kacer] ou [kacerɛ].

Anteriorização

Houve apenas um caso no corpus.

ə > e em ____ C [+alv]

(03) *c a r, c ə t c e t

Posteriorização

Quando se deu, houve um arredondamento concomitante.

Há dois casos no corpus.

ə > o em ____ C [+pal]

(019) *k ə c k w a k o j k w a

i > u em ____ [w]

(059) n i w n t u w a

Abaixamento

Dos três casos, um resultou na criação do novo fonema vocálico.

ə > ʌ e > ɛ e u > o em /\$

(017) *k ə k ʌ

(106) *z a - r ɛ h a r ɛ

(035) *k u - k o z k o k o j

(039) *k u - z õ k o h õ

Alteamento

Os alteamentos de que temos evidência no corpus se dão entre as centrais e as anteriores. São eles:

ə > ɨ em ____ C [+nas]

(102) *t w ə m t w ɨ m

ɛ > e em ____ C [+nas]

(020) *k ɛ n k e n

(054) *m z ɛ n p j e n

a > ə em C [-nasal] __
 (079) *p a t p ə t ə r ə

Desnasalização

Aparecem no corpus três casos apenas, dois deles em

C [-nas] __ C [+nas]

ã > a

(077) *p ã m a p a m

õ > o

(026) *k õ n -k o n ;

o outro em C [+nas] __ C [+nas]

ũ > u

(050) *m ũ ŋ p u n .

7 - CONCLUSÃO

Este trabalho, sobrevôo para detetar problemas, permite-nos conclusões de três ordens.

Primeiro, quanto à própria atividade de pesquisa, reiterou a necessidade de se estar atento para a interferência do pesquisador, enquanto falante de outra língua, na exata apreensão dos fatos observados. Isso é mais importante quando se está trabalhando em fonologia e sem material sofisticado.

Depois, quanto aos dados básicos a que nos ativemos - a lista de Davis - é preciso dizer que ela impõe limitações. Além de conter apenas 112 itens, nem todos os alofones sincrônicos puderam ser representados, no parkatêjê. Exemplo disso é a ausência dos condicionados por fenômeno de junção. De toda maneira, acreditamos que uma extensão válida do trabalho poderia ser feita comparando os dados do parkatêjê com os do Canela e Apinayé, pelo menos, as línguas mais próximas daquela que estudamos, em um de seus dialetos.

Ainda a respeito da lista é preciso dizer que nos itens (034) e (063) as palavras correspondentes ao mesmo significado no

parkatêjê não parecem ter exatamente o mesmo radical proto-jê. Para “comer”, o verbo em parkatêjê kukrê parece-nos ter como radical krê. É uma questão que fica para ser investigada no campo. Para “nariz” a palavra do parkatêjê, parece não ser nem mesmo cognata, pois krɛ, que ocorre no proto-jê, também ocorre no parkatêjê com significado de ofício, tanto isolada como em compostos; no termo parkatêjê para “nariz” temos o prefixo de posse i- e o radical krut; para “narina”, o termo é ikruutkrɛ.

O terceiro tipo de conclusão diz respeito ao objetivo inicial do trabalho: preencher as lacunas da nossa lista parkatêjê, em relação à lista de Davis. É o que faremos a seguir, com as discussões que se apresentarem.

As lacunas estão em nossa lista para os itens (018) (031) e (104). Para o primeiro e o último, supomos as formas indicadas abaixo; (031) deveria normalmente ter a mesma forma, em parkatêjê, porém, há /krɔr/, no sentido de “esburacado”, por exemplo quando se fala da parede de palha de uma casa que apresenta buracos. É a mesma palavra para falar de “manchas redondas”, como no nome da “onça pintada” /ɔpkrɔr/ ou da pintura de festa daqueles da metade “hàk” (gavião), que se diz /krɔr/.

(018) *kə, kər > ke, ker (v. (03))

(104) *zako, zakor > hako, hakor (v. (103),(106))

Como referimos no início do artigo, é surpreendente a semelhança das formas parkatêjê com as propostas para o proto-jê, o que sugere uma revisão daquela proposta, com ampliação do número de dados.

NOTAS

- 1 - Essa negação também aparece sob a forma fonética [nuare], que, a nosso ver, pode ser interpretada como {nõ are}. Nesse caso {are} poderia ser um enfático, o que faria com que a frase negativa, caracterizada pela aposição de /nõre/ ~ [nuare] à sentença cuja ordem é SOV, de fato tivesse uma construção do tipo *AFIRMAÇÃO* + “*mentira mesmo*”.
- 2 - { mpo- } -é pronome indefinido que se usa tanto em interrogativas como prefixado a base nominal inalienável (eu denomino [- completa], para indicar a existência de um possuidor obrigatório, numa relação, de fato, de parte/todo; { -ti } é sufixo de tamanho : basicamente “grande”, nos nomes, embora possa assumir outras conotações (v. ARAÚJO, 1989) e corresponde a intensidade, “muito” nos adjetivos.
- 3.- As pronúncias [ka'cer] [ka'ce're], para “estrela” alternam-se na fala atual. { -re } é sufixo de tamanho: basicamente “pequeno” nos nomes, embora, como o { -ti } (v. Nota 2) possa assumir outras conotações.
- 4.- { prãm+ti } é traduzido por “estar com vontade de”, “I mã prãmti” ~ “I mã prãm nire” significa “Estou faminto/Eu estou muito faminto”. Veja-se o { - ti } intensificador.
- 5 -{ kwa } é um morfema que poderia ser traduzido como “arco” (TURNER, informação pessoal) e aparece na língua tanto em sentido próprio como em sentido figurado. São exemplos respectivamente, /iparkwa/ “arco do pé” e /mekwatuwa/ “classe dos jovens iniciados” ou, na linguagem corrente, “rapaziada”,
- 6 - Os parkatêjê de quem obtive os dados dizem /ikrã/ indistintamente para “cabeça” e “cabelo”, de Ego, no caso, porém reconhecem /ikĩn/ como sinônimo para “cabelo”.
- 7 - “Filho” é a mesma base, mas precedida obrigatoriamente do prefixo de posse, portanto com o traço semântico [- completo].
- 8 - A forma para “estragado” é /krɔr/.
- 9 -Discordo da postulação de *ku para “comer”. Em parkatêjê, como em outras línguas jê, existe o prefixo {ku-} indicador da transitividade do verbo, quando o objeto está ausente da frase. Em parkatêjê, por exemplo, *Ma ku me kukrê!* “Vamos comer!”, mas *Tôn te kra krêr* “Tôn comeu paca”.
- 10 - A forma com consoante oclusiva surda pré-nasalizada ocorre, por exemplo, com o prefixo de posse de 1a. pessoa { i- }, enquanto que a forma com a oclusiva simples ocorre quando o possuidor é representado por um nome, por exemplo: /kapɾanipa/ fígado de jabuti. Mesma situação dos itens (042), (045) e (051).

- 11 - Registro as duas formas, embora [z] só tenha esta ocorrência em oposição, nos meus dados. [z] ocorre em variação condicionada com [j] e com [h], em outros dados, como se vê em (064).
- 12 - Os termos de parentesco, em parkatêjê têm formas diferentes para “vivo” e para “falecido”. Esposa viva é [intia].
- 13 - O fonema /j/, inicial, realiza-se como [h] em fronteira de silêncio. Ex. [hakare] “branco”, mas [kaprekjakare] “alaranjado”. É a mesma situação dos dados 105 a 108.
- 14 - O fonema /h/ aqui realiza-se hoje como [z], em fronteira de palavra. Por exemplo, [i'mãazi'ci] “Me diz teu nome”.
- 15 - Esta indicação será um prefixo de posse, i (meu), ha- (teu) i ? (dele/a), p. ex., ou então um nome, forma livre.
- 16 - Este é um sufixo de tamanho, significa pequeno o outro sufixo de tamanho é -ti, grande. Eles, segundo estamos estudando em outro trabalho, parecem constituir-se em morfemas derivacionais e não flexionais no parkatêjê.
- 17 -Indica posse, mas não o possuidor, como se dá com os prefixos i -, ha- de que falamos na nota 15

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, L. *Semântica gerativa; um estudo do dialeto gavião-jê* Dissertação de mestrado, Florianópolis, UFSC, 1977.

_____. *Um aspecto do léxico gavião: derivados em -re/ -ti.* (trabalho final de curso), Rio de Janeiro, UFRJ, 2º semestre de 1979.

_____. *Tamanho como processo derivacional no gavião-jê.* (Comunicação apresentada à XII Reunião Brasileira de Antropologia), Rio de Janeiro, julho de 1980. DAVIS, I. 'Comparative Jê Phonology'. Estudos Lingüísticos. São Paulo, Associação Brasileira de Lingüística, 1 (2) p. 10 - 24, dezembro/1966.

DELL, F. *Les règles et les sons: introduction à la phonologie générative.* Paris, Hermann, 1973.

LEHMANN, W.P. *Introducción a la lingüística histórica.* Madrid, Gredos, 1969.

SCHANE, S. *Fonologia gerativa.* Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

Impressão e Acabamento



Trav. Rui Barbosa, 491 – Reduto
Belém – Pará – 66.053-260